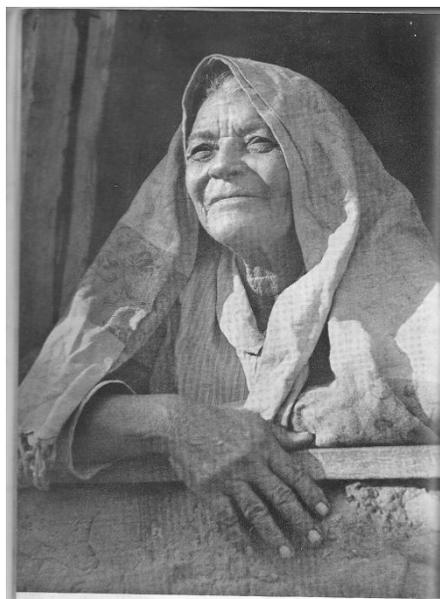
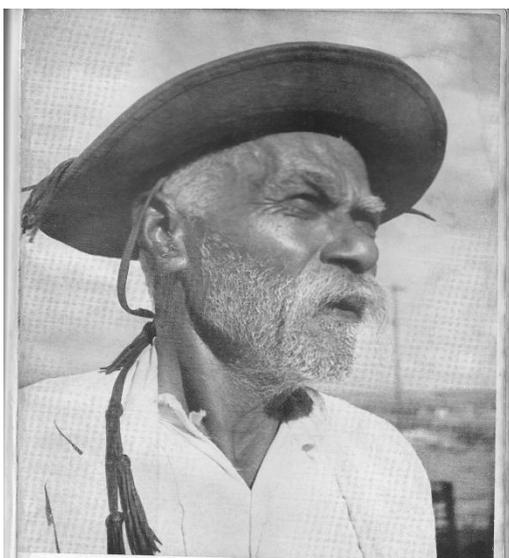


Unesco - EdUneb

RAÇAS E CLASSES NO BRASIL RURAL

Pesquisa coordenada por

Charles Wagley.



Raça e Sociedade

CRÉDITOS

RAÇAS E CLASSES

NO BRASIL RURAL

**Pesquisa efetuada sob a direção de
Charles Wagley, da Universidade de Columbia.**

Fotografias de Pierre Verger.

Ia. Edição em Português. Tradução da Equipe UNEB

UNESCO – EDUNEB- PPGEDUC



APRESENTAÇÃO 1 – UNESCO
Dr. Célio Cunha

APRESENTAÇÃO 2 – Equipe UNEB.

Como parte de suas atividades no Programa de Qualificação Institucional – PQI /CAPES/UNEB (PROMEBA REDEMEMO), a profa. Dra. Jaci Menezes realizou estágio de pesquisa no Departamento de Sociologia da Universidade de S. Paulo, no ano de 2005, como professora visitante. Na ocasião, pesquisando na biblioteca da FFLCH em busca de possíveis propostas para Educação na década de 1950, no Brasil, em especial em torno à obra de Florestan Fernandes e a partir de referência no capítulo dirigido ao Centro Brasileiro de Estudos Pedagógicos, do livro Educação e Sociedade no Brasil, daquele sociólogo, encontrou em um documento publicado pelo Museu do Estado da Bahia – vinculado à Secretaria de Educação e Saúde conduzida por Anísio Teixeira - as bases para o sistema de planejamento da Secretaria no Estado no período 1947 a 1950: o texto que vai em Anexo I. Esta proposta metodológica é levada, no final dos anos 1950, por Anísio Teixeira, para o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. ¹

Segundo o informe, escrito por Thales de Azevedo, Costa Pinto e Charles Wagley para um seminário realizado pelo Universidade de Columbia em 1950, o Estado da Bahia foi dividido, para fins de estudo e planejamento, em seis *zonas ecológicas*: Recôncavo, Sertão do Nordeste, Florestas do Sul, Planalto Central, Vale do São Francisco e Planalto Ocidental. Tomando inicialmente o Recôncavo, o Sertão do Nordeste e o Planalto Central, foram realizados estudos em duas localidades de cada uma delas, procurando captar a tensão tradição, decadência e isolamento x prosperidade, progresso e modernidade.

Nessas três regiões seriam, assim, realizados estudos de comunidade, procurando não tratá-las como *unidade isolada*, mas considerando as suas relações com a região e a nação. O estudo, realizado por bolsistas da Columbia University, estava sob a coordenação do prof Charles Wagley (WAGLEY, 1950, pág 19). Estes estudos seriam complementados, na Bahia, por Thales de Azevedo e por L.A. Costa Pinto – que realiza também estudo na cidade do Rio de Janeiro; e por estudo sobre a Região do S. Francisco, realizado por Donald Pierson com o apoio da Companhia do Vale do S. Francisco, publicado apenas em 1972.² O material, publicado pela UNESCO, antecede os estudos realizados a partir de 1950 em outros estados do Brasil, notadamente em S. Paulo, pelo Grupo da Universidade de S Paulo, sob a coordenação dos professores Drs. Roger Bastide e Florestan Fernandes e no Rio de Janeiro pelo professor Luis Aguiar de Costa Pinto.

Estes estudos na Bahia foram o embrião - ou o núcleo - da implantação da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, criada pela Constituição Baiana de 1947. A Fundação, proposta e criada por Anísio Teixeira, deveria servir de suporte à atividade de pesquisa para o planejamento, mas principalmente era também o núcleo da pesquisa como atividade vinculada à ciência, ao fazer científico. Apresentamos nota sobre o material encontrado no texto *Contemporaneidade, modernidade: Educação e planejamento regional*. (MENEZES. 2006). Enfim, os estudos foram incorporados ao que se chama nos meios

¹ Ver, a respeito, Florestan Fernandes, Educação e Sociedade no Brasil, capítulo... S. Paulo, Editoras , 196....

² O "Projeto Columbia" é também objeto de um Programa de Cooperação Acadêmica / CAPES entre a UNEB, a UESB, a UNICAMP E A PUC-SP.

acadêmicos de *Projeto UNESCO de pesquisas sobre relações raciais no Brasil*, tendo sido publicados, em inglês e francês, pela UNESCO, 1951, sob o título *Races et classes dans le Brésil Rural*. Ver, a respeito, WAGLEY, 1951 e FERNANDES, 1966, com relação à ação posterior de Anísio Teixeira no CBPE.

Tomamos então a iniciativa de nos dirigir ao escritório da UNESCO no Brasil, na pessoa do Dr. Célio Cunha, para propor a republicação, depois de traduzido em português, do livro *Races et classes dans le Brésil Rural*, como atividade conjunta entre aquele organismo internacional e a Universidade do Estado da Bahia, como ação do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, convidando professores da sua linha de pesquisa sobre "Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural" para a tradução dos diversos capítulos. O trabalho foi realizado também em articulação com o Centro de Estudos sobre as populações Afro-Indo-Americanas, também a Universidade do Estado da Bahia, convidando ainda o prof. Dr. Antonio Sérgio Guimarães, do Departamento de Sociologia da USP, para conosco apresentar o trabalho feito ao novo público que estuda as relações raciais no Brasil e suas relações com a educação. Aceita a proposta, a equipe procedeu aos trabalhos, que ora apresentamos ao público.

O livro está organizado em seis capítulos (aqui incluídos, Prefácio e Introdução), cabendo aos professores drs. Jaci Maria Ferraz de Menezes, Livia Britto, Elizabete Conceição Santana, Wilson Roberto de Mattos, Delcele Mascarenhas Queiroz, Marcos Luciano Messeder e Livia Fialho, todos da UNEB, a sua tradução³.

Em todos os textos, seus autores chamam a atenção de que o conceito de raça apresentado é um conceito sociológico; e o coordenador da pesquisa, o Dr. Charles Wagley, que realizou sobre uma comunidade amazônica amplia a pesquisa para além das fronteiras da Bahia, possibilitando as comparações entre dois espaços distintos: a região da Bahia, de maior presença negra (exceção à comunidade de Monte Santo, denominada de Monte Serrat, no Semiárido baiano, que na ocasião da pesquisa não tinha uma presença negra tão marcada).

A metodologia definida pelo grupo de pesquisa é comum a todas as comunidades; e, além da imersão no grupo estudado, que possibilitava uma convivência e a observação da sua vida cotidiana, são aplicados instrumentos de pesquisa em que se combina a classificação em escala de valores com o suporte do uso de fotografias de homens e mulheres característicos das diversas comunidades e dos mesmos tipos raciais. São recolhidos, tanto através destes instrumentos como da observação na comunidade, estereótipos e formas de verbalização que mostram a natureza das relações entre os diversos grupos, as formas assumidas pelo preconceito e as estratégias de inclusão/exclusão dos elementos dos diversos grupos, na busca de ascensão social.

No estudo sobre a comunidade do Recôncavo baiano, o prof. Hutchinton, mostra as relações entre os diversos tipos raciais. Sua descrição dos tipos raciais, segundo sempre os resultados da pesquisa, permite conhecer as formas detalhadas de descrever e diferenciar os diversos

³ Alguns membros deste grupo participaram nos anos 1990 das atividades do Grupo de Pesquisa "A cor da Bahia", criado, na Ufba, pelos profs. Drs. Antonio Sérgio Guimarães e Nadia Guimarães. Seguem, hoje na UNEB, com estudos sobre as relações raciais na Bahia e suas influências no acesso à educação.

grupos na ocasião. Para além disto, mostra a sobrevivência de um grupo que forma uma espécie de “casta”, composto de “brancos” descendentes dos antigos proprietários e compondo uma espécie de aristocracia rural. De outro lado, identifica também, nas usinas de açúcar que então floresciam, o início da implantação das relações de trabalho fundadas no assalariamento.

O texto de Marvin Harris é resultado de seus estudos de comunidade na região do Planalto Central da Bahia, hoje mais conhecida como Chapada Diamantina. Seguramente cada um de nós lembrará de ter ouvido estereótipos sobre os diversos grupos étnicos que compõem nossa sociedade plural, semelhantes aos que ele encontra e descreve. Certamente a situação da pequena cidade do interior da Bahia em 1950 já não é a mesma. Mas o estudo feito na ocasião pode ajudar na reflexão sobre as formas de reprodução de estereótipos e preconceitos sob a capa de *brincadeiras*, como ainda hoje encontramos entre os grupos de jovens nas escolas ou entre pessoas nos bairros das cidades e, repetidas, em voz baixa, no interior das famílias.

O estudo sobre a região Nordeste do Estado, desenvolvido por Ben Zimmermann, aparecem fortemente os *caboclos* – mestiços de índios e de brancos – e sua importância numa cultura em que a pecuária fortalece a figura do vaqueiro. Aqui, a presença do negro é menor. Os estudos baseiam-se também em escalas de distância social, bem como nas escalas de valores, com evocações provocadas a partir de fotografias. Já o estudo sobre Itá, uma comunidade Amazônica, foi agregado pelo próprio Wagley no livro, para fazer um contraponto aos resultados obtidos para as comunidades das pequenas cidades das regiões da Bahia. Aqui, o grupo mais negativamente discriminado são os índios. É extremamente interessante observar a presença de preconceitos e formas de discriminação entre os diversos grupos sociais-raciais nas quatro comunidades; entretanto, estes se apresentam de forma diferenciada, mostrando especificidades locais.

É interessante, no texto do Prefácio e das suas Considerações Finais, a preocupação do coordenador da pesquisa, o prof. Charles Wagley, com a situação encontrada. Parte, sempre, da diferença entre a situação do Brasil com o de países como os EEUU e países da África, em que as linhas de demarcação das relações raciais eram bem rígidas; e usa, embora somente duas vezes, a expressão democracia racial quando se refere ao Brasil: na abertura e no final da conclusão. Na primeira, diz:

“O Brasil é um país reconhecido no mundo por sua democracia racial. Apesar de sua enorme área, de dimensão continental, o preconceito em relação à raça e a discriminação são moderados, quando comparados com a mesma situação em muitos outros países”.

Na parte final do livro, preocupado com os resultados que encontrou e com as perspectivas de futuro, no pós-guerra e dado ao início do processo de desenvolvimento industrial adotado, conclui:

Mas o futuro não está isento de perigo. É possível ver nas comunidades rurais como nos grandes centros urbanos, a aparição de medidas discriminatórias, de tensão e de preconceitos fundados sobre a raça.

Foi possível observar ¹ que, à medida que a desvantagem dos negros e dos mestiços diminui ao melhorar sua condição econômica e eles adquirem instrução, a posição da classe superior branca se encontra diretamente ameaçada. Por reação, o critério racial tende a ganhar importância no plano social e, ao mesmo tempo, os preconceitos, as tensões entre grupos raciais e as medidas discriminatórias correm o risco de se agravar. (...)

*(...) Consciente dos perigos que guarda o progresso técnico, e resolvido a evitá-los, o Brasil saberá beneficiar-se das vantagens que lhes oferecem seus recursos ainda não explorados, **sem renunciar a sua fecunda tradição de democracia racial.***

Ou seja, a primeira e a última frase do livro. Nos dois textos, usa a expressão *democracia racial* sem negar a presença de preconceitos e formas de discriminação. Mostra, assim, sua fala, o cuidado de um estrangeiro prestando contas de uma pesquisa sobre outro país? Caberia aqui a observação de Oracy Nogueira, de que, por conta das características internas das relações raciais de seu próprio país os pesquisadores norte-americanos não conseguiriam perceber os preconceitos raciais e as formas de discriminação existentes em nosso país? Segundo este, os brasileiros tendem a negar ou subestimar o preconceito, enquanto que os norte-americanos, acostumados ao preconceito como existe em seu país, não conseguem sequer ver o preconceito no Brasil. O preconceito, tal como existe no Brasil, cairia abaixo do limiar de percepção de quem se formou na atmosfera cultural dos EUA. Deste modo, os dois grupos negariam o preconceito racial no Brasil...

Os resultados dos trabalhos de pesquisa, datados de 1950, são particularmente interessantes, tanto para conhecermos melhor a Bahia, as possíveis diferenças entre as várias regiões do Brasil e as mudanças que o tempo pode ter trazido às questões então estudadas ao final destes quase sessenta anos.

Nos animamos em fazer a tradução do livro e, ainda mais, em trazê-la a público, dado a sua importância para refletirmos um pouco mais sobre a história das relações raciais no Brasil e na Bahia e as demandas possíveis que o seu estudo podem trazer para a Educação; mais ainda, para possíveis propostas para a construção de uma Ética da Coexistência no Brasil do século XXI.

REFERÊNCIAS para a tradução:

AZEVEDO, Thales – Povoamento da cidade de Salvador. Ed. Itapuã. Salvador, Bahia – 1969.

AZEVEDO, Thales, - Classes Sociais e Grupos de prestígio na Bahia – in Ensaios de Antropologia, Salvador, Publicações da Universidade da Bahia, 1959 – p 105 a 120

BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan - Brancos e Negros em S. Paulo. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.

FERNANDES, Florestan – Educação e Sociedade no Brasil. S. Paulo, Dedalus Editora /Editora da USP. 1966.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio – O Projeto UNESCO na Bahia in

<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag>.

MENEZES, J. M. F. Contemporaneidade, modernidade: Educação e planejamento regional. In: Lima Jr, Arnaud Soares de, e Hetkowski, Tânia Maria. (Org.). Educação e

Contemporaneidade: desafios para a pesquisa e a pós-graduação. Rio de Janeiro: Quartet, 2006, v. , p. 79-85,

Mayo, Marcos Chor- O Projeto UNESCO e os estudos raciais na Bahia: Thales de Azevedo: da Medicina à Antropologia . In: Maio, Marcos Chor. A história do Projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil. Rio de Janeiro, s.n, 1997. p.231-9.

MENEZES, Jaci - Anísio Teixeira, Secretário da Educação. In Revista da Faeeba no. 13, Salvador, p. 141-150, jan-jun, 2000.

NOGUEIRA, ORACY – Tanto Preto como Branco: Estudo de relações raciais. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. 1954, PÁGS, 67 a 93.

PIERSON, Donald – Brancos e Pretos na Bahia – São Paulo, Coleção Brasileira, Editora Nacional – 1971.

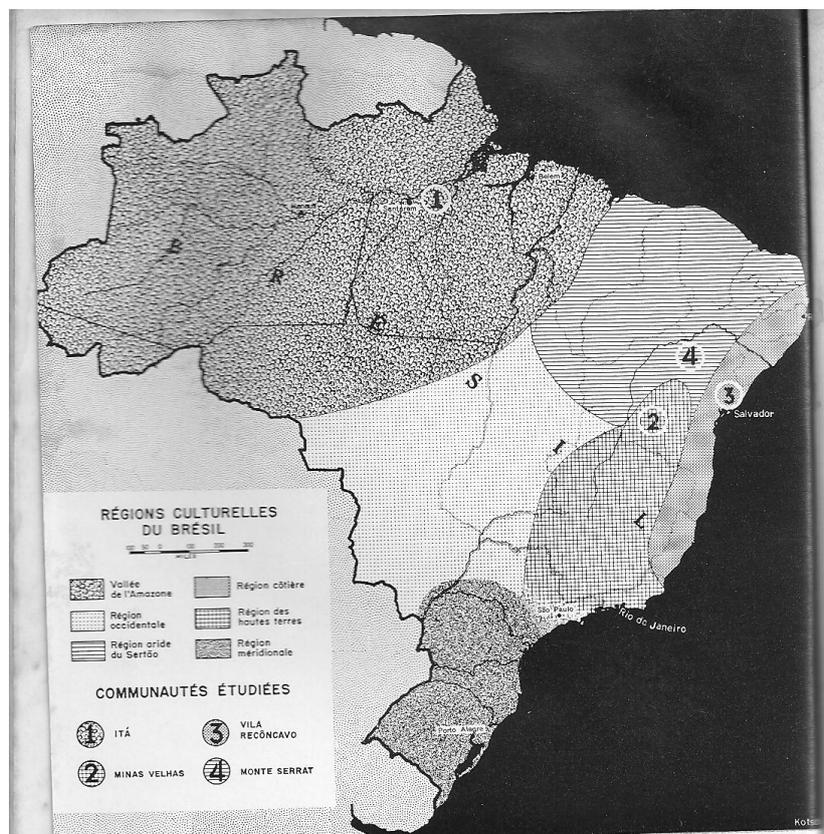
WAGLEY, Charles – Races et classes dans le Brésil rural. UNESCO, Paris, 1951.

WAGLEY, Charles et alli – Uma pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia. Salvador, Publicações do Museu do Estado, no. 11, 1950. (Anexos I e II).

TEXTO 1 – MARCOS CHOR MAIO
(sugestão do Dr. Célio Cunha)

TEXTO 2 - Antonio Sérgio Guimarães
(convite da Equipe UNEB)

RAÇA E CLASSE NO MEIO RURAL DO BRASIL



PREFÁCIO⁴

Este relatório é o resultado de um acordo celebrado entre a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia e a Divisão de Ciências Sociais da Unesco. Representa também os primeiros resultados de um extenso programa de pesquisa nas áreas da sociologia e da antropologia social, empreendido pela Fundação em cooperação com o Departamento de Antropologia da Universidade de Colúmbia.

Três dos trabalhos incluídos no presente relatório, ou seja, aqueles realizados por Harry W. Hutchinson sobre a região do Recôncavo baiano; por Marvin Harris sobre a região montanhosa do Brasil Central, e por Ben Zimmerman sobre a região do sertão árido do nordeste do Estado da Bahia, são baseados em pesquisa de campo realizada no Estado da Bahia durante o decurso do presente programa. O alcance deste programa de pesquisa, fruto da associação entre o Estado da Bahia - Universidade de Colúmbia, foi muito maior do que o tema tratado no presente relatório, pois incluiu também três intensivos estudos sobre comunidades da Bahia que enfatizaram o processo de mudança social e cultural em curso ou em três diferentes zonas do estado⁵.

⁴ Tradução do prof. Dr. Wilson Roberto de Mattos.

⁵ Os planos de pesquisa e as finalidades do programa de pesquisa da associação entre Estado da Bahia e a Universidade de Colúmbia são descritos em Uma Pesquisa sobre a Vida Social no Estado da Bahia (Publicações do Museu do Estado, n.º 11, Bahia, Brasil, 1950) por Charles Wagley, Thales de Azevedo e Luís A. Costa Pinto. Ver anexo I.

O trabalho de campo realizado nestas comunidades, no estado da Bahia, começou em julho de 1950 e terminou em junho de 1951; foi realizado pelos autores dos trabalhos seguintes com a ajuda de vários assistentes brasileiros. O programa de pesquisa foi dirigido por Charles Wagley, da Universidade de Colúmbia; Thales de Azevedo, da Universidade da Bahia, e Luís de A. Costa Pinto, da Universidade do Brasil.

Nos fins de 1950, a Unesco, através do Dr. Alfred Métraux, que nos visitou no trabalho de campo, sugeriu que a nossa pesquisa de campo fosse estendida, a fim de incluir um estudo mais específico das linhas gerais das relações raciais do campo, um aspecto da vida rural da Bahia, que de outra forma teria sido coberta somente quando relatado em nossos primeiros interesses de pesquisa. Deste modo, fomos capazes de unir a pesquisa que já tinha começado na Bahia com o programa da Unesco, para o estudo das relações raciais no Brasil. Este acordo com a Unesco aumentou o alcance da nossa investigação e, esperamos, a sua significância.

O quarto documento do presente relatório, a saber, o que se refere a uma comunidade no Vale da Amazônia, escrito pelo editor, é baseado em dados coletados no campo em 1948 e durante visitas anteriores à Amazônia brasileira. O programa de campo realizado no Vale da Amazônia, em 1948, foi parte dos levantamentos preliminares realizados pela UNESCO para o Instituto Internacional da Hylean Amazônica, e precedeu em dois anos a pesquisa da associação entre o Estado da Bahia e Universidade da Colúmbia e pelos programas de estudo da Unesco sobre as relações raciais no Brasil. Assim, os dados disponíveis sobre este aspecto da vida na comunidade amazônica não são nem tão completos nem tão precisos para as outras três comunidades, onde foi dada especial atenção às relações raciais durante a pesquisa de campo. Um documento sobre as relações raciais em uma comunidade amazônica foi incluído neste relatório, embora nos tenha sido fornecido um quadro do "processo histórico" de outra importante região natural e cultural do Brasil rural. A comunidade estudada na Amazônia, além disso, ocupa uma posição grosseiramente análoga a das comunidades estudadas na Bahia, e oferece, assim, dados comparáveis sobre as relações raciais no Brasil rural.

Os trabalhos seguem um plano geral de apresentação semelhante, e tentam concentrar, aproximadamente, aspectos comparáveis das relações raciais em cada uma das quatro comunidades. Não houve tentativa, no entanto, de estabelecer um esquema rígido a ser seguido por cada escritor, ao contrário, o ponto de vista adotado foi de que cada autor deveria ter plena liberdade para apresentar o seu material da forma mais adaptada às diferentes sociedades descritas. Do mesmo modo, cada escritor apresenta sua própria análise e suas próprias conclusões quanto às relações raciais da comunidade em que realizou seus estudos. É o cientista do campo, que conhece a comunidade íntima e profundamente após quase um ano de residência e de investigação científica, e que está mais bem preparado para obter conclusões a partir de seus próprios dados, sendo responsável pelo trabalho que assumiu.

A declaração final, no entanto, embora escrita pelo editor, representa a união dos pontos de vista do grupo. Muitos dos pontos incluídos neste último capítulo foram discutidos pelo grupo

em seminários na Universidade de Colúmbia, em reuniões realizadas em Salvador (Bahia), durante o processo de trabalhos de campo, e em Nova York, durante a preparação deste relatório para a Unesco. Em cada caso, as descrições incluídas são parte mais compreensivo relato literário de nossa pesquisa de campo, que agora está sendo preparado para publicação.

Somos todos gratos a inúmeras instituições e indivíduos. O reconhecimento e a gratidão são expressos por cada autor, mas existem várias instituições que patrocinaram e financiaram o programa de pesquisa como um todo, e há pessoas a quem todos nós estamos em débito e gostaríamos de agradecer em grupo. É o caso do Governo do Estado da Bahia, sob a liderança do governador Octávio Mangabeira, em primeiro lugar através da Secretaria de Educação e Saúde e, em seguida, através da recém-criada Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, que patrocinou a nossa pesquisa e forneceu, generosamente, fundos para o nosso estudo no campo. O Viking Fundo de Nova York e o Conselho para a Investigação em Ciências Sociais da Universidade de Colúmbia também contribuíram com apoios financeiros, o que tornou possível a nossa investigação. A Unesco, por sua vez, proveu com fundos para a investigação específica sobre as relações raciais e para a preparação destes relatórios.

O forte e sincero apoio dado ao nosso programa de pesquisa por numerosos funcionários e cidadãos particulares (demasiado numerosos para serem mencionados pelo nome) do Estado da Bahia criou um clima e condições para a investigação científica, que seria difícil de encontrar parecido atualmente. A magnífica hospitalidade, verdadeira tradição baiana, que nos foi proporcionada, faz com que a memória da nossa estada no Brasil sempre seja vista como um tesouro. Somos especialmente gratos ao Dr. Anísio Teixeira, que, como Secretário de Educação e Saúde do Estado da Bahia, foi o primeiro homem que viu a oportunidade e a utilidade de tal investigação.

Mais tarde, como Secretário Executivo da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, foi um participante inestimável em nossa pesquisa, contribuindo com o seu grande conhecimento da vida rural brasileira. Ao professor Thales de Azevedo, que representou o Estado da Bahia no programa de investigação, devemos muito; não só pelo seu constante aconselhamento científico, mas também pela sua grande compreensão e pela sua calorosa amizade. Somos gratos ao Dr. Jaime Junqueira Ayres, Presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, pelos seus enérgicos esforços em nosso favor e pelo apoio moral e intelectual. Gostaríamos também de agradecer ao Dr. Alfred Métraux, da UNESCO, pelos conselhos que nos ofereceu no campo, pelo estímulo que levou a este relatório e por seu constante esforço a favor da ciência social internacional.

Charles Wagley
Universidade de Colúmbia
Dezembro de 1951

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 1

APRESENTAÇÃO 2

Marcos Chor Maio

Antonio Sérgio Guimarães

Raça e Classe no Meio Rural do Brasil: Prefácio, por Charles Wagley **17**

Introdução, por Charles Wagley **23**

Relações Raciais em uma Comunidade Rural do Recôncavo Baiano, por Harry W. Hutchinson. **33**

Relações Raciais em Minas Velhas, uma Comunidade na Região de Montanha do Brasil Central, por Marvin Harris **67**

Relações Raciais no Sertão Árido, por Ben Zimmerman **101**

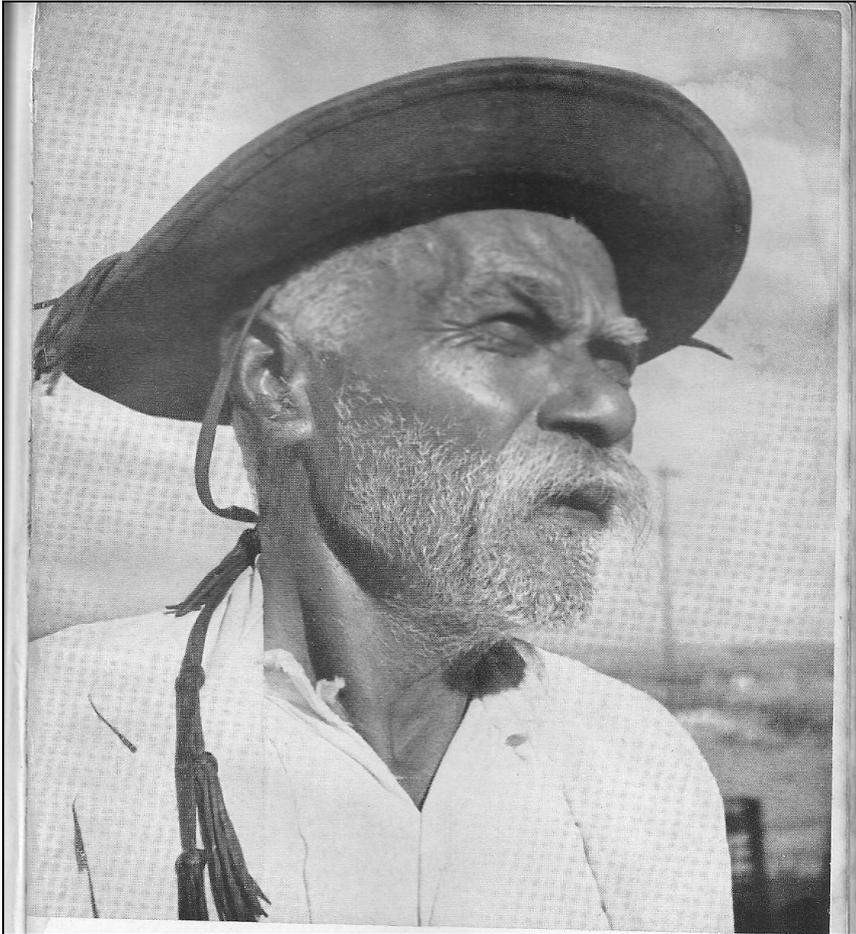
Relações Raciais em uma Comunidade Amazônica, por Charles Wagley **167**

De Castas a Classes no Norte do Brasil. Considerações Finais. Charles Wagley **195**

Bibliografia **181**

Anexo I – **183**

Anexo II



Vaqueiro do Nordeste da Bahia

Foto Pierre Verger

INTRODUÇÃO

Charles Wagley

Tradução do prof. Dr. Wilson Roberto de Mattos

● Brasil é um país reconhecido no mundo por sua democracia racial. Apesar de sua enorme área, de dimensão continental, o preconceito em relação à raça e a discriminação são moderados, quando comparados com a mesma situação em muitos outros países. No Brasil, as três raças - índio americano, negro e europeu caucasóide - foram misturadas para formar uma sociedade em que as tensões raciais e os conflitos são especialmente leves, apesar da grande variabilidade racial da população.

O primeiro período da história colonial brasileira foi marcado por massacres e escravização da população indígena, e foi seguido por uma fase muito duradoura, durante a qual uma grande população negra foi utilizada como escravos, e que durou até 1888. Mas, como vários autores têm ressaltado, o colonizador português no Brasil foi, em comparação com muitos europeus, singularmente desprovido de preconceito racial, e, na realidade, o colonizador português masculino parece ter sentido uma forte atração pelos ameríndios

escuros e pelas mulheres negras⁶ [1]. Independentemente de seus sentimentos, é fato irrefutável que houve precoce e extensa miscigenação entre o português tanto com o índio quanto com o negro. O mameluco, fruto de pai português e de mãe índia, e o mulato, geralmente filho de um pai europeu e de uma mãe negra, logo se tornaram elementos importantes para a população brasileira, e a mistura da raça continuou por 400 anos. Na moderna população do Brasil, existem pessoas com a aparência física de cada uma das raças dos pais, e todos os graus de mistura entre estas três unidades populacionais estão presentes.

Além disso, no Brasil, uma sociedade de classes, com rígidas barreiras entre os grupos raciais, não se desenvolve a partir deste pano de fundo escravo, como aconteceu nos Estados Unidos e nas Índias Britânicas Ocidentais. No Brasil, como o negro e o mulato ganharam a sua liberdade, tiveram seus direitos de cidadãos concedidos e tomaram parte na vida pública. Numerosas figuras, negras ou descendentes, tiveram participação importante na vida política e cultural do Brasil [2], e ainda hoje estas pessoas ocupam altos cargos na sociedade brasileira, em que as tensões raciais e os conflitos não constituem um canal custoso para o indivíduo e a vida nacional. Hoje, pode-se dizer que o Brasil não tem "problema racial" no mesmo sentido que existe em muitas outras partes do mundo, as pessoas das três raças e as misturas de todas as variedades dessas existências vivem em relações essencialmente pacíficas. Todos eles são brasileiros orgulhosos de sua imensa nação e partilham de seus inúmeros problemas e potencialidades.

Isto não significa, porém, que todos os brasileiros têm iguais direitos e vantagens. O Brasil é, na verdade, um país de marcantes contrastes sociais. Existe uma enorme diferença entre as condições sociais na São Paulo industrial ou na cosmopolita Rio de Janeiro, daquelas das regiões da fronteira oeste e ao norte do Brasil. Existe um grande fosso econômico e social entre os ricos que vivem em belas casas e apartamentos modernos, no Rio, e os miseravelmente pobres que habitam as favelas, a apenas poucos quarteirões de distância. O Brasil tem muitos problemas sociais a ultrapassar se quiser se tornar uma grande nação com plena democracia social. O padrão de vida da maioria da sua população é muito inferior ao da maioria das nações ocidentais industrializadas. Mais de 50% de todos os brasileiros ainda são analfabetos. Transportes, indústria, agricultura não são suficientemente desenvolvidos para fornecer uma sólida base econômica para o país.

Também brasileiros que têm consciência das realidades sociais do seu país negam que o preconceito racial esteja totalmente ausente, ou que uma leve forma de discriminação racial exista e esteja crescendo em determinadas áreas. São bem conhecidos os estereótipos e atitudes, tradicionais no Brasil, que indicam preconceito em relação ao negro e do mulato. Existem, igualmente, obstáculos bem conhecidos à ascensão social de "pessoas de cor", que são os descendentes dos escravos. O aumento da discriminação em centros como São Paulo e Rio de Janeiro levou o Congresso Nacional a aprovar uma lei tornando a discriminação racial um crime. Ainda assim, a maioria dos brasileiros está orgulhosa de sua tradição de igualdade racial e da heterogeneidade racial do seu povo. Eles sentem que o Brasil tem uma grande vantagem sobre a maioria das nações ocidentais, essencialmente nas relações pacíficas que existem entre as pessoas de diferentes grupos raciais do seu país. O atraso industrial, tecnológico e educativo pode até mesmo ser superado mais facilmente do que em áreas do mundo onde clivagens raciais dividem a população. Os brasileiros têm uma importante tradição de cultivar seus padrões de relações inter-raciais.

⁶ Os números entre parênteses referem-se à bibliografia na página 15.

O mundo tem muito a aprender com o estudo das relações raciais no Brasil. Mas o estudo objetivo de campo das relações raciais que existe no Brasil moderno é relativamente pequeno, apesar do grande interesse que os estudantes de relações raciais possuem no "Laboratório de Civilização", como Bilden Rudiger uma vez chamou o Brasil [3]. Tais estudos, como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre⁷, *Raízes do Brasil* [4], de Sérgio Buarque de Hollanda, e outros, deram-nos um panorama histórico da situação e dos únicos fatores que têm produzido a sociedade brasileira contemporânea, incluindo os seus padrões tradicionais das relações raciais. O excelente livro de Donald Pierson sobre as relações raciais na Bahia, *Negros no Brasil* [5], embora limitadas ao alcance da cidade de Salvador, chega a conclusões que são geralmente válidas para uma grande parte do país. O Brasil é ainda um país de acentuadas diferenças regionais, tanto no ambiente natural quanto nas tradições culturais, e, como mencionado acima, existem acentuados contrastes entre a sociedade e a cultura brasileiras nas grandes cidades metropolitanas do litoral e nas pequenas comunidades do interior.

Há importantes diferenças no "modo de vida brasileiro", como ela é vivida pelos trabalhadores das grandes plantações de café, açúcar ou de cacau e por aqueles que cultivam as suas próprias terras. Tanto os agricultores rurais quanto os trabalhadores das plantações têm um modo de vida diferente daquela do industrial assalariado. Estas e muitas outras "variáveis", por assim dizer, no âmbito da sociedade nacional brasileira, contribuem para as diferenças nos padrões das relações raciais.

Os vários projetos de pesquisa sobre o tema das relações raciais, estimulados pelo projeto UNESCO no Brasil, devem oferecer pela primeira vez um conhecimento objetivo da situação tal como ela existe, sob uma variedade de condições em todo este vasto e diverso país. O presente volume é o resultado de um destes projetos estimulados pela Unesco. É um estudo das relações raciais no âmbito das condições rurais, mas é também um estudo, como o título indica, das relações entre as classes sociais no meio rural. Fez-se evidente, para todos os envolvidos com este relatório, que as relações raciais na comunidade rural dificilmente poderiam ser tratadas fora do contexto do sistema de classe social das comunidades envolvidas, ou melhor, verificou-se que o alinhamento mais importante e mais determinante na sociedade rural brasileira foi a da classe social, e o tipo racial foi, em geral, um critério pelo qual aos indivíduos foi atribuída uma classe social. Relações raciais, então, devem ser encaradas como um aspecto das relações entre as classes sociais, bem como uma parte de um conjunto maior de padrões sociais que determinam as relações entre indivíduos e grupos dentro da comunidade rural brasileira. A forma que toma essa relação entre classe social e raça será plenamente aparente nos capítulos que se seguem.

Para ser mais específico, no entanto, o presente volume trata de raça e das relações de classe em quatro pequenas cidades e nas zonas rurais das imediações destas cidades. Uma vez que o Brasil é uma nação predominantemente de habitantes rurais, estas comunidades são representativas de um segmento importante de todo o país. Mais de 70% de um total de mais de 52 milhões de brasileiros vivem em cidades pequenas, com menos de 5.000 habitantes, ou no campo⁸. No cenário rural, muitos aspectos tradicionais da cultura brasileira persistem desde o século passado, tendo sido menos modificados pelo impacto da

⁷ Traduzido como *Os Senhores e os Escravos*, Nova Iorque, 1946

⁸ O Censo 1950 relatou apenas 15.167.686 pessoas que vivem em vilas ou cidades com mais de 5000 habitantes. A população total é de 52.645.479 (Anuário Estatístico do Brasil, Ano XI, 1950).

industrialização moderna, do comércio e da tecnologia, e pelos novos valores e conceitos do mundo ocidental do século XX, do que as cidades ao longo da costa. Assim, o panorama das relações entre classes sociais e grupos raciais que emerge a partir de nossos estudos nestas comunidades rurais é, de modo geral, no período pré-industrial e pré-urbano (no sentido do complexo urbano do século XX). Os padrões de classe e as relações raciais nestas comunidades aproximam aquelas que tomaram forma no Brasil do século passado, proveniente do passado singular do Brasil. Profundas mudanças sociais têm ocorrido em cada uma dessas comunidades nas últimas décadas, mas cada uma mantém muito de um velho modo de vida que agora é antiquado ou esquecido nas capitais do país. Neste sentido, os padrões de relações entre as classes sociais e as raças descritos no presente estudo podem ser considerados mais tradicionalmente brasileiros do que os aqueles agora encontrados nas grandes cidades, como Belém, Salvador, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro.

O Brasil moderno é um país mais homogêneo em termos de língua do que a maioria das outras nações de dimensão comparável em todo o mundo. Índia, China e URSS contêm povos de culturas muito diferentes que falam línguas diferentes. Mesmo Bolívia e Peru, que são menores em área do que o Brasil, contêm grandes grupos de pessoas que falam línguas primitivas e cuja cultura difere da cultura dos cidadãos do país. Mas em todo o Brasil as pessoas compartilham um conjunto de padrões nacionais que foram herdados principalmente de Portugal, e que foram fortemente temperados por elementos do índio americano e do africano; em todo o Brasil somente o português é falado, exceto por um pequeno número de tribos indígenas e por alguns imigrantes europeus que vivem no sul do país. Assim, em todas as quatro comunidades estudadas há muita coisa comum a todo o Brasil, especialmente nas inúmeras cidades pequenas e áreas rurais espalhadas por toda a nação.

Ainda assim, este enorme país oferece muitas condições ambientais diferentes. Existe a baixa umidade das florestas tropicais da Amazônia, o árido semi-deserto do Nordeste, com seus riachos secos e vegetações espinhosas, as montanhas altamente acidentadas, que formam uma coluna paralela ao litoral de centenas de quilômetros, o semi-temperado do Sul com o pampa e os pinhais, e assim por diante. Os colonizadores europeus logo descobriram que esses diferentes ambientes naturais ofereciam diferentes potencialidades econômicas. Assim, o processo de colonização e de exploração tomou uma forma diferente em cada uma dessas regiões. A busca basicamente econômica, a composição da população e as tradições e costumes que se formam em cada região trabalhada, além do ambiente natural, formam versões regionais da cultura nacional brasileira. A má comunicação entre uma parte do país e as outras levou à persistência destas diferenças regionais.

Várias regiões rurais do Brasil destacam-se claramente como unidades naturais e culturais distintas. Essas regiões, como o Vale do Amazonas, o sertão árido nordestino, a região de plantio que se estende ao longo da costa do Nordeste, a região de montanha e planalto de Minas Gerais e as áreas próximas dos Estados do Espírito Santo, Goiás e Bahia, mais o semi-temperado da região extremo sul m formar bem definidas regiões do ponto de vista ambiental e cultural. A maioria dos observadores do Brasil rural concordaria quanto às suas linhas gerais. (Ver Frontispício). Outras áreas do país, no entanto, não se prestam tão facilmente à classificação regional. Há alguns estados, como São Paulo, com suas próprias tradições e marcados pelas variedades de cultura nacional brasileira. Em certo sentido, um estado como São Paulo pode ser considerado uma região por si só. Além disso, São Paulo domina uma área maior que se estende pelo interior do Mato Grosso, Santa Catarina e Goiás. E existem mais áreas limitadas, como a zona de cacau do sul da Bahia, que apresenta no mesmo local diferenças, como uma destas grandes regiões culturais. Poucos estudiosos

no Brasil concordam com a divisão do país em regiões se acordo com as características culturais ou naturais - cada um tende a dividir o país de acordo com os critérios enfatizados pelo seu próprio campo de estudo, mas a maioria concorda com o fato essencial de que o Brasil contém várias grandes regiões muito diferentes entre si.⁹

Cada uma das comunidades tratadas nos capítulos que se seguem é representativa de uma região diferente do Brasil rural. A comunidade que é chamada de Vila Recôncavo está situada perto da costa, na região onde foi plantada cana de açúcar no século XVI e que testemunhou um período de grande prosperidade durante os séculos XVII e XVIII, baseado na grande demanda pelo açúcar em todo o mundo. A maioria dos escravos africanos importados para o Brasil chegou a prestar trabalho para essas plantações de açúcar, e ainda hoje existe uma grande proporção de negros e mulatos na população. Influências culturais africanas e padrões, envolvendo a grande família patriarcal e as relações senhor - escravo que se formaram sobre estas plantações, foram fatores importantes na produção da classe contemporânea e das relações raciais nessa região.

Minas Velhas, a segunda comunidade a ser considerada, reside no alto da região de montanha, para onde a mineração de ouro e de diamantes trouxe para o Brasil o segundo ciclo econômico importante, com altos e baixos. Agricultura e pastagem tinham se tornado as principais atividades econômicas, mas mica, quartzo, ferro, manganês, pedras semipreciosas, diamantes e até mesmo ouro já havia sido extraídos. A indústria de mineração foi uma importante influência na formação da sociedade regional. Embora um número considerável de negros escravos fosse trazido para a região para trabalhar nas minas, a relação entre os proprietários europeus e os seus escravos não se tornou íntima nem tomou a forma estável quanto a das plantações na costa. A relação mais pecuniária entre os proprietários das minas e os escravos que trabalhavam em suas explorações parecem estar refletidas nas relações entre o negro e o branco na região hoje.

A terceira comunidade discutida neste relatório é Monte Serrat. Está situada no sertão árido, não muito longe de Canudos, e foi cena da tão famosa revolta religiosa retratada por Euclides da Cunha em seu clássico brasileiro *Os Sertões*. Além dos famosos fanáticos religiosos como Antonio Conselheiro, de Canudos, e Padre Cícero, de Juazeiro, no Ceará, a região é conhecida por seus grupos de bandidos que atuam no estilo Robin Hood, e que até há cerca de uma geração atacou cidades e fazendas em todo o sertão. Em contraste com as duas regiões acima mencionadas, o sertão do Nordeste sempre foi uma região relativamente pobre. É tradicionalmente uma região de *cowboys* - os nordestinos *vaqueiros* - e sempre teve como tradicional exercício econômico o pastoreio, mas a pequena agricultura realizada cabeceiras de rios secos e em localidades menos áridas fornece subsistência para a maioria da população rural. Uma longa série de secas periódicas têm regularmente estabelecido o desgaste da região, obrigando centenas de milhares de pessoas a migrar para outras partes do Brasil. Os colonizadores eram pobres, não possuíam recursos para ter muitos escravos negros, e a população moderna foi formada sem os colonizadores lusitanos e seus

⁹ Em outro lugar eu dividi o Brasil em seis regiões, a saber: Amazônia, Sertão nordestino, Nordeste da costa, Estados industriais, o Extremo sul e o Extremo Oeste. Consulte 'Brasil' em *Most of the World*, editado por Ralph Linton, Columbia University Press, New York, 1949, p. 226 e segs. As regiões utilizadas no presente relatório diferem um pouco das que eu tinha proposto anteriormente, uma vez que estamos preocupados apenas com a vida rural. A região chamada de 'Industrial Middle States', como proposto anteriormente, não me parece pertinente para a nossa finalidade atual, em termos de vida rural; a região montanhosa de Minas Gerais e Estados próximos parece formar uma região natural e cultural. Veja também Preston James, *América Latina*, Nova Iorque, 1942, pp. 386-560, e 'As regiões culturais do Brasil' em *Brazil: Portrait of Half Continent*, eds. T. Lynn Smith e Alexander Marchant, Nova Iorque, 1951, pp. 86-109, para uma divisão regional diferente do Brasil.

descendentes mestiços. Não houve período de imensa riqueza e prosperidade no sertão. Como resultado, o moderno sistema de classe e os padrões de relações entre as raças são diferentes das de outras regiões.

Finalmente, uma análise de classe e das relações raciais na pequena cidade amazônica de Itá está incluída no presente relatório. Itá encontra-se ao longo da corrente do rio Amazonas, em uma parte do grande vale conhecida como 'Baixo Amazonas'. O clima tropical, a exuberante vegetação e o elaborado o sistema fluvial formado pelo Amazonas e seus afluentes fez uma região distinta já durante o período colonial. Desde o início, a base da atividade econômica do Vale foi a exploração dos produtos da floresta tropical. Durante o final do século XIX e da primeira década deste século, em um tempo relativamente curto, houve um "boom" baseado na exportação de borracha selvagem coletada na floresta, e foi um período comparável com as anteriores ciclos econômicos das regiões de plantio e de mineração do Brasil. Na Amazônia, porém, foi o índio que forneceu a mão-de-obra, e a população primitiva tem contribuído mais para a população amazônica e à sua cultura regional do que qualquer outra região do país. Ao contrário da situação na região de plantio e na região serrana, onde o índio desapareceu muito cedo como um elemento ativo da população, na região amazônica o índio e o mestiço são elementos importantes na moderna cena social e racial.

Estas quatro comunidades podem ser consideradas como "casos de estudo", por assim dizer, das regiões do Brasil em que se encontram. Nós não podemos dizer que eles são "típicos" de cada região, mas estas áreas generalizadas contêm uma grande variedade de comunidades que representam diversas adaptações ao seu ambiente natural e variados graus de mudança tecnológica e social. Mas, em cada caso, as comunidades descritas no presente relatório foram fortemente influenciadas pelas tendências históricas que formam a sociedade e cultura regionais, e foram selecionadas porque têm uma longa história. Vila Recôncavo foi fundada na segunda metade do século XVI; Minas Velhas, no início do século XVIII; Monte Serrat, no final do século XVIII, e Itá, na primeira metade do século XVII. Além disso, todas estas comunidades são vistas em suas respectivas regiões como cidades "tradicionais", isto é, são consideradas por conservar velhos costumes e tradições que, em muitas localidades, foram substituídos por novas influências do exterior. Embora as mudanças sociais tenham, obviamente, ocorrido em todos estes lugares durante os últimos 20 anos ou mais, a tecnologia moderna, as novas indústrias, o aumento de transporte, e outras inovações ainda não contribuíram para a transformação social como acontece em outras comunidades da mesma região. Assim, os padrões de relações sociais descritas no presente relatório podem ser considerados como "tradicionais", até mesmo como antiquados, por pessoas de comunidades mais "progressistas" destas regiões e pelo povo da cidade.

Com a exceção de Itá, no Vale do Amazonas, as comunidades estudadas são todas de aproximadamente o mesmo tamanho. Vila Recôncavo, Minas Velhas e Monte Serrat são cidades de aproximadamente 1.500 habitantes, enquanto Itá possui uma população de 600 moradores. No entanto, em cada caso, os presentes estudos incluem, para além dos moradores destas cidades em si, um número bastante grande da população rural. Quando queremos falar de 'comunidade', estamos levando em consideração a população, mais os habitantes rurais ou os de moradias satélite (aldeias), que são encontrados no meio social, comercial e, por vezes, na esfera religiosa da cidade. Esta "comunidade" não é coextensiva com o município, com a comarca, como subdivisão administrativa do Estado. Em geral, inclui apenas uma parte do município, embora, em todos os casos, as cidades que temos estudado são 'lugares urbanos' (isto é, sedes de município). No Brasil, essas comunidades são

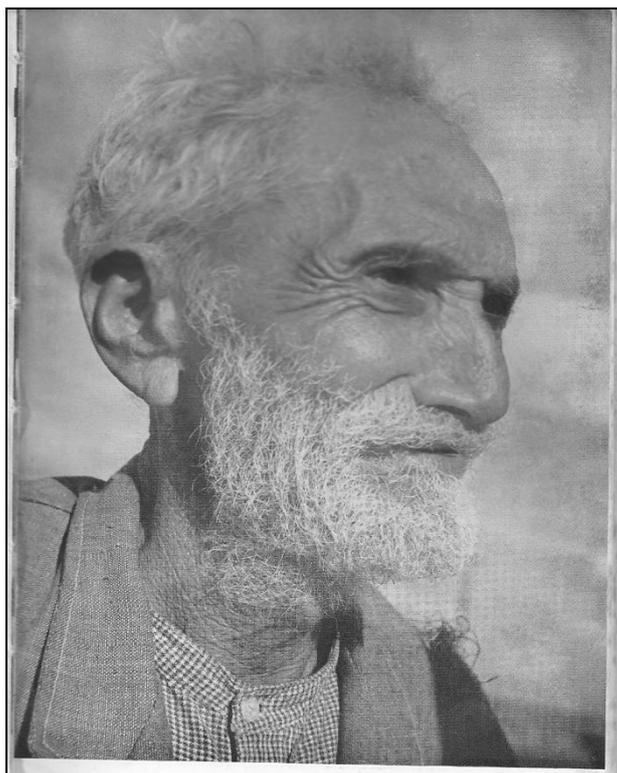
raramente unidades espaciais claras, dentro da quais as pessoas têm um forte *esprit de corps*. Muitas vezes as pessoas têm um maior sentimento de identidade com os seus vizinhos mais próximos ou com suas pequenas vilas, mas as maiores cidades são, em certa medida, um ponto focal para o comércio, para os assuntos políticos e administrativos, para a religião e para a recreação. Embora haja uma falta de formação dos padrões de organização social para lançar estas comunidades rurais brasileiras a partir de outras pessoas no município e na região, formam unidades espaciais compreendendo uma pequena cidade e uma zona rural próxima unidas por uma rede de relações interpessoais e intergrupais. Essas comunidades locais contêm um sistema social do face a face social horizontal da maioria dos moradores.

Deve ser ressaltado que os estudos incluídos neste relatório são de natureza social e cultural. Eles não lidam com a classificação do homem por suas características físicas genotípicas ou fenotípicas, mas sim com classificações sociais que se baseiam em diferenças físicas reais e imaginárias. Lidam com determinadas categorias de pessoas tanto social quanto culturalmente, e com as relações entre indivíduos e grupos. Em todas as quatro sociedades rurais estudadas, uma série de critérios é utilizada para classificar indivíduos e grupos em uma hierarquia de prestígio. 'Raça social' (ou seja, a maneira na qual os membros da sociedade se classificam entre si, por características físicas), é uma de uma série de valores que classificam indivíduos e determinam suas relações sociais. Ao longo do presente relatório, quando o termo "raça" é utilizado, os autores não defendem, em síntese, sua validade como uma classificação física ou genética. Em um sentido ou outro, a expressão é sempre usada, no presente volume, em um sentido social e cultural. É sabido que os dados estatísticos sobre a cor ou raça da população refletem as categorias sociais do censo, e é interessante para refletir sobre a variedade de definições sociais da "raça" que seria inevitavelmente envolvida em qualquer recenseamento do Brasil, especialmente em vista da informação fornecida nos capítulos que se seguem. Mesmo as nossas próprias observações sobre a provável filiação "racial" de um indivíduo ou grupo de pessoas são necessariamente julgadas a "olho nu", decisões certamente coloridas por nossa própria experiência cultural e social. Ao longo do presente relatório, então, estamos interessados na vida social das definições de "raça" e de "classes", e nos seus efeitos sobre a vida das pessoas das comunidades estudadas, enquanto que a classificação exata do físico seja de pouco interesse para os nossos propósitos.

Finalmente, é nossa esperança que este relatório seja de alguma utilidade para os brasileiros em sua própria visão da sociedade com rigor e objetividade, e assim, ajudá-los a trabalhar em direção a uma plena realização de suas enormes potencialidades de grande nação. Nestes estudos, enquanto ricas tradições parecem que devem ser preservadas e reforçadas a todo custo, barreiras sociais são igualmente vistas como obstáculos que impedem a plena utilização dos recursos humanos destas comunidades rurais, e que devem ser apagados para que o Brasil se torne a grande democracia que promete ser. Além disso, espera-se que estes estudos sejam úteis, não só como um contributo para um maior programa de estudo das relações raciais no Brasil, mas em persuadir as pessoas em todos os lugares para ver as relações raciais no seu contexto adequado, ou seja, como um aspecto do sistema social do qual fazem parte. Um estudo da situação do Brasil torna isto duplamente claro. É como se dissesse que "as relações raciais" não existem na sociedade brasileira. Esta nação de pessoas nascidas de casamentos entre três raças, e formada por escravos e seus senhores, tem desenvolvido em uma sociedade na qual as relações entre "raça" das pessoas estão subordinadas a valores humanos e sociais.

BIBLIOGRAFIA

1. Freyre (1946), p.11 e segs.
2. Ver Pierson (1942), pp.215-16.
3. Ver *The Nation*, Vol. 128, 16 de janeiro de 1929, pp. 71-76.
4. Segunda edição, Rio de Janeiro, 1948.
5. Traduzido para o português como *Branços e Pretos na Bahia*, São Paulo, 1945.



AS RELAÇÕES RACIAIS NUMA COMUNIDADE RURAL DO RECÔNCAVO (ESTADO DA BAHIA) ¹⁰

Por Harry W. Hutchinson.

Universidade de Colúmbia.

Tradução profs. Jaci Menezes e Livia Britto.

I.

No século XVII e início do século XVIII, a vida econômica, política e social do Brasil, então colônia portuguesa, estava quase inteiramente concentrada ao longo da costa nordeste, na estreita faixa de território que constitui hoje os Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Os períodos de Chuva e sua regularidade e a extrema fertilidade do solo, anteriormente recoberto por espessas florestas, mostrava-se eminentemente apropriado à cultura da cana de açúcar. A partir do início do século XVII esta região produziu uma grande parte do açúcar consumido no mundo. O açúcar, que era agora na Europa um bem de luxo, promovia lucros fabulosos e a costa nordeste do Brasil tornou-se uma colônia muito próspera. Grandes cidades se desenvolveram ao longo da costa: Salvador, no Estado da Bahia, e Recife, no Estado de Pernambuco, tornaram-se os principais centros da atividade da colônia e Salvador foi a Capital entre 1549 e 1763. Estas duas cidades gozaram de uma

¹⁰ Além das Pessoas cuja cooperação tornaram este estudo possível e cujos nomes estão citados na introdução, devo agradecer a Henry L. e Grace Doberty Cheritable Foundation Inc. e o Departamento de Etnologia da Universidade de Columbia, que, por suas subvenções, me permitiram levar meu trabalho ao final. Desejo igualmente exprimir meu reconhecimento à Srtas Carmelita Junqueira Ayres e Eliza Amélia Ferreira, que me auxiliaram na coleta dos dados de pesquisa.
Tradução das profs. Dra. Jaci Menezes e MS. Livia Britto.

grande riqueza, fundada sobre a indústria açucareira, então em pleno esplendor. As numerosas igrejas construídas em Salvador, no curso deste período de opulência, com suas ricas talhas em madeira recobertas em folha de ouro e seus *carrelages* policromados atestam largamente a prosperidade desta época.

Foi sob o regime de plantation (latifúndio monopolista), fundamento da indústria açucareira que a região construiu não apenas muitas de suas tradições características como também determinados tipos de relações raciais que, sob uma forma modificada, se perpetuaram até os nossos dias. Gilberto Freire, na sua monumental obra *Casa Grande e Senzala*, e outros escritores brasileiros¹¹ descreveram a vida dos habitantes destas plantações de cana de açúcar. A mão de obra se compunha de escravos africanos. Mais de três milhões de Negros foram “importados” da África entre o início do século XVII e o final do século XIX, e as plantações de cana do nordeste do Brasil os absorveram em grande parte. Os plantadores portugueses se enriqueceram e formaram uma aristocracia regional, mantendo uma vida de luxo e de ostentação. Sob este regime, os escravos e seus senhores constituíam dois grupos sociais distintos; mas, nesta região que nos interessa, suas relações foram especialmente estreitas e cordiais; Freyre descreve a intimidade que existia entre o filho do senhor e o moleque (jovem negro), seu companheiro de brinquedo, entre a mulher do senhor e suas serviçais, entre a ama-de-leite e os meninos brancos que lhe eram confiados, de modo que diversas outras ligações que, aproximavam, nas fazendas, os negros e os brancos. Todos os autores mencionaram a freqüência das relações sexuais entre fazendeiros brancos e seus escravos negros. Apesar que a escravidão foi, no Brasil como em outras partes, uma instituição desumana, as relações entre o escravo e seu senhor tinha aí características muito pessoais que em muitas outras regiões do Novo Mundo.

A partir da metade do século XIX, as Antilhas e outras regiões do mundo disputaram com o Nordeste do Brasil o mercado mundial de açúcar e, em 1888, a abolição da escravidão colocou, nas fazendas, um problema de mão de obra. A indústria açucareira deixa de ser a fonte de opulência que tinha sido e muitas das velhas fazendas foram abandonadas ou vendidas a grandes sociedades comerciais que modernizaram a instalação com vistas à produção industrial do açúcar. Os escravos das fazendas se transformaram em trabalhadores assalariados e os modos de comportamento que eram tradição entre escravos negros e a aristocracia branca dos fazendeiros começou a desaparecer, para dar lugar às relações impessoais onde empregadores e empregados, correspondente ao novo modo de vida. Se encontra ainda, no interior dessas relações algumas sobrevivências do regime de plantation. Numerosos são os descendentes da aristocracia açucareira que se esforçam para preservar as antigas tradições. Eles são zelosos de seus patrimônios e as grandes famílias aristocráticas jogam ainda um papel importante na vida econômica e social da região. No campo, existem ainda muitas fazendas onde as relações entre trabalhadores e proprietários têm um caráter estritamente pessoal, como antigamente, e onde certos costumes e tradições nascidos no tempo da escravidão subsistem, modificados todavia pelas condições da vida moderna. Em toda esta região do Brasil, as relações entre os membros dos grupos raciais diferentes foram influenciadas pela importância numérica da população negra, pelo papel que a escravidão jogou até uma data muito recente e pela forma particular que as relações entre o escravo negro e o senhor europeu tomou nas fazendas.

¹¹ Por exemplo, Diegues Júnior (1949).

II.

A Comunidade que é o objeto do presente estudo é conhecida pelo nome Vila Recôncavo (S. Francisco do Conde, N.T); é uma verdadeira cidade, situada na região do Recôncavo, que engloba Salvador, Capital do estado da Bahia, à borda da Bahia de Todos os Santos e se estende da beira da baía para o interior das terras, sobre uma largura de uns cinquenta quilômetros ao norte e bem menos ao sul. O Recôncavo tem as características de toda a região das fazendas de plantação de cana da região Nordeste do Brasil. Os portugueses que se estabeleceram em 1549 em Salvador reconheceram o interesse que apresentavam para a produção açucareira, as terras em torno à nova cidade e à borda da Bahia de Todos os Santos. Mem de Sá, terceiro governador do Estado da Bahia (1557-1574) deu um grande impulso à cultura da cana de açúcar organizando as expedições militares que pode, nos cantos mais recuados da Bahia, massacrando, matando ou tornando escravos os índios hostis, para que os colonos pudessem construir a cidade e se instalar nas cercanias para aí criar as fazendas de cana de açúcar. Mem de Sá em pessoa instala uma das fazendas mais vastas e das mais produtivas do Recôncavo.¹² Sua propriedade se estendia por três léguas¹³ e meia ao longo da baía, entrava por quatro léguas para o interior das terras e incluía duas ilhas. Esta sesmaria – nome dado às primeiras concessões de terra – de Mem de Sá foi cultivada por sua filha, que a herdou; ao final do século XVI, as sesmarias do Recôncavo haviam passado por muitas divisões em fazendas de mais ou menos 250 a 400 hectares. Dois séculos e meio depois, muitas dessas propriedades conservaram seus limites e seu nome, mas trocaram de mãos e conheceram a alternância repetida de prosperidade e crise.

Nas suas características principais, as plantações do Recôncavo não foram muito modificadas depois dos séculos XVII e XVIII. A plantação passou a se chamar engenho, nome da fábrica de açúcar que estava no seu interior. Os engenhos eram de duas espécies principais: uns utilizavam a energia hidráulica, enquanto outros utilizavam bois para fornecer a força motriz. Diante da abolição da escravidão, começaram a utilizar a máquina a vapor. O capital típico de um engenho compreendia quatro elementos principais: O solo, as instalações, o plantel de animais e os escravos. A maior parte das terras era, é claro, reservada à cultura da cana, mas também existiam as florestas que forneciam o combustível, as pastagens para os animais e pequenos espaços consagrados à produção de gêneros alimentícios para o pessoal do engenho. As instalações do engenho compreendiam a fábrica de açúcar, o sobrado – ou moradia do senhor – e o alojamento dos escravos. A moradia do senhor estava num vasto edifício um andar e meio ou dois andares de aparência luxuosa., imponente. Sempre que possível, os senhores construíam sua casa a meia encosta, ou seja, no flanco das elevações, de modo que ela apresentava, de frente, o aspecto de uma casa de dois andares Mas somente havia um ao fundo. Estas casas eram construídas de pedra, de madeira e de argamassa, com um teto de telhas. As casas dos escravos, ou senzalas, eram geralmente edifícios compridos, de paredes de taipa e cobertas de palha. O plantel de um engenho típico se compunha de bois, de mulas, de cavalos, de cabras e de vacas. Os bois forneciam, na falta da energia hidráulica, a força motriz necessária para mover a moenda e eles puxavam os grandes carros de duas parelhas que serviam para transportar as canas desde o campo

¹² Wanderley de Araújo Pinho (1941), p. 28.

¹³ Lieuses = léguas?

até a fábrica de açúcar. Os cavalos e as mulas estavam reservados ao senhor, na sua atividade de supervisionar o trabalho no campo ou, ainda, acompanhado de sua família, quando se dirigia à cidade ou fazia visitas aos engenhos da vizinhança. As cabras /ovelhas e as vacas forneciam leite e carne aos habitantes da fazenda.

Mas o elemento mais precioso do capital de um engenho colonial eram os escravos. Foram poucos os portugueses que vieram instalar-se no Recôncavo e mesmo aqueles que entre eles, no seu país de origem, haviam sido simples operários, não estavam vindo para o Brasil para trabalhar com as mãos. Os Portugueses haviam já empregado escravos africanos nas plantações de açúcar na ilha da Madeira e trouxeram a escravidão ao Brasil simultaneamente com a cana de açúcar. Malgrado interdição expressa do governo português,¹⁴ os primeiros colonos do Estado da Bahia escravizaram os índios quando da instalação da colonização – por intermédio das guerras justas... . O testamento do governador Mem de Sá contém uma listagem dos escravos compreendendo 95 índios, 84 índias e 20 africanos somente¹⁵. Pouco a pouco, os indígenas foram considerados inferiores aos negros como escravos; pareciam incapazes de se adaptar ao trabalho contínuo dos campos e dos engenhos. Eles permaneceram no interior do engenho como pescadores, caçadores e barqueiros, porque se saíam melhor nessas tarefas que os negros, que eram estrangeiros no país. A partir de 1700, o número de escravos negros ultrapassava, de longe, na região do Recôncavo, o de Europeus e os escravos índios estavam eram muito pouco numerosos. “Escravo” passou a ser sinônimo de “negro”.

O inventário de um engenho de 260 hectares, realizado em 1866, pouco antes da abolição da escravidão, estimou em 200 contos o valor total do engenho. A terra, os edifícios, os escravos e os animais estavam avaliados em 125 contos; os escravos, isoladamente, foram avaliados em 65 contos. O inventário distinguia duas categorias de escravos – os escravos domésticos (escravos da casa) e os “negros da lavoura”. Existiam no engenho em questão 18 escravos domésticos e 103 negros da lavoura.¹⁶ Os escravos domésticos compreendiam um barbeiro-sangrador- cabelereiro, seis valets e serviçais, um cozinheiro, duas costureiras e uma aprendiz, duas boleiras-confeiteiras, duas lavadeiras e três crianças sem profissão (este termo designa a tarefa própria a cada escravo. Quanto aos negros “do eito” 59 estavam classificados no inventário como trabalhadores da roça (26 homens e 33 mulheres de todas as idades, a partir dos doze anos), 18 como jovens e 26 como trabalhadores especializados, os quais compreendiam 4 condutores do carro de boi,etc,. O preço dos escravos ia de 20 milreis – certos mesmo classificados como “sem valor”, - até ao preço de 1 conto e 400 mil réis, segundo a idade, o estado físico e a competência profissional de interesse. Em inventários desse gênero, a indicação “nascido no estrangeiro” ou “nascido no país” acompanha sempre o nome do escravo e faz menção ao seu local ou tribo de origem, quando são conhecidos. Muitos escravos foram simplesmente designados pelo termo africano. Para os que são nascidos no Brasil, se empregam os termos pardo, cabra ou crioulo, e o diminutivo destes termos se os interessados têm menos de doze anos¹⁷.

¹⁴ Oliveira Martins, 3ª. Edição, op citada, p 49.

¹⁵ Wanderlei Pinho, op.cit., p 49.

¹⁶ Em 1835 este mesmo engenho contava com 48 escravos domésticos e 155 escravos do eito. O escravo valia, numa avaliação aligeirada, 900 réis (quase um conto de réis).

¹⁷ Nos inventários, pardo indicava uma pele clara, cabra uma pele escura e crioulo uma pele negra. Estes termos têm hoje, no Recôncavo, acepções diferentes. CF ce sujet p.29 30.

Os 121 escravos descritos no inventário em questão compreendiam 40 africanos, originários, na sua maior parte, da África Ocidental. Entre os que tinham origem africana precisa, os mais numerosos eram os Nagô (Yoruba), seguidos pelos Geges (Ewes).

Nestas plantações de cana do Recôncavo, o proprietário na época colonial, supervisionava pessoalmente todas as operações exigidas pela cultura da cana e a produção do açúcar. Em geral, somente o filho mais velho estava preparado, pela formação que recebia, a suceder seu pai na fazenda; os outros filhos eram enviados a Salvador, a Recife ou mesmo à Europa para realizar estudos que lhes permitiriam tornar-se advogados, médicos, engenheiros ou padres. As filhas se casavam jovens e recebiam um dote; algumas eram enviadas ao convento para aí tomar o véu e viver como irmãs convertidas. Os casamentos entre primos eram freqüentes. Havia um esforço para não dividir a propriedade e conservá-la dentro da família. No meado do século XIX a fazenda de cana de açúcar do Recôncavo se tornara uma comunidade marcadamente estável, onde a superfície e a organização não mudavam muito de uma geração a outra.

Depois da Abolição da escravidão, produziu-se um êxodo parcial dos antigos escravos das fazendas para as cidades vizinhas e para a capital do Estado da Bahia. Os que se instalaram nas pequenas cidades se tornaram operários ou pescadores, ou exerceram os ofícios que haviam aprendido durante a escravidão nas fazendas: foram barbeiros, marceneiros, etc. Em outros casos, os antigos escravos ocuparam pequenos pedaços de terra nas fazendas vizinhas para aí cultivar mandioca, tabaco, ou praticar outras culturas que não demandavam grande capital. Outros se tornaram pequenos plantadores de cana; conhecidos sob o nome de rendeiros, eles alugavam pequenas extensões de terra e cultivavam cana de açúcar vendendo sua colheita para os engenhos da vizinhança. Em outros casos, os antigos escravos passaram simplesmente de uma fazenda para outra; alguns ainda aí ficaram na qualidade de homens livres, na mesma plantação, fazendo os mesmos trabalhos, vivendo nas mesmas condições que antes, mas juridicamente livres. Contrariamente à opinião corrente, os engenhos do Recôncavo não renunciaram a sua atividade após a abolição da escravidão. Muitos deles continuaram a produzir como no passado. Em outros casos, a fábrica de açúcar do engenho foi fechada, enquanto o plantador continuou a cultivar a cana de açúcar, que fazia moer em um engenho vizinho ainda em atividade. Certos engenhos, todavia, foram completamente fechados e abandonados, ou levados à falência. Muitas plantações mudaram de mãos nesta época; os ricos cidadãos puderam arrematar as terras a bom preço. Toda via, a falência de numerosos engenhos do Recôncavo não foi consequência direta da abolição da escravidão, mas sim a consequência de uma evolução econômica que remontava muito longe. Bem antes da Abolição, as plantações do Recôncavo sofriam já da falta de capitais de uma má gestão, da mediocridade das colheitas e da concorrência de outras regiões produtoras de açúcar. A abolição foi, neste caso, o golpe de misericórdia que pôs fim a uma decadência muito antiga.

A produção açucareira do Recôncavo acusava, já ao final do século XIX, uma decadência sensível, e continuou a cair em seguida. Neste período, as usinas, grandes centros mecânicos de moagem de cana de açúcar, subvencionadas pelo Estado, foram criadas para estimular a produção. Na mesma época, abriram-se outras usinas, instaladas com aporte de

capitais privados. Estes centros recebiam e transformavam a cana de açúcar de diversas propriedades agrícolas. A usina apresentava a vantagem de liberar os plantadores do trabalho de moagem, e da venda do açúcar e lhes permitia consagrar seus esforços a incrementar a produção de cana; de outra parte, a usina mecanizada podia extrair da cana uma maior quantidade de açúcar. Este sistema de produção se revelou muito lucrativo, e as usinas governamentais passaram às mãos dos particulares. Os proprietários das usinas adquiriram também plantações vizinhas que puderam e foi assim que os usineiros, como se denominavam, tornaram-se simultaneamente proprietários das usinas e plantadores de cana de açúcar – empregadores de operários industriais e trabalhadores agrícolas. Os lavradores que não se deixaram anexar às usinas se tornaram fornecedores, fornecendo a cana de açúcar a qualquer uma das grandes usinas.

De muitos pontos de vista, todavia, o aparecimento das usinas não fez grande efeito sobre o regime tradicional das lavouras. Os fazendeiros que se diferenciaram dos usineiros mantiveram a sua independência; cada um tem, em geral, um gerente, responsável frente ao usineiro e encarregado de dirigir a plantação. De hábito, este gerente a serviço da usina vive no sobrado, antiga residência do senhor de engenho, ou seja, do fazendeiro. Os trabalhadores das plantações e suas famílias vivem ainda em casas semelhantes às senzalas; estas são, geralmente, longos corredores estreitos, recobertos de um teto único, divididos em cômodos de três a quatro peças cada um. Apesar de numerosas transformações tecnológicas, o antigo regime subsiste ao lado do novo no interior dessas fazendas do Recôncavo. Na mesma fazenda se utiliza, simultaneamente, tratores mecânicos e arados puxados por bois. Encontra-se, ao lado de uma casa iluminada por eletricidade, outra casa onde velas e lâmpadas a querosene são os únicos meios de iluminação. A hierarquia dos trabalhadores e dos especialistas da cultura de cana de açúcar é ainda, a muito pouco tempo atrás, a mesma que ao início do século XIX; ela compreende trabalhadores agrícolas, os condutores de carros de boi, artesãos e outros especialistas. O tamanho extensivo da plantação agrícola é aproximadamente o mesmo daquele que ela tinha no início do século XIX (apesar de atualmente ela possa ser uma sociedade de vários proprietários) e a propriedade empregue aproximadamente tantos trabalhadores assalariados quantos empregava como escravos.

O sistema das usinas, assim como outras influências exteriores, provocou, de muitos pontos de vista, radicais transformações no Recôncavo. Em duas ou três grandes usinas, os operários da fábrica de açúcar e mesmo os trabalhadores rurais são verdadeiros operários industriais, no sentido moderno do termo. Eles são os empregados de uma grande empresa industrial, e, neste sentido, protegidos - em princípio ao menos - pela legislação nacional do trabalho. As relações de caráter mais diretamente pessoais que existiam entre os lavradores e o senhor ou o gerente da fazenda, e que constituíam uma sobrevivência do tempo da escravidão deram lugar no interior das grandes usinas às relações impessoais entre empregador e empregado que caracterizam nossa época industrial. Hoje, as pequenas cidades e as fazendas modernas têm eletricidade, existem alojamentos modernos para os trabalhadores; o próprio Estado e as sociedades de produtores de açúcar asseguram o funcionamento de serviços médicos, existem escolas primárias nas pequenas cidades e em numerosas fazendas. O trabalhador encontra nas vilas distrações e a usina as organiza também em sua intenção. As estações experimentais de cultura da cana de açúcar que se

encontram na região recomendam constantemente o emprego de fertilizantes e a aplicação de métodos e técnicas modernas de produção. Apesar disto, as antigas estruturas tradicionais subsistem ao lado das novas e cada uma delas influi sobre as relações entre os grupos raciais da região.

III.

Vila Recôncavo é uma pequena cidade situada sobre a Baía de Todos os Santos. Ela está cercada de uma região rural que está estreitamente associada a sua vida social e econômica. Esta região, que é o objeto deste estudo, tem uma superfície de 80 km quadrados e a mais ou menos a metade da superfície total do município é a sede do mesmo.¹⁸

Nesta região existem quatorze fazendas, sendo três onde a cultura de cana de açúcar não é mais praticada. A cidade está em parte implantada sobre o território de uma dessas plantações, e o resto do território do município se compõe de parcelas pertencentes a particulares ou à Igreja. Apesar de que Vila Recôncavo é a sede do município, a administração local é a única função importante que ela desempenha para a região vizinha. Não é lá que se desembarca as encomendas compradas ao exterior nem que se embarca o açúcar produzido na região. Os braços de mar que penetram no interior de numerosas plantações são suficientemente profundos para permitir a navegação dos saveiros, (barcos a vela) que servem de transporte na Baía. Numerosas fazendas estão ligadas diretamente a Salvador. O comércio em Vila Recôncavo, praticamente se nutre das necessidades dos 1.462 habitantes da cidade, de certas pequenas ilhas e de uma localidade vizinha que não é produtora de açúcar. A cidade não é nem mesmo o principal centro de abastecimento dessas aglomerações, próximas a um outro centro comercial bem mais importante que tem a preferência deles. O prefeito é raramente escolhido entre os habitantes da Vila; é geralmente um fazendeiro das redondezas. Ele vai à Vila para cumprir os deveres do cargo, mas passa a maior parte de seu tempo na sua fazenda. Os outros funcionários do distrito são, na maior parte, moradores da cidade; apesar de que alguns dos vereadores sejam também fazendeiros da região rural.

A população da região que estudamos era, em 1940, 4.269 habitantes, (sendo 1.462 na Vila), e este número continua mais ou menos o mesmo. Sobre estes 4.269 habitantes, apenas 17 adultos (mais os seus 16 filhos), estabelecidos na região rural, são considerados, no país, como pertencentes à pura raça branca, com o aspecto de tal. Todos são fazendeiros que, além de suas propriedades na zona rural de Vila Recôncavo, têm uma residência urbana em Salvador. Na cidade, 14 pessoas (mais suas oito crianças) passam por ser puros representantes da raça branca. Três dos homens são considerados estrangeiros; entre os demais estão um médico, um dentista, um Coletor dos impostos do Governo do Estado, um Coletor Federal, e dois jovens que ingressaram, por casamento, nas suas famílias, na Vila. Entre as cinco mulheres – esposas ou irmãs dos precedentes – Está uma que aparenta ter negros em seus ancestrais, o que a obriga a alisar os cabelos, enquanto que as outras fazem permanentes para cachear os seus. Existe em Vila Recôncavo cinco famílias e muitas outras pessoas que são considerados como brancos apesar de ser público e notório que eles têm pessoas de cor entre seus ancestrais. No meio rural, os mestiços de certa categoria são

¹⁸ O município e a sua sede têm o mesmo nome.

ainda menos numerosos. São designados de *brancos da terra* (Blanches du Pays), expressão análoga à de *brancos da Bahia* citada por Pierson.¹⁹

Os dois outros elementos que compõem a população da Vila Recôncavo e da zona rural de seu entorno são os elementos negros e o elemento indígena. Como se pode esperar, o elemento negro é de longe o mais importante e é possível encontra-lo em todas as combinações possíveis entre a raça negra e a raça branca. O elemento indígena está entre aqueles que se denomina, na região, de *caboclos*, originários em geral do Sertão árido da região Nordeste, e frutos do cruzamento entre Indígenas e Brancos. Estes *caatingueiros* (literalmente, gente da caatinga) e *sertanejos* (literalmente: gente do Sertão) não habitam, em geral, ao Recôncavo permanentemente. Os grupos (*levas*) destes *caboclos* ou *caatingueiros* descem geralmente para o Recôncavo na época da colheita, de setembro a março, para procurar trabalho durante a estação na qual o Sertão está seco ou improdutivo. Na maioria das vezes, os homens vêm sós, vivendo ao lado dos trabalhadores permanentes da plantação e retornando para suas casas depois da colheita.

Na Vila Recôncavo e sua zona rural se pode distinguir quatro camadas sociais. Existe uma classe superior, pouco numerosa, de aristocratas brancos. Esta classe constitui quase um grupo endógamo e os casamentos entre primos-irmãos são extremamente freqüentes. Os dezessete adultos brancos descendem aparentemente das cinco famílias que constituem esta classe. Estas famílias estão estabelecidas na região há muito tempo; duas delas são aliadas por casamento entre primos-irmãos há muitas gerações. Os membros das outras famílias são todos casados – com apenas uma exceção – com pessoas de sua classe geralmente de famílias aristocráticas de outras partes do Recôncavo ou de Salvador. O único caso que é a exceção é o de um homem de pouca fortuna e mediocrementemente educado, mas alguém dizem ser de raça branca. Todos estes brancos vivem em família tanto no campo como na capital, onde passam uma parte do ano. Os laços tradicionais de parentesco e de amizade que os unem são muito sólidos. Estas grandes famílias têm numerosos parentes na Vila e em outras comunidades do recôncavo de sorte que os jantares, os bailes, as partidas de cartas organizadas e outras mundanidades estão quase sempre no grupo familiar. Os homens deste grupo exercem, na sua maior parte, uma profissão liberal: são advogados, engenheiros, médicos, etc.

A segunda classe social é formada pelo grupo, um pouco mais numeroso, dos burocratas da Vila, dos gerentes das fazendas, dos técnicos e especialistas da usina de açúcar, dos comerciantes e dos representantes das profissões liberais na Vila (médicos, dentistas, professores). Os membros deste grupo são, na maior parte, “do país” (?), exceto o médico, o dentista e certos professores. Neste grupo, aparecem quatorze Brancos “puros” que nós assinalamos já como moradores da Vila mesmo, e cinco fizeram parte de uma família de antigos fazendeiros. Os membros desta classe não têm residência na capital. Além disto, seu grau de instrução é menor àqueles da chamada aristocracia. Existe mesmo entre eles pessoas que não estiveram nunca na escola e dois analfabetos. Nesta classe se encontram ao lado dos Brancos acima citados, o maior número de *brancos da terra*, assim como de mulatos e alguns negros. Poderíamos chamá-lo de *classe superior local*, para distinguir do pequeno grupo de aristocratas regionais como foi colocado acima.

¹⁹ Pierson, (1942), p.139.

A terceira classe social de Vila Recôncavo é de longe a mais numerosa. Ela compreende o *povo*, ou simplesmente *gente*: pescadores, açougueiros, marceneiros, operários da fábrica de açúcar, trabalhadores da plantação, e todos os outros trabalhadores manuais. Enfim, existe um pequeno grupo que ocupa ao seio da comunidade um grupo ainda inferior e que compreende as pessoas sem renda regular nem assegurada: São em geral mulheres que são mães solteiras e que ganham suas vidas como aguadeiras, fazem ...lessives ou são empregadas domésticas; os homens são biscateiros, todos acantonados em papéis servis. Não existem nesses grupos, nenhum branco "*puro*". Alguns são considerados como "brancos da terra" mas em grande maioria são negros, mulatos ou outros mestiços.

Os aristocratas regionais vivem apenas no campo, não tendo residência na comunidade que nós estudamos. A classe superior local está melhor representada na Vila que no campo, já que compreende os técnicos e os gerentes locais. Os membros da terceira classe se dividem, também entre os que moram na cidade e no campo, já que esta classe compreende os artífices e os pescadores que moram na cidade, assim como os trabalhadores rurais. Ao contrário, as pessoas da classe inferior - aqueles que vivem à margem da sociedade de Vila Recôncavo - somente estão na Vila. Não existe lugar para eles nas fazendas ou nas usinas da zona rural.

Como já dissemos, a atividade econômica da região de Vila Recôncavo consiste, sobretudo em cultivar a cana de açúcar e extrair o açúcar. Aproximadamente 2.500 pessoas vivem desta indústria.²⁰ Cada fazenda é uma comunidade, com uma pequena loja, casas, um espaço para o descanso do proprietário, Os trabalhadores rurais vivem em seus lugares, nas casas que fazem parte da propriedade. Eles são remunerados por tarefas, ou seja, por quantidade de cana que colhem, a superfície de terra que plantam etc. De um modo geral, existem nas propriedades três empregos: o gerente, o feitor (ou contramestre) e o vaqueiro. O gerente é o personagem mais importante da fazenda: ele comanda os trabalhadores, faz as previsões para a próxima colheita, coordena o corte, o transporte, etc. É ele que dirige o trabalho: está só em toda a jornada, supervisionando os trabalhadores da fazenda, que vigia a todos. Ele presta contas de seus atos apenas ao proprietário das fazendas, que comanda através de seu intermediário. O gerente é quase sempre um mulato ou um negro. Dois dos gerentes negros são analfabetos; mas eles conhecem a fundo seu trabalho e gozam de inteira confiança do proprietário e do respeito dos trabalhadores. O feitor secunda o gerente; ele percorre a plantação, metro e caderno na mão, tomando nota do trabalho efetuado nos campos por cada trabalhador. Ocupa assim na hierarquia uma posição intermediária entre a do trabalhador e a do gerente. Em geral, o feitor das plantações de Vila Recôncavo é, como o gerente, um mulato de pele escura ou um negro. O vaqueiro é, de preferência, um caboclo do Nordeste. Ele toma conta dos bois empregados no transporte das canas de açúcar (podem existir de 80 a 100), vacas leiteiras, cavalos e mulas, inspeciona os currais, leva mensagens e acompanha geralmente os proprietários em suas viagens de plantação em plantação. Os três elementos raciais estão assim representados por meio dos homens que gozam de grande prestígio na plantação típica. O proprietário é branco, o

²⁰ Entre as 2.500 pessoas que habitam nas plantações de cana de açúcar e nas usinas, cerca de 600 homens que são efetivamente empregados. É evidente que esta mão de obra permanente é insuficiente e deve ser completada na época da colheita pelos grupos de caatingueiros.

gerente e o feitor são mestiços de negro e Branco; e o vaqueiro, originário do sertão, tem geralmente um pouco de sangue ameríndio.

A esta hierarquia é subordinada a massa dos trabalhadores e de suas famílias, que são em torno de duzentas pessoas numa plantação de importância média. Estes trabalhadores raramente se afastam; eles vivem geralmente durante muitas gerações na mesma plantação. Cada família possui um pequeno sítio ou quintal, onde planta um pouco de milho, feijão e mandioca. São pagos por quinzena e vai geralmente buscar seu salário na casa do proprietário. O montante é pouco elevado – 15 a 20 dólares por quinzena, segundo o trabalho efetuado no período. Os homens trabalham mais ou menos de cinco a seis horas por dia, salvo exceção – das seis da manhã ao meio dia – nem mais de cinco dias por semana. Eles trabalham duro sem parar. Depois do meio dia, eles cultivam seu quintal ou pequeno sítio, se a sua mulher já não o houver feito. Na fazenda, todo mundo come à vontade. Cada um tem um protetor na pessoa do proprietário e, em caso de necessidade, enfermidade ou acidente, é dele que esperam socorro. Este elemento pessoal joga um papel importante na maior parte das fazendas do entorno de Vila Recôncavo. Em geral, o proprietário sabe o nome de cada um de seus trabalhadores; ele conhece sua família, suas dificuldades e seus problemas familiares. Está a par, geralmente, dos seus casos sentimentais, da saúde dos recém nascidos, e de sua mãe. Em quase todos os casos de enfermidade, desde os simples resfriados e das crises de reumatismo até às infecções mais graves são informados diretamente ao patrão ou a sua mulher. O proprietário, após um período de ausência na fazenda, recebe a visita dos trabalhadores ou de suas mulheres e escutam deles as novidades. Os trabalhadores se interessam pela família do proprietário, mesmo os parentes mais longínquos, que geralmente conhecem a todos. Fazem-se mutuamente compadres, padrinhos de nascimentos e casamentos, cuidando reciprocamente das mortes e doenças. O patrão recebe também as condolências e felicitações. Os contatos têm um caráter pessoal, íntimo, amigável e franco.

Numa usina das mais importantes, que chamaremos de “São Pedro”, situada na zona rural de Vila Recôncavo, as coisas apresentam aspectos ligeiramente diferentes. São Pedro não é uma das grandes usinas do recôncavo; ela é relativamente pequena e pertence a uma das principais famílias de Vila Recôncavo, uma família da aristocracia regional que possui plantações da vizinhança desde muitas gerações. Como os proprietários da usina a gerenciam eles mesmos, e residem na Vila pelo menos uma parte do ano, eles podem, de uma certa medida, manter as tradições e manter relações pessoais com seus empregados muitos dos quais estão há muito a serviço das famílias, como trabalhadores das fazendas ou das usinas. Mas a usina e as fazendas da área de S. Pedro somam cerca de 1.183 trabalhadores, sem contar as mulheres e seus filhos.

A importância do empreendimento e o efetivo de mão de obra que ela emprega conferem às relações entre empregador e empregado um caráter menos pessoal e mais estritamente econômico. Os trabalhadores têm a tendência a não ser mais do que um nome sobre uma folha de papel e o empregador torna-se uma pessoa com a qual eles têm raramente um contato pessoal. Nas grandes usinas do Recôncavo esta tendência é ainda mais marcada, sobretudo agora é uma grande sociedade que tem sua sede em Salvador.

Depois da cultura da cana de açúcar é a pesca que ocupa mais gente. Convém ainda mencionar a indústria petrolífera que se acaba de criar.

Em Vila Recôncavo, a burocracia joga um grande papel na vida econômica da classe superior urbana. A prefeitura municipal, o pessoal da estatística, os coletores de impostos os correios, e diferentes outros funcionários ou empregados constituem um... deste pequeno grupo. Os funcionários da administração municipal dividem suas atividades entre o comércio (eles possuem pequenas lojas) e suas funções oficiais.

Malgrado sua antiguidade e a facilidade de comunicação entre ela e a grande cidade de Salvador, Vila Recôncavo é ainda uma comunidade isolada. Ela ainda depende do navio a vapor que assegura um serviço regular entre a Vila e Salvador, o número de viajantes é reduzido e se vê, em direção para o interior, a fazer o caminho a pé ou no curso de animais.

Os únicos veículos automóveis que existem – à parte os pertencentes à empresa petrolífera – são uma camionete e um caminhão de ligação pertencente à usina S. Pedro.

Os representantes de todas as classes estão de acordo em dizer que a vila está acabada, abandonada e morta. Ela tem um passado de riqueza e de glória testemunhados pelos grandes e belos sobrados dos barões que eram os donos dos engenhos e duas magníficas igrejas, aproximadamente mil soldados da guarda nacional têm aí uma guarnição ela jogou um papel heróico na guerra de independência de 1822 e foi julgada digna de uma visita do Imperador D. Pedro II. Hoje, os sobrados caem arruinados e estão desaparecendo completamente, porque os donos dos engenhos vivem hoje nas fazendas ou na capital, abandonando a Vila. Os militares partiram, as cerimônias religiosas perderam seu brilho. Vila Recôncavo é um exemplo de decadência que cai sobre toda a Região. Hoje, ela é conhecida pelo seu *xangô* [candomblé. O autor confunde com a denominação de culto afro-brasileiro que é característica de Pernambuco?] e seus camarões.

IV –

Nos Estados Unidos a linha de demarcação entre os Brancos os Negros é perfeitamente clara: qualquer um que não é branco é considerado como Negro, qualquer que seja a percentagem de sangue negro que corre em suas veias. Na Vila Recôncavo, esta linha de demarcação é um fato mais que uma regra. A distinção entre negros e brancos está sempre presente nos espíritos quando se trata de classificar um indivíduo: cada um sabe quem é de raça branca e quem não é. Esta classificação pela raça é um dos aspectos mais importantes da cultura local e um dos que o estrangeiro tem mais dificuldade de entender. Os bahianos do Recôncavo estimam que se pode instantaneamente perceber a diferença entre um branco ou Índio, Branco ou Negro, ou Negro e Índio. Mas esta distinção sumária não o satisfaz. Eles classificam e descrevem minuciosamente cada pessoa; e fundamentam sua classificação sobre a cor da pele, sobre a textura dos cabelos e sobre os traços da face, e fazem constantemente menção aos tipos raciais na conversa. Assim como se diz, nos Estados Unidos, que qualquer um é pequeno e grosso, os habitantes de Vila Recôncavo falam da cor e dos cabelos de uma pessoa.

No Recôncavo, se reconhece três grupos étnicos: Os Brancos, os Negros e os Índios. Os Brancos são denominados brancos. O termo negro dificilmente é aplicado a uma pessoa de ascendência africana, que será designado pela expressão *homem de cor*. A palavra negro é um termo genérico para a raça negra, mas não designa nenhuma pessoa. *Nego* (variante atenuada da palavra *negro*) é um termo afetuosos muito empregado, mesmo entre os brancos, e serve às vezes de apelido. Para o bahiano do Recôncavo, ao dizer Índio ele pensa geralmente no Indígena do interior do Mato Grosso ou da Amazônia. Quando se vai designar alguém que mora no Recôncavo e que apresenta características físicas do Ameríndio, se emprega geralmente a palavra *caboclo*.

Os Brancos são, por sua vez, divididos entre *louros* e os *morenos*. Existe ainda um terceiro termo, empregado apenas pelos que são considerados brancos puros para designar as pessoas que têm certas características da raça branca: são os *brancos da terra*. Um branco da terra é um homem que é branco do ponto de vista fenotípico – quer dizer, que tem o aspecto físico característico da raça branca (pele clara, traços finos, e cabelos “bons”, ou seja, cabelos lisos), mas que conta com Negros na sua ascendência. Ele é geralmente moreno e tem a pele ligeiramente escura. O branco da terra apresenta por vezes certos traços característicos do caboclo, nos traços que este deve à sua ascendência negra ou branca. . Em Vila Recôncavo, um branco puro designa Às vezes uma pessoa como branco da terra; mas nenhuma pessoa o fará em sua presença. Brancos e não brancos tratam os brancos-da-terra como Brancos e não há nenhum estranhamento de parte dele.

A cor da pele joga um grande papel nesta classificação, mas a textura dos cabelos é também considerada. Em caso de dúvida é a cabeleira constitui geralmente o critério de decisão. Depois da pele e do cabelo, são considerados os traços da face: prognatismo, forma do nariz e espessura dos lábios. Os numerosos termos empregados em Vila Recôncavo para designar as pessoas com ascendência negra ou mestiça podem se classificar, a partir dos diversos critérios, da seguinte maneira:

1. O *preto* ou *preto retinto* (Negro) tem a pele negra e brilhante, os cabelos crespos, os lábios espessos e o nariz achatado. Os pretos estabelecem as diferenças entre eles e se classificam de acordo com diferenças ínfimas de “qualidade” no interior da cor da pele, da forma do nariz, etc. O *preto* que tem a maior qualidade é aquele que se mais alinha com o tipo negro habitual e portanto é um negro. É um “mais fino” ou mais bonito que os outros.
2. O *cabra* e a *cabrocha* têm em geral a pele ligeiramente mais clara que o preto, os cabelos um pouco mais longos, mas ainda crespos e rebeldes, o rosto um pouco menos negro apesar de que os lábios ainda são muito grossos e o nariz chato. O *cabra* e a *cabrocha* não têm a pele lúzia nem a nitidez de traços do preto.
3. O *cabo verde* tem a pele ligeiramente mais clara que o preto, mas ainda muito escura. Ele tem, todavia, longos cabelos lisos e seus traços são muito finos, seus lábios finos, seu nariz estriado e retilíneo. É quase um “homem branco com pele negra”.
4. O *escuro*, ou o homem escuro, tem a pele mais escura que a maioria dos mestiços. Este termo é geralmente aplicado a uma pessoa que não pode ser classificado em nenhuma das três categorias anteriores. O escuro é quase um negro, mas tem os

traços característicos da raça branca. Ele tem, em geral, "qualidade". O termo escuro é muito útil para o estrangeiro no Recôncavo.

5. Os *mulatos* constituem uma categoria ao seio da qual se distinguem dois tipos: o *mulato claro* e o *mulato escuro*. O mulato geralmente tem uma cabeleira que lhe cai pelos ombros, mas que é cacheado ou mesmo crespo. Ela se deixa facilmente alisar. O rosto dos mulatos é muito variável, lábios espessos e nariz fino ou vice versa. Em geral, os traços são mais fortes que os do branco e mais finos que os do preto. O mulato se distingue, de hábito, pela cor amarelada da pele, que é mais acentuada neles que nos brancos da terra. Sua pigmentação varia desde o muito claro até o muito escuro. Um mulato claro, com os cabelos alisados, seus lábios finos e seu nariz "regular", se pode confundir com um "branco da terra".
6. *Pardo* é um termo pouco usado na conversação. Ele designa uma das categorias oficialmente empregadas pelos recenseamentos e estabelecidas nos papéis de identidade. Apesar disto, o termo é às vezes aplicado a um indivíduo para indicar que ele se aproxima mais do branco que um mulato claro. É assim que uma menina de ter anos é classificada por sua mãe. Ela vive com seu pai, que é um banco da terra. Ele a considera como branca, porque ela tem uma pele bem clara, seus cabelos são longos e ligeiramente ondulados. Mas a sua mãe continua a qualificá-la de parda, porque ele diz que "seus cabelos podem ficar cacheados um dia ou outro e, então, ela será uma mulata clara".
7. O *sarará* não é difícil de distinguir. Ele tem uma pele muito clara, e seus cabelos vermelhos ou louros, mas crespos ou muito cacheados, Seus cabelos são qualificados de duros. Seu aspecto é muito variável, mais ainda que a do mulato. Existem sarará que passariam por brancos nos Estados Unidos, mas na maioria das vezes seu aspecto é muito curioso: pele nem clara nem escura, às vezes salpicados por sardas, reflexos azul esverdeados nos olhos, cabelos que ficam descoloridos facilmente ao sol. Em Vila Recôncavo, o sarará se encontra geralmente entre os pescadores e os habitantes das ilhas. É raro encontrar uma pessoa deste tipo físico que não tenha a pele muito bronzada e os cabelos muito louros.
8. O moreno tem a pele muito bela, fina e macia, de cor clara, mas não branca. Seus cabelos são longos e ondulados ou cacheados; eles são facilmente penteáveis e não precisam ser alisados. Seus traços parecem mais com os dos brancos que com os dos negros. Ainda aqui, é necessário distinguir entre os morenos claros e os morenos escuros, entre os morenos mulatos e os morenos brancos (morenos das famílias brancas). O termo moreno empregado para os brancos serve para distinguir o moreno dos louros no seio do mesmo grupo.

Raros são os que podem ser classificados sem alguma hesitação nem reserva em algum desses grupos "raciais". Daquele que se aproxima bastante do tipo preto – quer dizer, que apresenta todos os caracteres do preto – é dito bem preto, ou bem pretinho (verdadeiramente preto). Do mesmo modo, o sarará será "bem sarará"; e o moreno será bem moreninho, ou moreno fino. É igualmente difícil encontrar o tipo perfeito das outras categorias, tanto as variantes são numerosas. É possível que um indivíduo seja classificado como sendo de um grupo, mesmo tendo todas as características de outro grupo. É assim que a um rapaz que tem todas as características de um homem escuro, como ele é muito simpático se prefere considerar como moreno. Ele tem a pele fina e os

traços finos, mas sua cabeleira é crespa. Se lhe atribuirá geralmente o termo moreno, ajuntando: "mas ele tem o cabelo ruim". Pode-se também dizer "É um mulato, mas é bem claro". Estas descrições evocam uma imagem bem nítida da pessoa em questão. Em Vila Recôncavo, não basta distinguir os negros dos brancos: é preciso diferenciar todas as nuances intermediárias.

Às categorias enumeradas acima, é necessário ainda acrescentar a dos caboclos, que é um caso particular. Como foi dito acima, os homens do tipo ameríndio que se encontram no recôncavo vêm na maior parte do Sertão, ao norte, nos períodos de seca. Estas migrações periódicas deixaram relativamente poucos traços, apesar de sua antiguidade. Apesar disso, a população de Vila Recôncavo compreende um elemento caboclo importante – a saber, os homens de pele avermelhada ou bronzeada, com os pomos (as maçãs do rosto) mais salientes que as dos negros ou os brancos, e os olhos ligeiramente fendidos ou amendoados. Raros são, todavia, entre os habitantes do Recôncavo que apresentam estas características, que são chamados de caboclos. Eles são incluídos nas outras categorias enumeradas, sem ter em conta as suas características físicas. Em Vila Recôncavo, o caboclo não é bem visto. É considerado menos civilizado que as pessoas do país, apesar de serem eles mais trabalhadores, mais ambiciosos, mais frágeis, mais despreocupados, mais frugais, mas também mais alegres, que os habitantes do Recôncavo. Na região rural do Recôncavo numerosos caboclos do sexo masculino vêm todos os anos trabalhar nas fazendas durante a colheita. Na sua maioria, eles vivem isolados, sem se misturar com os moradores, ou trabalhadores estáveis que moram na fazenda. São construídos para alojá-los uma espécie de acampamento onde eles mesmo cozinham lavam e consertam sua roupas e passam suas noites reunidos ao redor do fogo, cantando cantos do sertão, separados dos trabalhadores permanentes.

Estes dois grupos mantêm um e outro uma certa distância entre si. Porque, se o morador tem pouca estima pelo caboclo, este tampouco o considera bem. Eles consideram as pessoas do lugar preguiçosos, ignorantes e sobretudo supersticiosos. Um vaqueiro de uma certa fazenda conta que os trabalhadores daquela fazenda só falam de magia negra, que são preguiçosos e desperdiçados e que eles se riem de sua frugalidade. Eles não crêm na magia negra. Os habitantes de Vila Recôncavo não admitiriam jamais terem antepassados caboclos ou indígenas. Uma moça, em quem o tipo físico ameríndio é quase perfeito, se diz mulatinha²¹. Ela protesta veementemente quando se insiste em saber se tem algum sangue indígena na sua família, mas acaba por reconhecer que um de seus bisavós foi um mestiço indígena. Esta moça, se puser uma pena nos cabelos e vestir um sarong, poderá perfeitamente ser identificada com a idéia que se tem de uma Pocahonta; mas é considerada como "mulatinha", quase morena.

Os brancos "puros" têm por sua vez uma outra atitude face ao caboclo. Certas famílias brancas proclamam que estão inteiradas que têm "sangue índio"; isto significaria que são fixadas no Brasil há muito tempo. Ele admitiria que um menino branco tem um jeito meio índio, quer dizer, que é moreno, com cabelos lisos, de cor bem negra. Os representantes deste tipo são Às vezes apelidados de tapuyas, e eles são geralmente

²¹ Pequena mulata. O emprego do diminutivo pretende retirar do termo mulato o que ele pode ter de brutal e depreciativo.

admirados pelos brancos. Todos os trabalhadores da fazenda concordam que no trabalho ninguém ultrapassa aos caboclos. O trabalhador do tipo indígena que vem do Nordeste irá ao campo das seis da manhã Às seis da tarde. Levam sua comida consigo e os comem no trabalho. O morador ao contrário irá ao campo Às seis da manhã e voltará ao meio dia. Entretanto, os proprietários de fazenda preferem os negros e não se esforçam em fixar os caboclos na fazenda. Quando a colheita termina, o caboclo toma suas economias e se vai. Ninguém sabe se ele virá à mesma fazenda no ano seguinte e ninguém pensa em preocupar-se.

Não há tensões graves entre os dois grupos. Eles trabalham lado a lado durante uma parte do tempo, mas passam seus momentos de lazer separadamente. Isto não impede que, de tempos em tempos, um caboclo fique no Recôncavo, tome mulher entre os moradores e fixe residência.

As percentagens dos grupos na população calculados após uma contagem, a partir de 162 chefes de família apresentam aproximadamente os seguintes resultados nas quatro categorias estudadas: preto, 50, ou 40%; mulato, 59, ou 49%; caboclo, 3, ou 2# branco, 11, ou 9 %.

V -

Cada um dos tipos físicos que são encontrados em Vila Recôncavo é listado tendo uma série de traços de caráter que são associados ao seu aspecto físico. Estes estereótipos de comportamento provável refletem faz tempo a atitude da população face aos diversos tipos raciais existentes no seio de sua população. Dois tipos físicos, por exemplo, o cabra-cabrocha e o sarará são em geral mais "a lamentar que ter vergonha ", porque os outros os consideram em geral muito feios. Se vê neles o produto dos cruzamentos repetidos entre parentes cujos caracteres físicos não se combinam harmoniosamente. Se reprova neles não ter os traços marcados que caracterizam os outros tipos físicos; "mesmo um preto de qualidade é melhor que eles - pelo menos ele é mais bonito". Ademais, os representantes destes tipos físicos passam por ser de difícil relacionamento; eles são irritáveis e suscetíveis. São os menos estimados em Vila Recôncavo. Todos os outros tipos físicos têm qualidades positivas; e um ou outro recebeu a preferência segundo se lhes atribui esta ou aquela qualidade.

Ao preto se atribuem as qualidades humildes; é um bom trabalhador, despido de pretensões e capaz de fidelidade e de afeição por seu emprego. Se diz que ele é também preguiçoso, o que é inconciliável com a sua qualidade de bom trabalhador. Ele passa por servil e alegre. Se diz, também, que o preto sabe como melhor agradar ao Branco. Com um sorriso cativante, atitudes agradáveis e atenções pessoais, o preto sabe dar ao branco a impressão de importância e o deixa com o humor favorável ao atendimento aos seus favores. Em outros termos, ele sabe lisonjear, mas o faz com uma certa dignidade; sabe que o faz, mas sabe que o branco também sabe. Os brancos acham que os pretos estão, em geral, satisfeitos com sua sorte, porque ele sabe que não pode trocar de cor; seus filhos ou seus netos serão sempre negros. Em Vila Recôncavo existem representantes de todos os tipos raciais, e fora os brancos, dizem que uma das qualidades que eles preferem nos pretos é que eles não desejam nunca passar por brancos. Nada é mais ridículo que um "homem de cor" que, em razão de sua situação econômica ou de outras circunstâncias, pretenda ser gente, ou Branco.

Por outro lado, o preto cuja situação material é satisfatória, que tem uma vida digna e sem pretensão, é bem visto por todos. Vila Recôncavo fornece um excelente exemplo. Um preto, proprietário de uma plantação de cana de açúcar da vizinhança e bastante afortunado, leva uma vida simples e tranqüila. Seus filhos foram estudar na capital, um na Faculdade de Direito outro no Liceu (certamente, o Colégio Estadual da Bahia - Central). Suas relações com os fazendeiros brancos e com os usineiros são livres e cordiais. Ele será admitido em qualquer reunião mundana, se ele tiver vontade de ir; e se conduzirá como um homem do mundo, sem qualquer pretensão. Ele será também admirado por todos como um exemplo de como um homem preto se pode conduzir.

Os mulatos e os escuros têm a reputação de serem "arrivistas", sobretudo se têm estudos além da escola primária, ocupam lugares na administração, são comerciantes ou abraçam uma carreira pessoal. Em Vila Recôncavo, existem dois mulatos que se consideram como os únicos intelectuais cultos sem qualquer exceção. Eles se queixam de não ter ninguém com quem falar poesia, literatura, arte e música. Eles são os primeiros a proclamar que os habitantes de Vila Recôncavo são estúpidos, preguiçosos ignorantes e supersticiosos. Eles são inclinados a tratar todos os outros como pretos e têm com os pretos o menor contato possível. Eles se consideram mais próximos, pela raça, dos Brancos que dos Negros.

Se encontra, todavia, nas reuniões mundanas que reúnem os Brancos da classe superior, um grupo de mulatos instruídos e é então, assim parece, que as pretensões características do mulato se manifesta, que ele se mostra arrivista, possuindo justamente a afetação de maneiras dos costumes e da linguagem. Num estudo sobre a cidade de Salvador, Pierson apresenta uma citação que pode resumir a atitude que é adotada pelos Brancos da cidade de Vila Recôncavo à vista dos mulatos: "Eu detesto sua empáfia, seu desrespeito, sua pretensão, sua inconstância, e sua falta de palavra, sua arrogância, e (quando eles conseguem se elevar algum degrau na escala social) seu descuido, prepotência, autoconfiança, seu topete, e todas as suas formas de se fazer valer". Brancos e Pretos estão de acordo em Vila Recôncavo, em fazer pouco do mulato, e pronunciam a palavra mulato de uma certa maneira, evocando estas características. A todo tempo, o mulato teve a possibilidade de se elevar na sociedade e é tratado, mais ou menos, como um Branco. Nesta situação, parece que existe uma certa rivalidade entre eles, e é seu sentimento de insegurança que parece dar ao mulato o caráter que nós descrevemos.

Os outros mestiços da região não gostam do tipo do mulato cujos atos e palavras mostram que ele deseja ser Branco e tratado como tal. Raros são os domésticos que aceitam trabalhar para ele. Muitos homens que tem caracteres físicos como os mulatos mas que não tiveram ocasião de se instruir e de ocupar um lugar na sociedade, não gostariam de ser chamados de mulatos. Eles preferem o termo pardo, que lembra o tipo físico do mulato, mas não os seus traços de caráter.

Os estereótipos que se associa ao termo *moreno* são mais simpáticos. O moreno, e sobretudo a morena, beneficiados por um preconceito favorável. Sua atração física se exerce sobre as pessoas de todas as classes e de todas as cores. A morena mulata (morena mestiça) e a morena branca (branca de cabelos pretos) se confundem no tipo ideal da morena, em que tudo é poesia. A morena pode adotar as maneiras do grupo que quiser sem

que ninguém a rejeite. A morena tem os favores de todos os tipos raciais e, seja o que ela faça, ela é raramente responsabilizada.

Existem também os estereótipos do Branco. O Branco é um personagem que não precisa trabalhar, que o trabalho não deve sujar nem fazer transpirar (só o esporte pode ter este privilégio). Ele deve ser instruído, bem vestido, rico e poderoso – também no plano político e como proprietário de terra. Ele também deve fazer prova de um certo senso de responsabilidade face aos membros das classes inferiores que dependem dele; ele deve proteger contra toda atentado aos seus direitos, olhar pelos seus afilhados de classe inferior e distribuir às vezes favores. Para se dirigir a eles, se emprega a expressão cerimoniosa de *senhor*, mesmo que ele, na conversação, com todos os outros, se sirva da forma popular *você*. Se pode também chamá-lo familiarmente de *yoyô* (no masculino) ou de *yayá*, no feminino, termos tradicionalmente utilizados pelos escravos com os seus senhores; e é interessante notar que são geralmente os mais escuros entre os pretos (e mesmo os mais independentes entre eles) que empregam este vocábulo. Vossa Excelência se usa também quando homens de escalão inferior, aparentemente de uma geração mais velha, se dirigem a um “aristocrata branco”. Às vezes, os Brancos são chamados simplesmente de *meu branco*. Quando as classes inferiores falam dos “aristocráticos brancos”, ou ainda quando os Brancos falam deles mesmos, eles empregam simplesmente a palavra “gente”, cuja acepção, apesar da definição do dicionário, é mais ampla do que simplesmente *peessoas*: é sinônimo de Branco, de classe superior, e evoca riqueza. Os estereótipos associados a homem branco e, sobretudo, os termos que são endereçados a ele, estão relacionados com o nível aristocrático de proprietário de terras.

Esta classificação complicada da população segundo o tipo racial e estes múltiplos estereótipos de homem de cor no espírito do Branco (e vice versa) joga um papel particularmente importante no Recôncavo. Não é apenas um modo de descrever uma pessoa, como se se dissesse que ela é pequena ou grande; magro ou corpulento; ela exprime também implicitamente, o que cada um encontra nos homens dos outros grupos raciais. Os Brancos querem bons trabalhadores, alegres, em quem eles possam depositar confiança. O homem de cor procura um protetor em quem se abrigar, o patrão, qualquer um que dê proteção, que será o padrinho de seus filhos, etc. Mas, às vezes, estes termos são empregados num sentido pejorativo. Um Branco, irritado com algo que o preto fez, ou não fez, dirá às vezes “que negro ruim!”. Mas a sua cozinheira preta poderá se exprimir da mesma forma quando um mulato claro derrubar água na cozinha: “que gente ruim!”. Do mesmo modo um preto ou um mestiço desapontado por um Branco, dirá: “que gente ruim!”. A cada uma dessas exclamações de impaciência corresponde também uma expressão laudativa: A expressão “que negro bom!” é muito rica de sentido. Aplicada a um homem de cor qualquer, ela exprime toda a afeição e toda a estima que puderam ser construídas quatro séculos de relações estreitas entre brancos e negros. Por sua vez, é uma desculpa para a opressão e a escravidão passada, e um agradecimento pelos serviços presentes. E, para um homem de cor, dizer “Ele é um Senhor!”, ou é “um branco bom”, é admitir que Brancos e Negros podem viver juntos sob uma base de respeito mútuo.

Existe uma série de expressões, empregadas por todos os grupos, para designar aqueles que pretendem passar por Branco. Qualquer um que tente fazer isto se cobre de ridículo aos

olhos de todos. Brancos e Negros comentam a conduta do arrivista, e emprega a seu propósito as expressões " tem pinta" , "tem sangue","é da raça", ou, simplesmente "besta", "cheio de arte", "cheio de manha" ou "fala bonito".

Muitas das expressões são empregadas pelas classes inferiores para colocar em ridículo o Negro e os mestiços que querem se fazer valer ou "subir". A maior parte comenta:

"O negro não se casa, se junta"

O negro não acompanha uma procissão, corre atrás dela.

O negro não se senta, ele se acocora.

Negro vestido de branco, chuva próxima.

O negro não vai a missa com fé, vai para espiar.

O negro convidado na casa do Brando é o primeiro a se servir e o último a parar de comer.

A inteligência do negro não é maior que seus cabelos. "

A idéia que os habitantes de Vila Recôncavo fazem tradicionalmente de seus diversos tipos raciais salta de suas respostas a um questionário descritivo realizado in loco²². Foram mostrados a um certo número de sujeitos uma série de oito fotografias de pessoas que ele não conhece – quatro homens e quatro mulheres, pertencentes aos quatro grupos raciais (caboclo, preto, mulato e branco) Escolheram-se as fotografias sem dar qualquer indicação sobre a condição social destas oito pessoas. Mas aquelas que puderam se procurar não respondiam exatamente aos fins de nossa pesquisa na Vila

Recôncavo. A fotografia do caboclo representa um homem de meia idade, mas um tipo ao qual a opinião popular local empresta grande personalidade, enquanto que a cabocla tem mais idade e é certamente pouco simpática aos olhos das pessoas do país. Os dois pretos são, sem qualquer contestação possível, de verdadeiros pretos e todos dois jovens. Os dois mulatos são bem diferentes um do outro, dado que o homem é diretamente um tipo mulato comum, enquanto que a mulher é do tipo mulata morena muito mais que mulata ouca. Ela é jovem e teve um julgamento bem mais favorável que qualquer mulher apresentada. Os dois brancos não se distinguem por nenhum sinal particular e os sujeitos interrogados não estão certos de que eles sejam Brancos de raça "pura".

O questionário foi submetido a 85 pessoas, sendo 45 homens e 40 mulheres; foram: 18 brancos (11 homens e 7 mulheres); 41 mulatos (21 homens e 20 mulheres); 18 pretos(7 homens e 11 mulheres) e o caboclos (6 homens e 2 mulheres).

A tabela I indica os tipos raciais com os julgamentos que obtiveram os mais bonitos, os mais ricos, os mais trabalhadores, os mais honestos e os mais religiosos.

Mostra a tabela I que 1º, o homem branco é o ideal de beleza masculina; 2º, o tipo feminino preferido é o da mulata, mas a cabocla – e este fato merece relevo- está no mesmo patamar de escolha que as brancas; a mulata e a cabocla das fotos (apesar da idade que elas aparentam ter) as aproximam do tipo físico das *morenas*, que tem claramente a preferência dos habitantes de Vila Recôncavo. 3º. O homem caboclo foi designado como o mais rico, o que é surpreendente, dado o estereótipo do Branco rico; mas, no que entendo, esta escolha

²² O questionário foi apresentado aos sujeitos por um assistente local depois que o autor visitou Vila Recôncavo; mas os resultados obtidos concordam em geral com as observações que ele havia feito ao curso das pesquisas na comunidade.

deriva do fato de que a aparência do caboclo que fira na foto deixa a impressão de um homem "distinto", enquanto que a foto do Branco apresenta a face de um jovem "sem caráter". 4º. O preto foi designado como o mais trabalhador, resultado que confirma o estereótipo apresentado acima. Entretanto a cabocla foi apresentada como a mais trabalhadora, o que o poderia ser explicado ela expressão local empregada "boa na falta de outra". 5º. Os caboclos, homens e mulheres, foram designados como os mais honestos e os mais religiosos, o que está conforme ao estereótipo do caboclo, que é considerado mais sério e mais solene que o nativo do Recôncavo.

TABELA I – Número de sujeitos que aparecem em primeiro lugar

Questões	Pretos	Mulatos	Branco	Caboclos
O homem mais bonito	39	17	14	15
A mulher mais bonita	26	3	30	26
O homem mais rico	27	11	9	38
A mulher mais rica	37	8	17	23
O homem mais trabalhador	4	38	13	30
A mulher mais trabalhadora	7	22	23	33
O homem mais honesto	11	22	8	44
A mulher mais honesta	15	13	22	35
O homem mais religioso	21	15	13	36
A mulher mais religiosa	17	11	17	40

Obs: P – Preto, B – Branco, C - Caboclo – Mulato ,

TABELA II – TIPOS INDICADOS EM PRIMEIRO LUGAR PELOS SUJEITOS CONSULTADOS.

Questões	Pretos	Mulatos	Branco	Caboclos
O homem mais bonito	P	B	B	B
A mulher mais bonita	C, B	M	B	B
O homem mais rico	P	C	C	C
A mulher mais rica	B	B	B	B
O homem mais trabalhador	P	C	P	P
A mulher mais trabalhadora	P	C	M	C
O homem mais honesto	C	C	C	C
A mulher mais honesta	C	C	C	C
O homem mais religioso	C,M	C	C	C,B
A mulher mais religiosa	C	C	B	C

Obs: P – Preto, B – Branco, C - Caboclo – Mulato,

A Tabela II precisa os dados apresentados na Tabela I, indicando claramente os tipos indicados em primeiro lugar, na resposta ao mesmo questionário, pelos pretos, os mulatos, os brancos e os caboclos, respectivamente. A conclusão mais evidente que se destaca da Tabela II é que a preta é considerada como bem inferior. Ela está colocada em primeiro lugar apenas uma vez pelos outros grupos, como a mais trabalhadora, e o foi pelos negros. Apesar de a Tabela I designar a mulata como a mulher mais bonita, ela o foi considerada como tal pelos seus congêneres; os três outros tipos raciais escolhem a Branca e a Cabocla. Somando-se o número total de escolhas, a mulata ganhou (por quatro vezes). É interessante observar que os Negros designaram os pretos como os mais ricos, colocando o caboclo em segundo lugar, enquanto que os outros grupos escolheram o caboclo.

VI –

Diz-se no Recôncavo: onde há açúcar, aí existem os negros. E isto foi verificado empiricamente, em nossos dias, em quase todos os casos. Nas ilhas da baía, onde nunca houve engenhos, os pretos são raros. Na cidade de Vila Recôncavo e numa pequena comunidade localizada a oeste de Vila Recôncavo, onde nunca houve engenhos, os Pretos são muito mais raros que na zona dos engenhos e das plantações. Se se fizesse um mapa de todo o campo e se aí se indicar grosso modo, com tons mais claros ou menos claros as variações de cor da população, se constata que há muita gente branqueada nas regiões de plantação que nas outras onde nunca se cultivou cana de açúcar.

Estas regiões mais claras tendem a continuar a se clarear, enquanto que as regiões escuras conservam suas características negróides. Em Vila Recôncavo, que é uma comunidade mestiça, as pessoas de pele clara procuram encontrar seus maridos ou suas mulheres na população clara da capital. Os habitantes da Vila tem a maior parte de seus parentes ou amigos em Salvador, e eles vão aí repetidamente. Muitas moças vão passear na Vila e se casam ou aparecem grávidas. Nas fazendas, os habitantes não perdem ocasião de se misturar, em razão do isolamento onde eles vivem. Os cruzamentos se produzem seja no interior de uma mesma fazenda, seja entre fazendas vizinhas; e, como os trabalhadores das fazendas são, em sua maioria escuros, seus filhos são, em geral, escuros. Existe poucos casamentos entre os habitantes de regiões urbanas e os das regiões rurais.

Os habitantes da cidade se consideram fortemente superiores do ponto de vista cultural aos tabaréus, ou rústicos²³. Eles não apenas têm a pele clara, eles são mais urbanos, graças aos contatos, sempre mais numerosos com o mundo exterior. É somente na Vila que os membros das classes inferiores pareceram se interessar pelo problema racial nos Estados Unidos. Eles fizeram reservas à segregação, que não podem compreender. Para os habitantes das regiões rurais, os Estados Unidos representam somente um país que não é Bahia. Os cidadãos continuam a "evoluir", à medida em que sua pele se clareia enquanto que nas fazendas, a cor da pele não tende a mudar, como também o grau de instrução.

A noção de classe joga um papel capital na vida quotidiana dos habitantes de Vila Recôncavo. Todos os membros permanentes da comunidade sabem muito bem o lugar que toca a cada um. Quase todos dirão que existem duas classes: os ricos e os pobres.. Mas as definições de riqueza variam consideravelmente, enquanto que, sobre as definições de pobreza o acordo é quase geral. Ser rico significa ter dinheiro, uma casa bem construída, muita roupa, um cavalo ou uma mula, um empregado para fazer trabalhos domésticos; significa também poder escapar do trabalho manual e exercer um certo poder sobre os outros. Ao contrário, ser pobre é trabalhar para outro, habitar uma casa de palha sobre um piso de chão batido, ter apenas uma roupa e um único par de calçados. Esta classificação sumária em duas classes atende às necessidades corriqueiras.

Um exame mais atento, todavia, mostra como nós já havíamos indicado, que é possível distinguir quatro classes. Um certo número de elementos entram na definição de cada

²³ Outras expressões são empregadas para exprimir a mesma idéia. São: gente do mato, (gente da floresta) e gente da roça (homens do campo).

classe: grau de riqueza, grau de instrução e origem familiar. A raça joga também um papel importante. Alguns pretendem que é o grau de instrução que está em primeiro lugar, que ele vem logo e que a raça está em último lugar. Ela não é mais do que um dos diversos elementos sobre os quais repousa a hierarquia social, em vez de um fator de discriminação que divide os homens em grupos inteiramente distintos.

Existe apenas um caso em que o tipo racial coincide absolutamente com uma classe: "os aristocratas brancos" da região rural são a classe superior. Esta se compõe, em Vila Recôncavo, dos representantes de algumas famílias, descendentes dos senhores de engenho, que conservaram suas terras e exercem na capital uma profissão liberal. Eles fazem parte da classe superior, não somente em Vila Recôncavo como também na capital, Salvador, e sua família é conhecida em outros grandes centros do Brasil. Eles têm os horizontes muito mais largos que os outros habitantes de Vila Recôncavo e o seu campo de atividade é muito mais amplo. Também esta classe superior está separada de todos os outros por uma imensa distância. Eles detêm entre eles relações estreitas, visto que seus membros, pouco numerosos, vivem grande parte do ano na região e aí vêm frequentemente, apesar de sua permanência em Salvador. Não existe rivalidade, pelo menos no campo, entre esta classe e aquelas que lhe são inferiores. Na vila, em troca, a aristocracia não escapa às tensões nem às dificuldades internas que são comuns a toda "alta sociedade".

No campo, esta classe se mantém à parte, mas ela vai aí apenas quando um fazendeiro organiza uma festa para os membros da redondeza (pessoal das fazendas vizinhas). Duzentas ou trezentas pessoas participam destas festas; os brancos são nelas espectadores, mais que participantes, mas as regras de cortesia e de hospitalidade são escrupulosamente observadas e nenhuma distinção de classe impede aos convidados de se sentirem à vontade. É nestas reuniões que os intelectuais e os mulatos da região procuram mostrar que eles são mais próximos dos Brancos que dos outros mestiços.

É exatamente entre a segunda classe e nas outras que lhe são inferiores que as rivalidades sociais se manifestam em Vila Recôncavo. Esta segunda classe, a classe superior local, compreende todos os brancos da Vila, mais um grande número de mulatos e de negros. Em geral, esta classe é a mais conservadora, que tem que resguardar sua "superioridade", e que sofre a pressão das classes inferiores. Ela usa e amplia toda ocasião de humilhar aqueles que são para eles, em qualquer plano, os concorrentes possíveis. É no interior deste grupo que as moças são mais monitoradas; elas não têm a liberdade nem das filhas dos fazendeiros, nem das filhas dos pescadores. A aparência joga um grande papel na vida do grupo e os homens muito raramente saem à rua sem paletó e gravata.

Este grupo é politicamente muito dividido. A política é um dos principais meios que os seus membros dispõem para se manter ou subir na hierarquia social, e eles levam isto a sério. As querelas políticas reduzem a vida mundana e muitas famílias são separadas por divergências de ordem política. Também a atividade mundana dos membros deste grupo é quase nula. Eles levam uma vida extremamente morna, esforçando-se para manter um modo de vida do passado, procurando sofrivelmente manter o nível econômico e não decair, de maneira que sua atividade é cada vez mais estrita. Esta classe é relativamente pouco numerosa, e, se nenhum de seus membros sobe à classe superior, em troca muitos dos representantes da

classe inferior se esforçam para entrar nela. O dinheiro introduz nela aqueles que o possuem, qualquer que seja o seu tipo racial, apesar de que é no campo onde está empregado, com a suposição de riqueza e de poder que ele traz, que o faz subir, por exemplo, a administrador de fazenda.

É na grande massa da terceira classe a classe média local, que nós encontramos mais casos de ascensão social ou, pelo menos, de mais possibilidade de ascensão. Qualquer pessoa, não importa quem, nesta classe, pode, se ele deseja, melhorar sua condição; e aqui ainda é a riqueza que constitui um fator decisivo. O tipo racial joga aí um papel mais importante que na segunda classe, e também a ambição, já que a maioria dos membros desta classe são mais desprovidos dela. Pode ser que esta atitude de apatia seja explicável pelo longo passado de escravidão. Em todo caso, é neste nível que classe e raça se confundem mais.

Nesta classe, aqueles que desejam subir na hierarquia social dirão para a maior parte, que é melhor ser branco que ser escuro, porque é o branco quem tem mais dinheiro, mais instrução, e, portanto, mais chance de subir. Tradicionalmente, o mulato de pele clara pode, de uma certa forma, participar de todas as suas vantagens. Eles afirmam que um indivíduo com uma pele um pouco mais clara tem uma ascensão mais fácil. A classe superior acolhe mais facilmente as pessoas de pele mais clara apesar de que, de um modo geral, vale mais ser um preto rico que um pobre branco.

Para os membros desta classe, o casamento é, depois do dinheiro, um dos meios mais importantes de subir, e é um fato de um homem de pele clara se casa mais facilmente na classe superior que um homem de pele escura. De algum modo, não se vê favoravelmente um casamento entre cores muito diferentes. Quando um casamento deste tipo acontece, ele é designado pela expressão "mosca no leite" e visto por todas as partes como repugnante. Um preto, antigo pescador, que fez fortuna no comércio, casou com uma "branca da terra", pobre mas quase branca. Este casamento não lhe serviu para subir na escala social, mas fez "clarear seus filhos". Sua própria condição se beneficiou do fato de sua prosperidade econômica. Quanto a seus filhos, que têm a pele muito mais clara que ele, fizeram seus estudos na Vila e sua cor - como sua situação boa econômica - lhes abrem certos meios que o pai nunca freqüenta. Eles têm mais chance de fazer um bom casamento do que teriam se, com igual condição de riqueza, eles tivessem a pele escura.

Citaremos ainda o caso de uma jovem branca da classe superior da vila, noiva de um preto que é engenheiro em Salvador mas cuja família é originária de Vila Recôncavo. Este projeto de casamento suscitou uma viva oposição da família da moça; todos os seus amigos estimam que, embora ela tenha encontrado um bom partido - ou seja, um homem que tem diante de si uma bela carreira - este homem é muito escuro para ela (apesar de que sua mãe é uma branca da terra e sua avó tenha a pele escura).

É, sobretudo, olhando o casamento que a barreira é facilmente franqueada entre a classe superior e os aristocratas brancos e as classes inferiores. A classe superior admitirá às vezes um homem branco da segunda classe, porque ele é branco, mas um homem de cor tem muito pouca chance de poder esposar uma aristocrata branca. Um casamento entre uma pessoa

branca desta classe superior e um mestiço desta mesma classe é talvez concebível na vila, mas dificilmente nas fazendas.

No final do século XIX, numerosos bastardos nasceram de relações entre fazendeiros brancos e seus filhos com escravos e antigos escravos. Uma grande parte da população de Vila Recôncavo é composta destes bastardos e de seus descendentes que, nestes casos, portam o nome de família dos brancos, de sorte que existe hoje em Vila Recôncavo pessoas que são aparentadas, em diversos graus, da classe superior e que, dentro de certos casos, portam o mesmo nome de família. Eles não são admitidos, todavia, na sociedade dos brancos. Neste caso, si os mestiços possuem o mesmo nome de família dos Brancos, não é porque estes lhes hajam dado, mas que eles adotaram. Uma família branca pode até se interessar pelo ramo ilegítimo e a ajudá-los nos negócios; mas jamais ela apresentará um deles como um membro da família, por mais que seja perceptível pela semelhança física.

Recentemente, a filha ilegítima de uma escrava e de um Branco teve a ocasião de achegar-se a uma filha legítima de um primo de seu pai. Esta pessoa nasceu livre, de uma mãe escrava, antes da abolição. A mãe conseguiu instruir a filha, que entrou na escola e teve êxito. Mais tarde, quando a filha legítima do primo de seu pai, viúva com três crianças, teve necessidade de educar uma de sua próprias filhas, ela encontra ajuda na sua prima mestiça.

Este gênero de mistura das raças é menos comum hoje [lembrar que o texto foi escrito no início dos anos 1950] que há sessenta anos atrás. Todavia, a primeira mulher que um adolescente branco conhece é geralmente uma mestiça ou uma preta.

A quarta e última classe não se encontra na cidade e se pessoas que não têm emprego estável nem patrão. Elas são vítimas da transformação econômica do país, passando de uma economia paternalista de caráter eminentemente pessoal a uma economia moderna fundada no capital. Neste momento, não existe lugar para este grupo na região rural. Não se encontra aí nenhum branco puro, mas somente alguns brancos da terra, os mulatos e os pretos. Aqueles que ascendem com êxito são muito raros e a coisa é mais fácil para uma mulher, sobretudo se ela tem a pele clara. Somente o dinheiro permitirá a um homem ascender.

O preto é considerado como ignorante e supersticioso e um dos exemplos mais freqüentes de sua ignorância, seguidamente citado pelas classes superiores de Vila Recôncavo é a sua fé no candomblé, cultos fetichistas de origem africana muito difundidos em Salvador, que vêm sendo estudados e descritos.²⁴ É o equivalente do vudu das Antilhas, mistura, ele também, de elementos católicos e de superstições africanas. Em Vila Recôncavo, os ritos de festa ou de cura são muito complicados; mas as necessidades da vida moderna fazem com que ninguém tenha tempo para se preparar para ser filha de santo ou mãe de santo; em conseqüência, muitos dos ritos antigos caem em desuso e são esquecidos, em benefício de inovações mais simplificadas. Foram citados igualmente em Vila Recôncavo para ilustrar a "superstição" do preto, sua participação no culto de Janaína, deusa das águas. Este culto é, na realidade, derivado do candomblé, Yemanjá é o nome que lhe é dado em diversos cultos no Brasil. É Janaína que envia os peixes para os pescadores e eles lhe devem agradecer

²⁴ Rodrigues (1935) capítulo 7; Pierson, op. cit., cap. 10; Landes (1947) Carneiro (1948)

fazendo, de tempo em tempo, oferendas. Em geral, é a mãe de santo que faz todas as preces e encantos a Janaina, e quem lhe entrega as oferendas dos pescadores. Qualquer um que pretenda subir na hierarquia social se dissocia destes ritos, sendo condenados publicamente aqueles que dele participam, todos continuam, de acordo com suas posses, a dar uma ajuda financeira à mãe de santo para ajudar nas oferendas a Janaína. Se ouve repetidamente de alguém: "Oh, sim, eles estão se tornando gente, mas ontem à tarde ele enviou em segredo sua oferta habitual a Janaína." Membros de todas as categorias raciais participam do candomblé, embora que a opinião pública pretenda que somente os pretos participam deste gênero de atividades. Podem ser encontrados numa festa de candomblé, seja como participantes seja como espectadores, representantes de todos os tipos raciais. Numa outra região do Recôncavo existe mesmo um pai de santo que é branco e que exerceu em outro tempo a profissão de advogado.

Existem em Vila Recôncavo pretos e mestiços que são mostrados como capazes de melhorar sua situação, tenha ou não tenha instrução. Dois exemplos são fornecidos por administradores de fazendas, citados mais acima, que, apesar de analfabetos, aí chegaram por causa deste emprego respeitado e bem remunerado. Em outra fazenda, o feitor apenas aprendeu a ler e escrever e passa por ser um excelente contador. Foram recentemente abertas, na região rural de Vila Recôncavo, escolas primárias, assim como cursos noturnos para adultos. Estes cursos alcançaram um vivo sucesso e numerosos adultos vêm de longe, à noite, por assisti-los, apesar de que as atividades noturnas sejam, na região, particularmente detestadas e reduzidas.

Em Vila Recôncavo existe, depois de numerosos anos, uma escola primária central (Grupo Escolar n.t.) que conta com 354 alunos pertencentes a todos os grupos raciais, braços e os outros, mas nela não estão presentes crianças das fazendas. Assim que podem, os membros da classe superior da cidade mandam seus filhos para continuar seus estudos na capital, e muitos jovens mestiços originários de Vila Recôncavo estudam Direito, Medicina ou Engenharia em Salvador. O mulato passa em geral por inteligente e a tradição dizia que os pretos não são muito dotados deste ponto de vista. Em nossos dias, estas crenças não são mais tão fortes, mas se pensa ainda que o mulato é mais bem dotado que o negro. A velha concepção de que o negro seria destinado ao trabalho e à servidão não desapareceu ainda; mas ela é matizada pelo fato – onde se tem consciência – que a instrução pode mudar a situação. Existe apenas um clube em Vila Recôncavo – um clube de futebol – onde os jogadores e espectadores têm todas as cores. Se pode assistir, ver, ou participar, à sombra de uma grande árvore que sombreia o campo de futebol. Este terreno pertence a um Branco que, sem ter nada em comum com a equipe, a autoriza a jogar, a fincar as traves e traçar as marcas. O bar e o cento recreativo são abertos a todos, sob a condição de estar calçados (esta regra é imposta para excluir os jovens que vêm diretamente da praia, com os pés sujos de areia, beber uma cocacola). Homens de todas as classes sociais e de todas as categorias raciais aí se encontram para jogar bilhar e conversar, já que é o único lugar de encontro aberto a todos. No cinema o preço das entradas é bem baixo, a tarifa é uniforme e os espectadores vêm de todas as classes. Negros e Brancos de todas as classes aí se acotovelam. Na Igreja, não existem bancos especiais para cada classe; os mais zelosos fiéis ficam perto do altar e os outros ficam perto da porta. As crianças do catecismo são recrutadas sem distinção de classe nem de cor. Nos bailes, que são raros, não existe mais

distinção de cor; os brancos e os morenos dançam com os mulatos e os pretos com a condição que eles saibam dançar (pular).

A situação social evolui pouco a pouco e as relações se desprendem progressivamente daquilo que tinham de muito pessoal. Elas conservam ainda este caráter nas fazendas privadas, onde o proprietário reside ainda a maior parte do tempo; mas na usina elas em grande parte perderam, em razão do grande número de trabalhadores. Mesmo na usina a família do proprietário e as dos trabalhadores têm visitas e menus próprios. Mas os operários da usina não aceitam mais toda situação de inferioridade, como fazem os trabalhadores das plantações. São sobretudo os dos escalões superiores os especialistas e os técnicos industriais que recusam participar de uma festa organizada pelos fazendeiros, mesmo se convidados. Parece que isto representa, para eles, uma maneira de fazer compreender que eles não têm necessidade da companhia dos proprietários brancos nem a desejam. Eles preferem que suas relações sejam puramente profissionais. Na usina quando um operário fica doente, ele vai ao posto médico, onde é atendido por uma enfermeira profissional, e não à casa do proprietário. No dia do pagamento, o trabalhador da usina é pago na usina por um funcionário e não na casa do proprietário. Entretanto, apesar desta industrialização, o número de trabalhadores não é tão elevado para prevenir relações pessoais com os proprietários, que dirigem eles mesmos a maior parte das operações. Este gênero de contatos se mostra tão satisfatório que não existem ainda greves e que nenhum sindicato nem movimento trabalhista fez ainda sua aparição em São Pedro. Os proprietários de S. Pedro se mostram orgulhosos do número de anos que certos técnicos e operários estão a seu serviço, malgrado as ofertas que eles receberam de outros empregadores.

É nas fazendas pertencentes às usinas que as relações entre os proprietários brancos e os trabalhadores mestiços são mais estreitas. Os proprietários da usina não podem fazer visitas de inspeção nas fazendas senão de tempos em tempos, mas eles têm poucos contatos pessoais com os trabalhadores. Mas, olhando bem, o gerente é o substituto do proprietário. Ele é o único, na fazenda, a deter uma certa autoridade, e todas as reclamações ou pedidos de favor ou de ajuda devem passar por ele. Um gerente fez parte do pessoal de uma dessas fazendas por vinte e seis anos e é celebre pelo fausto de suas recepções. Uma vez por ano ele organiza para toda a comunidade uma grande festa da qual participam os membros das quatro classes. Os trabalhadores o convidam para padrinho de seus filhos ou nos seus casamentos. O gerente segue sendo empregado da usina, do mesmo modo que os trabalhadores; porém se ele pode assumir – e ele o faz – certas responsabilidades e atitudes dos proprietários, ele não pode assumir todas. É freqüente escutar, entre os proprietários brancos, que os gerentes são os verdadeiros donos; porque eles estão mais próximos dos trabalhadores e da terra. Se a plantação é administrada por um mau gerente, não somente a produção sofrerá, mas os moradores se ressentirão também; porque um mau gerente não se interessará pela sorte e nem se ocupará deles.

Em outras regiões do Recôncavo onde as usinas são maiores e mais industrializadas e onde os proprietários não vivem na propriedade nem nas usinas mas em Salvador, não existe nas usinas senão um empregado remunerado da companhia. Nestas grandes unidades industriais, o elemento pessoal está totalmente ausente, tanto nas usinas como nas fazendas. Alguns conflitos de trabalho se produziram aí, acompanhados às vezes de greves,

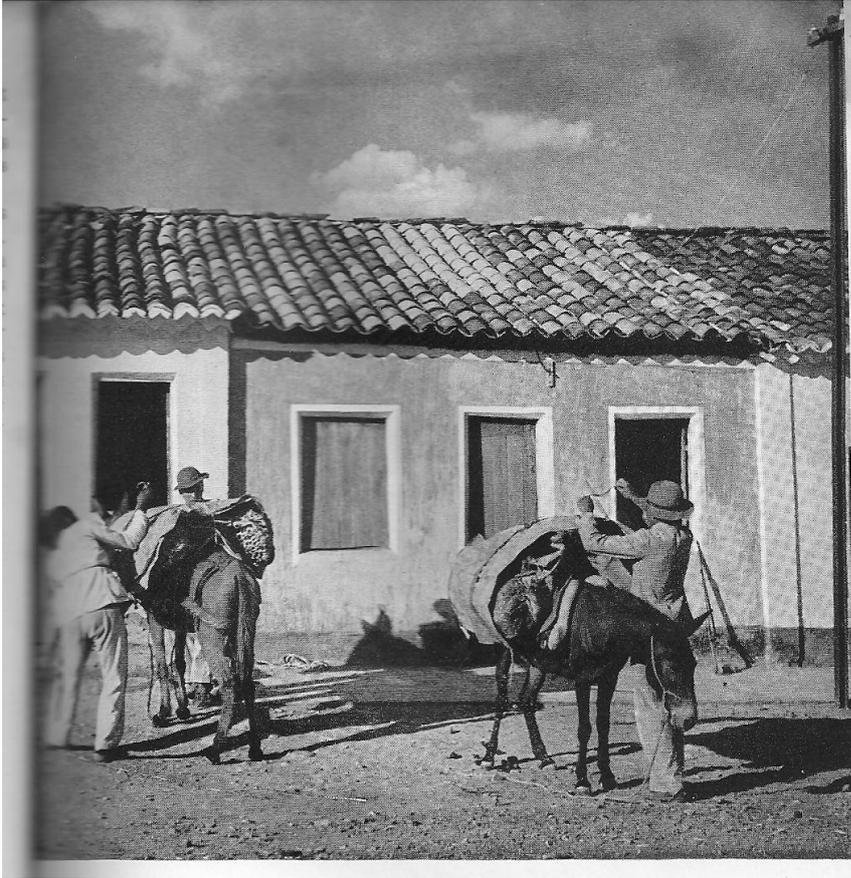
de conflitos e de intervenções políticas. Em muitos casos os proprietários se esforçam para reestabelecer contatos pessoais com os trabalhadores das usinas e das fazendas, mesmo nas empresas maiores.

VII

As relações entre as pessoas de diferentes tipos físicos em Vila Recôncavo e nas fazendas de açúcar de suas vizinhanças são advindas do regime de trabalho escravo que floresceu aí há menos de um século. Muitas das estruturas e das atitudes sociais herdadas desta época persistem ainda hoje na cidade e nas fazendas do entorno que pertencem a particulares. Existe um grupo aristocrático de Brancos, descendentes dos senhores de engenhos, que formam quase uma casta, não se casando senão entre eles mesmos e mantendo uma vida social da qual os negros e os mestiços não participam. Mas, como os antigos proprietários de escravos, eles necessitam do trabalho do negro e do mestiço. O negro aparece como o fiel servidor do aristocrata branco. Como no passado, o mulato que foi filho do senhor europeu e de uma escrava é apresentado como um arrivista ao mesmo tempo inteligente e perigoso. Portanto, é o mestiço que ocupa os escalões médios da hierarquia econômica e social; ele é o pequeno funcionário, técnico da usina, gerente ou administrador da fazenda. Entre estes elementos essenciais a hierarquia não mudou muito depois da época colonial, e as relações entre os aristocratas brancos e seus trabalhadores negros e mestiços conservaram um caráter fortemente pessoal, escapando das tensões sociais, cada um conhecendo seu lugar, assim como seus direitos, seus deveres e suas obrigações com a outra parte. Não existe, em Vila Recôncavo, problema de raça; o preconceito e a discriminação não exercem aí os mesmos efeitos que em certas outras partes do mundo ocidental. Um negro não pode fazer parte da aristocracia, mas um negro instruído que teve acesso a certo grau de riqueza, pode manter com aquela classe uma certa classe de boas relações. Uma ascendência negra restringe, sem dúvida, muito da mobilidade econômica e social do indivíduo; mas não existe nenhuma situação econômica ou política à qual um homem negro ou mestiço não possa aceder. Assim, existe uma pequena quantidade de negros que estão no primeiro plano no mundo político ou econômico. Não existe nenhum negro entre os proprietários das fazendas; os negros e os mestiços não ocupam nas administrações e na política senão postos secundários. O prefeito é até hoje escolhido entre a aristocracia branca e seu lugar não é disputado por um membro da população negra ou mestiça. Entretanto, na cidade e entre os trabalhadores das usinas, as pessoas de cor começam a manifestar uma certa independência e se mostram pouco resignados a não ocupar nunca senão estes postos subalternos e modestos. Os gerentes gostam de montar melhores cavalos que os aristocratas, ter sela melhores e mais ornamentadas, vestir-se melhor e viver com um luxo maior que seus empregadores. Muitos cidadãos conhecem as cidades grandes e os princípios democráticos que aí presidem as relações entre todas as classes e todas as raças. Disputa-se o acesso à classe superior local e se recorre aos critérios raciais para ridicularizar os concorrentes que queiram se candidatar a esta "classe superior" cuja importância numérica é crescente. As características culturais de origem africana tais como o candomblé e o culto a Janaína, tomados por todos como símbolo de uma humilde condição social, e aqueles que desejam ascender na condição social têm que se dissociar dos grupos que conservaram estes caracteres.

À medida em que as atitudes e a ideologia modernas penetram em Vila Recôncavo, os problemas das relações entre as classes se multiplicam e os caracteres raciais se tornam um dos critérios que determinam a pertença a uma classe. A consciência de classe se afirma mais e mais na população ao mesmo tempo em que o desejo de se elevar na hierarquia social. Nos distritos rurais, o tipo físico joga um papel menos importante que na cidade, porque ali existe menos ocasião de ascensão social e as posições de prestígio aí são muito menos numerosas. Mas na cidade e na usina as possibilidades são mais vastas; também aí se presta uma atenção maior ao tipo racial apesar de que, mesmo na cidade, não é o tipo físico e sim a riqueza e o grau de instrução que exercem uma influencia decisiva na melhoria da condição social. Todavia, na cidade, aqueles que são ricos e instruídos são também, em geral, aqueles que “embranquecem” de geração em geração, ao mesmo tempo em que ascendem na hierarquia social. Não existem, em Vila Recôncavo, “não brancos que se façam passar por brancos”; esta falsificação seria de mais a mais inútil, uma vez que muitos dos homens que apresentam certos sinais de ascendência negra são chamados de brancos e tratados como brancos, sem nenhum tipo de embaraço. Ademais, nenhuma atividade social é interdita ao homem de cor, desde quando ele seja muito rico e muito instruído para a exercer. O aspecto físico joga também um papel muito importante para a admissão na sociedade, como mostra o sistema complexo de classificação e estereotipagem, assim como a idealização da morena.

Em outras regiões do Recôncavo o elemento pessoal tem, em grande medida, desaparecido das relações humanas, e tem sido substituído por um sistema rígido de classes, fundado sobre a riqueza, a iniciativa pessoal, o grau de instrução, o tipo racial e a “chance”. Em geral, a tradição do padrão se apaga e os homens se encontram entregues (e livres) a eles mesmos numa economia que deverá ser mais estritamente monetária. Vila Recôncavo é, portanto, bastante isolada para ter conservado a antiga tradição de uma certa facilidade nas relações pessoais entre os representantes de todas as classes e de todos os tipos raciais.



As relações raciais em Minas Velhas, comunidade rural da região montanhosa do Brasil Central. ²⁵

MARVIN HARRIS

Tradução – Dra. Jaci Maria Ferraz de Menezes e
MSc. Livia Góes de Britto.²⁶

I.

Mesmo no apogeu de sua prosperidade, os Portugueses estabelecidos como plantadores de Cana de Açúcar no Brasil não deixaram de crer na presença, em alguma região inexplorada do país, de riquezas ainda mais fabulosas, capazes de rivalizar com aquelas do Peru e do México. Durante o século XVIII essas lendas persistentes se viram confirmadas, pelo menos em parte. Ao longo de todas as escarpas abruptas que sucediam a estreita planície costeira, descobriu-se ouro: primeiro em Minas Gerais, logo em seguida mais ao Norte, na Bahia, depois mais ao Oeste, em Goiás e Mato Grosso. Depois, um quarto de século mais tarde, percebendo-se que as lindas pedrinhas que apareciam misturadas aos terrenos auríferos eram diamantes, o frenesi de garimpo não conheceu limites. Em um ano, a produção de pedras preciosas se desenvolveu a um ponto que o percurso dos diamantes chegou a

²⁵ HARRIS, MARVIN – “As relações raciais em Minas Velhas, comunidade rural da região montanhosa do Brasil Central”²⁵. ²⁵ In *Races et Classes dans le Brésil rural – Enquête effectuée sur la direction de Charles Wagley, de l’Université de Columbia.*, pág 51 a 85. UNESCO, Paris, 1951.

²⁶ Jaci Maria Ferraz de Menezes é professora de História da Educação e Política da Universidade do Estado da Bahia e Dra em Educação pela Universidade Católica de Córdoba, Argentina. Coordena o Grupo Memória da Educação na Bahia. Livia Maria Góes de Britto é professora de Metodologia do Ensino de Ciências do Departamento de Educação do Campus de Salvador da UNEB. e Mestre em Educação pela Universidade de Quebec, Canadá.

Amsterdã; também a coroa portuguesa foi contratante de regulamentos estritos desta exploração. Estima-se que no Séclo XVIII o Brasil forneceu 44% da produção mundial do ouro.

Ondas de aventureiros e de imigrantes europeus caíram sobre o distante país inóspito, num rush comparável ao que deveria acontecer na Califórnia no século seguinte. Na mesma época, a diminuição a nível mundial dos resultados das plantações de açúcar, fez com que numerosos proprietários pensassem a abandonar suas plantações na costa. Os escravos foram transferidos ou vendidos para trabalhar nas explorações auríferas mais prósperas. O ouro substituiu o açúcar no primeiro lugar dos recursos do Brasil e a província de Minas Gerais tornou-se a mais ativa e a mais povoada. Entre os inumeráveis centros urbanos que se fundaram então, alguns, como Ouro Preto e Diamantina, se incluíram rapidamente entre as cidades coloniais mais importantes e mais prósperas da América do Sul. Uma grande parte dessas riquezas emigrou para Portugal e a corte de D. João V podia rivalizar em esplendor com a de Luis XV.

Porém a maior parte destas novas cidades, localizadas nas colinas áridas, não podia manter sua população. Toda a mão de obra disponível estava trabalhando nas minas. Era necessário trazer alimentos de muito longe. Os produtos do Nordeste chegavam em Ouro Preto a preços exorbitantes. Rotas foram traçadas desde as zonas de produção agrícola e desde a costa. É desta época que data o surgimento do Rio de Janeiro, como principal porto das minas. Do mesmo modo, no século seguinte, Santos deverá se desenvolver graças ao café.

A exploração intensiva dos recursos minerais dura um século inteiro. Em 1820, os campos mais ricos estão empobrecidos. A economia da região se adapta progressivamente ao novo estado de coisas: a agricultura foi praticada por toda parte onde o solo a ela se prestava. A produção artesanal cresceu pouco a pouco de importância. Deixando as colinas desnudadas e os planaltos varridos pelo vento, a população se move para as planícies férteis e os vales bem abrigados. Ouro Preto, que tinha contado em uma época com 60 a 100.000 habitantes²⁷ perdeu nove décimos de sua população. Apesar do empobrecimento da região, alguns dos velhos centros mineiros não foram completamente abandonados. Mesmo quando estavam localizados em terrenos tornados improdutivos, continuaram como sede da administração local por muito tempo, mesmo depois de haver perdido toda a sua importância econômica.

II

Minas Velhas²⁸ é uma dessas cidades. Antigo centro de comarca, povoada hoje²⁹ por 1.500 almas, ela está situada na região montanhosa ao sul da Bahia. Na época colonial, Minas Velhas era conhecida pelo seu fausto e sua opulência vindos da exploração do ouro. Hoje, o ouro não é senão um vestígio e a opulência da cidade uma lembrança. Como tantas outras, esta pequena cidade foi fundada nas proximidades das jazidas mais ricas, porém sobre um solo improdutivo: a agricultura jogou sempre um papel secundário em sua economia. No início do século XIX os filões mais acessíveis estavam esgotados e a produção do ouro não parava de cair. Apesar disto, durante certo tempo, Minas Velhas se manteve um centro administrativo e fiscal importante. Um grupo de burocratas continuava a viver aí uma existência de parasitas, que não se justificava mais pela atividade econômica da cidade. O

²⁷ Calmon (1935), p 93.

²⁸ Cidade de Rio de Contas, n.t.

²⁹ (em 1950, quando da realização da pesquisa)

município de Minas Velhas foi dividido e subdividido para formar mais de trinta distritos. Pouco a pouco com o declínio da prosperidade e a aparição de centros rivais situados nas planícies de aluvião férteis, a economia da pequena vila se transformou. Minas Velhas foi transformada num centro de produção artesanal e começou a produzir jóias de ouro e prata, acessórios em metal e couro, selas, botas, e, numa época mais recente, calçados e sandálias. A indústria artesanal tornou-se a ocupação principal da população. Porém são perpetuadas as lembranças da idade de ouro e das tradições da elite burocrática. Privados de telefone, de água corrente, de luz elétrica, de cinema, de automóveis, de tratores e de geladeiras, se consideram como "cidadinos". Apesar da dificuldade de transportes e de comunicações, que isola o interior do Brasil do resto do continente, eles não ignoram – ou nunca ignoraram – as práticas da vida urbana. Sempre afeitos à moda, eles procuram vestir-se de acordo com "a última moda", copiando modelos de revistas. E de freqüentar o *clube* – bastante pretensioso – ou de passear, no final da tarde, na praça. Não se pode considerar que Minas Velhas cultiva tradições populares. Entretanto, estas não desapareceram totalmente, especialmente entre as classes inferiores, mas é sobretudo nos moradores da zona rural do entorno que elas estão mais vivas.

A vila está situada no alto de uma escarpa, a 1.000 metros de altitude, no coração de uma região estéril. Um largo cinturão de "gerais" desérticos (planaltos cobertos por ravinas e vegetação de cerrado) a separa da zona rural. Aí, vilas e moradias são criadas por toda parte onde se encontra uma parcela de terra arável. Afastadas umas das outras em função da pobreza do solo, estas aldeias formam comunidades rurais isoladas. Elas são satélites (distritos) da cidade, que ficou como centro administrativo e principal mercado da região. Os dois satélites mais importantes são Baixa do Gambá³⁰, que conta com 250 habitantes, e Serra do Ouro³¹, que conta com 500 habitantes.

III.

A população de Minas Velhas provém essencialmente da justaposição e da mistura de duas raças – a negra e a branca. Alguns por aí exibem às vezes certas características ameríndias, mas os Ameríndios de raça pura são desconhecidos. Falando estritamente, contam-se pouco ou pontualmente elementos de pura raça negra ou de pura raça branca entre os habitantes de Minas Velhas. Para os fins da presente exposição, será necessário adaptar a classificação "social" de raça, que só apresenta uma importância prática na ocorrência e que não está ligada senão de modo subjetivo e muito sutil à existência de características físicas distintivas. Deste ponto de vista, a população pode ser repartida em quatro categorias elementares (correspondentes aos fenótipos raciais admitidos na antropologia): Os brancos, os pretos, os mulatos e os caboclos (mestiços de Brancos e Índios). A partir de uma sondagem realizada entre 571 indivíduos encontrou-se estes diferentes tipos distribuídos na seguinte proporção: Brancos, 42,5%; Pretos, 28,25; Mulatos, 26% e Caboclos 3,3%,. Mas a população dos centros satélites, estudadas no presente trabalho, apresenta um contraste marcado: Em Serra do Ouro não existem Negros; em Baixa do Gambá, não existem Brancos. E, mais, nestes dois centros rurais a população de mulatos e mestiços não ultrapassa 10% da população local.

Os elementos pretos de Minas Velhas são descendentes principalmente de escravos que trabalhavam nas minas de ouro do século XVIII. É muito possível que a comunidade negra

³⁰ Conhecida hoje como Barra, Bananal e Riacho das Pedras, n.t.

³¹ Conhecida hoje como Mato Grosso- n.t.

de Baixa do Gambá seja um antigo Quilombo (nome dado às comunidades de escravos fugidos). Tanto a tradição popular como registros históricos falam da existência de quilombo importante no Pico das Almas – um pico situado no meio de uma região acidentada, desértica, pouco explorada e não muito distante da localização atual da Baixa do Gambá. Ignora-se se os antigos escravos que formam a ou as comunidades em questão foram fugitivos da costa ou das minas da região. O chefe dos habitantes de Baixa do Gambá, que diz ter mais de noventa anos assegura que nunca, jamais, existiram escravos, nem na sua família nem na comunidade. Ele se lembra que no tempo de sua juventude numerosos escravos em fuga escondiam-se nas colinas durante o dia e desciam à noite para roubar alimentos nas fazendas. Mas a população de Baixa do Gambá nada tem em comum com estes fugitivos, que representavam para eles uma ameaça constante. O fato de nosso interlocutor não ter conservado nenhuma lembrança da escravidão parece indicar que seus ancestrais fizeram parte de um quilombo. De modo algum os membros desta comunidade rural têm consciência de uma herança africana. Se eles sabem que seus ancestrais africanos foram antigamente escravizados é unicamente porque eles aprenderam isto a partir do que lhes foi ensinado na escola.³²

De fato, não se encontra senão incidentalmente na região traços de influências africanas. A todo modo, o comportamento do Preto e do Mulato é a expressão de uma cultura regional comum a todos os elementos étnicos da população. Não somente os traços autenticamente africanos são raros, como onde existem, não são manifestados unicamente entre os negros. Os negros de Baixa do Gambá, como os Brancos de Serra do Ouro, nunca ouviram falar de macumba, ou do candomblé – estes cultos religiosos com formas complicadas que são encontrados fortemente no Recôncavo do Estado da Bahia e em outras regiões do Brasil. Todos eles são católicos e partilham com outras comunidades isoladas diversas interpretações populares do dogma e do ritual oficial, relativas notadamente às festas e ao poder mágico da prece. Mesmo as crenças populares que são estranhas à religião católica – aquelas concernentes à natureza mágica do ouro, as virtudes curativas dos simples, os tabus alimentares e diferentes práticas de bruxarias – são essencialmente de origem européia e são comuns à população de Serra do Ouro. As técnicas artesanais e agrícolas empregadas nas duas vilas são características da economia de subsistência da região. O vatapá, o óleo de dendê e outros ingredientes características da cozinha africana não são empregados aqui. Pode ser que o exemplo mais manifesto de uma influência africana seja o samba, que é dançado nas festas religiosas, nas cerimônias de casamento e, praticamente, em todas as reuniões. Mas o samba, como outras danças, é característico da cultura brasileira em geral e é encontrado em toda parte, haja ou não elementos negros na população local. Não se constatam características diferenciais notáveis no que diz respeito à composição das famílias nem nas relações entre os sexos tanto em Baixa do Gambá e Serra do Ouro.³³

³² O autor – o primeiro americano recebido na Baixa do Gambá – foi surpreendido pela extrema cordialidade do acolhimento que lhe foi feito por um influente curandeiro. Ele convidou sua família a fazer prova de hospitalidade para aquele que chamava de “nosso compatriota”, confundindo “africano” com “americano”, o que mostra a que ponto sua concepção de universo estava vaga.

³³ É verdade que as mulheres de Baixa do Gambá parecem jogar um papel mais forte: elas se arrumam para seus maridos e gozam de uma grande liberdade de movimentos. Freqüentam o mercado, bebem bebidas alcoólicas em público, fumam cachimbo e não são tímidas em presença de estranhos do sexo masculino. Estas atitudes apresentam contraste forte com as mulheres de Serra do Ouro, a comunidade rural branca. Estas escondem o rosto ou se escondem à aproximação de um estrangeiro, metem-se raramente nas conversas dos homens e não acompanham seus maridos ao mercado. Se pode dizer, todavia, que o comportamento das mulheres é menos característico da região em Serra do Ouro que em B. G. Para os cidadãos as mulheres de S.O. são esquisitas (bizarras) e as outras (B G) simplesmente rústicas ou sem educação. De fato, o fator racial não interfere senão acessoriamente para determinar o comportamento da mulher em B.G. Nas vilas, as mulheres brancas de classe inferior não

Nós não vamos dizer que a coexistência secular de elementos brancos e elementos negros ao seio da população não tenha tido conseqüências culturais. Mas simplesmente Pretos e Brancos participam igualmente da cultura comum que resulta desta coexistência. Não existe em Minas Velhas cultura subsidiária própria dos negros e que os distinga dos outros membros da comunidade. É tendo em conta esta comunidade de cultura que é interessante estudar as relações entre os grupos raciais.

IV

Em Minas Velhas, a superioridade do homem branco sobre o Negro é considerada às vezes como uma verdade científica e como um resultado da experiência. A freqüência à escola não faz senão reforçar esta opinião popular dando-lhe uma forma pseudo-científica, gramaticalmente correta e por isso irrefutável. Veja, por exemplo, como se exprime um manual escolar em uso em Minas Velha: *"De todas as raças, a raça branca é a mais inteligente, a mais perseverante, a mais empreendedora... A raça é muito mais evoluída que as outras..."*.³⁴

Algumas das professoras da cidade (que, diga-se de passagem, são todas da raça branca) não têm dúvida em usar esta afirmação. A partir de sua experiência pessoal, dizem elas, é extremamente raro que um aluno negro seja inteligente. A razão? *"É uma característica da raça negra"*, respondem invariavelmente. Somente uma ensaia uma outra explicação: Será que os pais não se interessam pelos deveres de seus filhos? Mas, no fundo, ela sabe bem, o manual é mudo sobre esta questão.

Um dia, nós interrogamos um pequeno grupo de homens a respeito dos negros. O filho do prefeito, coçando a cabeça, nos deu esta resposta. *" Todos sabem que os negros são essas criaturas... Mas existe uma coisa que eu não compreendo: Me podes dizer de onde vem esta maldição, já que Adão e Eva eram brancos?"* – *Eles são seguramente filhos do Diabo*, disse outro. Um de nossos interlocutores negros de Baixa do Gambá nos deu uma interpretação poética sobre a origem dos negros: *" Se diz que Adão e Eva viviam no deserto e tinham muitos filhos. Um dia, Eva soube que Cristo os vinha visitar. Ela chamou seus filhos que brincavam, para que se fossem lavar e se por apresentáveis. Mas só havia apenas um pequeno pote de água. Ela lavou todos aqueles que pode, mas depois não tinha mais água. Quando chegou a vez dos últimos, só havia água para lavar a planta dos pés e a palma das mãos"*.

Uma outra lenda explica a inferioridade dos negros da seguinte maneira:

" No começo do mundo Deus criou dois tipos de homens: Os brancos e os negros. Um dia, ele decidiu colocar à prova suas qualidades e os jogou ao fundo de um poço para que saíssem como pudessem. Os Dois tentaram escalar as paredes e não puderam. No final, o Branco, depois de pensar um pouco, saltou sobre os ombros do negro e pula fora. O negro, continuando no fundo, não fez mais nenhum esforço nem pede socorro, acabando por morrer. Deste dia em diante, Deus decidiu fazer do negro uma criatura inferior e escravo do Branco. "

são menos livres. Muitos dos aspectos característicos do estilo de vida da população negra se explicam pelo fato de que a grande massa desta população está afastada das classes inferiores da sociedade.

³⁴ Estas duas citações são do manual de Gaspar de Freitas – Geografia e História do Brasil, cujo uso é obrigatório em Minas Velhas.

Falando em abstrato, o branco tende a ridicularizar e a caluniar os negros. Vários interlocutores nos disseram: "O Negro é mais próximo de uma anta que do homem". Mas é preciso ver como esta frase era pronunciada – sem raiva, com um tom de condescendência, sem nenhum traço de brutalidade, de ressentimento ou de repugnância. Encontramos, na natureza dos estereótipos relativos aos negros, um traço distintivo da cultura e do temperamento brasileiro: os brasileiros são divertidos e gozadores, riem facilmente com um humor contagiante. Em Minas Velhas, o negro aparece aos olhos dos brancos e, de certo modo, a seus próprios olhos, como uma anomalia curiosa e cômica, uma espécie de capricho da natureza, um ser alguma coisa inferior e grotesca, objeto de aborrecimento mais que de desgosto. Um branco dirá: " *negro desgraçado! Que bicho feio!*". Abrindo-se todo em um largo sorriso, como se isto fosse um fenômeno qualquer ridículo e raro.

Mais inclinado a gozar gentilmente dos negros que a lhe odiar, o branco entra às vezes em contradição consigo mesmo ao estabelecer comparações entre as duas raças. Em muitas histórias populares, os negros aparecem como um *malandro*, um *bobo* muito simpático apesar de tudo. Entretanto, segundo outras histórias, o traço característico do negro não é jamais forte e apresenta mais como um sinal de abobalhamento. Existem uma quantidade de contos em que o negro encontra um saco de diamantes, um carregamento de ouro, um tesouro escondido e, em lugar de se apropriar destas riquezas, o negro as entrega a um branco: seu dono, seu patrão. Evidentemente, o branco se apropria do tesouro, e fica muito rico, enquanto que o negro continua na miséria. Ao contar estas histórias, os negros sublinham a inocência de seus irmãos negros e a cupidez e avareza / desonestidade dos brancos. Estes, em troca, não levam em conta esta reputação, e concluem dizendo: "O negro! Como é besta!".

Em Minas Velhas os estereótipos relativos aos negros não são rígidos ao ponto de que não se lhes reconheça aspectos bons ao lado dos "defeitos" da raça. Mas mesmo os defeitos visto de forma simpática continuam sendo defeitos, e a indulgência nunca chega à admiração.

Uma mesma pessoa dirá, ao mesmo tempo, que os negros são preguiçosos e que passam o dia dormindo, e que "os negros são muito mais **duros no tranco** que os brancos". A segunda afirmação só se aplica ao esforço físico, para fazer aumentar a admiração a Minas Velhas. A idéia de que o negro é ao mesmo tempo preguiçoso e capaz de despender grande esforço físico só aparentemente é contraditória. Não existe ambivalência na atitude dos habitantes de Minas Velhas: em um e no outro caso, eles exprimem seu preconceito contra o negro.

Podemos apontar uma série de outras contradições que aparecem nos numerosos estereótipos raciais relativos aos negros. Contudo, como no caso citado acima, a conclusão é sempre desfavorável ao negro. Assim, um de nossos interlocutores brancos que afirmava que o branco é superior ao negro em todas as circunstâncias, entra em contradição ao falar dos casamentos mistos: " *O branco não tem senão a perder, disse, e, no caso particular, é o negro que é o mau: Ele toma a mulher branca a esposa; Ele tem todas as vantagens: ele se branqueia de qualquer modo. É a mulher branca que se mostra estúpida. Ela rebaixa sua própria família e realça a família do negro*".

A história do negro honesto, mas ingênuo que descobre sacos de ouro está em contradição flagrante com uma outra história em que o negro aparece cruel e perigoso:

" *Era uma vez um reino infestado por um dragão. Este dragão queria a princesa. O rei ofereceu a mão de sua filha em recompensa a quem conseguisse matar o dragão. João, o*

herói, com ajuda de seu cachorro, derrotou o dragão. Ele cortou os chifres e as pontas das línguas. Porém um "grande diabo negro, todo negro", que estava na floresta procurando lenha, encontrou o dragão morto e cortou um pedaço da língua. Correu à corte e reclamou a mão da princesa. O rei deu uma festa, o cachorro de João entra e se senta para comer na cadeira do negro. Este o quer matar. Para matar o meu cachorro, será necessário matar-me, grita João, mostrando a extremidade da língua do dragão. Desmascararam o negro e o amarraram na cauda de uma mula, que correu pela floresta até que ele morreu".

Assim, no desejo de fazer desvalorizar o negro, o branco se encontra inevitavelmente em contradição consigo mesmo em qualquer ponto de vista: O negro é honesto e desonesto; estúpido e maquiador; preguiçoso e trabalhador; primitivo e astucioso. Entretanto, no final, o negro e tudo que ele toca aparece sempre como inferior.

O autor recolheu dois recitativos³⁵, excepcionalmente longos e completos, que dizem respeito aos estereótipos relativos aos negros. Compreendem tantas estrofes quantas as letras do alfabeto. O primeiro e mais complicado me foi declamado de memória por um camponês analfabeto de Serra do Ouro. Vejam-se algumas passagens:

"Nos tempos antigos, quando vivia o imperador, os negros tinham senhores e a desordem era menor.

Tudo o que o negro toca é sem valor; sua casa não tem teto. Ele só tem bons os dentes, que Deus lhes deu para morder a rapadura. Não se sabe de onde veio esta raça; sem dúvida, ela é obra de um mau construtor ou uma invenção do diabo. Eu não sei como nasceu o negro; a menos que a terra não lhe tenha dado a luz e que ele tenha surgido do nada.

Ele cheira muito mal, e nada existe no mundo que possa mascarar seu cheiro. Por pouco que o veja, menos ainda posso suportar.

O negro não é um ser humano. Deus não tem nada a ver com eles e o negro não tem nada a ver com os santos.

O negro é lerdo. Ele passa o dia a dormir e a noite a roubar as fazendas. Quando ele ronda, a serpente silva.

Para uma senhorita séria, freqüentar um negro é cometer pecado mortal. Nenhum santo intercederá por ela, se ela não preferir morrer que ceder a um negro.

Uma pessoa não pode fiar num negro.. Ele a larga depois que passar a mão e assim que a tiver o que quer lhe vira as costas

Ninguém vem em ajuda a um negro. Se der o pé ela tem a vossa mão. Eu não iria em ajuda a este animal, porque ele é um ladrão.

Se todos os negros morressem, eu ficaria muito contente. No Brasil, o negro é como uma peste espalhada pelo vento.

O til é o sinal do negro. Se ele não existisse, não seria possível escrever o nome do diabo (cão).

Existem cinco sinais que nós usamos nos instruímos e para fazer penitencia ao pé da Cruz. Livrai-nos do negro, para sempre, Amém. "

A segunda "litanias" (ladainha?) do negro foi transcrita para nós por um grupo de homens de Minas Velhas. Não podendo se lembrar de todos os seus versos, eles sem dúvida improvisaram um pouco, o que, de nosso ponto de vista, não faz senão acrescentar interesse ao poema.

³⁵ O autor os denomina "poemas", como exemplo de forma mnemônica de guardar, de memorizar.

*" O negro veio da África e se repartiu pelo mundo inteiro. Ele não nasceu de Abel, mas de Caim.
O negro é um burro e um bruto. Ele é primo do orangotango, do símio e do chimpanzé. Não é um ser humano. Ele é bom para fazer feitiçaria.
Aqui no Brasil eles vieram conhecer Deus. Mas eles não servem nem para lavar os pés dos Brancos.
Não existe um perfume, mas um fedor a negro.
O negro perde seu tempo em se lavar. Quanto mais se lava, mais fede.
Quem vê uma coruja vê um negro.
Quando um negro ler este poema, ele começara a imprecar e tratará os brancos de "potes de porcelanas e de desavergonhados de pele amarela.
O negro não tem face, mas um pote de conserva
Não tem olhos, e sim faróis,
Não tem boca, mas uma caverna,
Não tem nariz, mas um túnel,
Não tem orelhas, mas dois buracos.
Não tem pés, mas pranchas,

Ele não tem lábios, mas pneus de borracha.
Sua barba é como a de um bode.
Todo o seu rosto é satânico".*

Estes sentimentos ultrajantes não se exprimem apenas em textos deste gênero. Ele se manifesta em toda parte e freqüentemente, de modo livre e espontâneo. Apenas concretizam as atitudes de espírito mais propagadas, e a maior parte das comparações e alusões que eles contém são de uso comum nas casas das pessoas que nem sequer os entendem bem.

Se alguns daqueles estereótipos relativos aos negros apresentam, como nós mostramos, ambivalências e contradições aparentes, elas traduzem de modo fixo e imutável a atitude fundamental dos brancos. Essas atitudes podem ser formuladas da seguinte forma:

A raça negra é inferior à raça branca.

Os negros não são de fato seres humanos.

O negro é servidor natural do Branco.

As características físicas do preto, sua aparência exterior, os traços de seu rosto, a cor de sua pele e seu cheiro são extremamente desagradáveis.

Qualquer que seja nosso desejo de acreditar na ausência de preconceitos raciais no Brasil, é forçoso constar que em Minas Velhas:

1. Os estereótipos raciais são muito desenvolvidos.
2. Estes estereótipos estão classificados numa escala de valor.
3. O preto está no nível mais baixo dessa escala.
4. O branco é localizado no nível mais elevado.

V

Os habitantes de Minas Velhas reconhecem a existência de um grande número de tipos físicos resultantes da mistura das raças. Estes diferentes tipos físicos são caracterizados quase exclusivamente pela forma, a textura e a cor dos cabelos, assim como pela cor e a

textura da pele. Os traços do rosto – lábios espessos, narinas muito abertas, prognatismo, etc, vêm apenas em terceiro lugar.

Os tipos mais correntes são o moreno, o chulo, o mulato, o crioulo, e o caboverde. O moreno tem os cabelos ondulados e a pele de um branco fortemente curtido. O mulato tem os cabelos crespos e frisados e a pele um pouco mais escura que o moreno. O chulo tem os cabelos crespos e enrolados e a pele da cor do caramelo ou do fumo. O crioulo tem os cabelos finos e ondulados e a pele quase mais escura que o chulo, a cabelo mais liso. O cabo verde tem os cabelos lisos, mas a mesma cor de pele do negro.

Cada uma dessas características apresenta um valor negativo se ela corresponde à raça negra, positiva se ela corresponde à raça branca ou, de um ponto de vista geral, ao ideal de beleza onde o branco se encontra em vantagem, pois o ideal exige cabelos finos, lisos ou ondulados, e uma pele delicada e clara. O importante, é que se considera os mestiços como apresentando um conjunto de características físicas que permitem situá-los entre os dois tipos extremos. A valoração de cada tipo de características de um mestiço é determinada em função das características do negro ou do branco.

Dito isto, o autor não bem sucedido na descrição do mulato ou do moreno. Porém parece que as características que fazem um indivíduo ser belo ou não se dão pela aproximação do tipo branco ou negro não somente do ponto de vista psicológico, como também do ponto de vista do comportamento. Expressamos isto na seguinte proposição: *A valoração dos diferentes tipos raciais descreve uma curva na qual os brancos ocupam a posição superior, os negros a posição inferior e os mestiços as posições intermediárias.*

Em apoio a esta tese, nós apresentaremos uma série de dados estatísticos que obtivemos através de um teste, montado durante nossa pesquisa no Brasil. O teste aplicado em Minas Velhas consistiu em mostrar três séries de duas fotografias (representando respectivamente um homem e uma mulher negros, uma homem e uma mulher mulatos, e um homem e uma mulher brancos) a 96 pessoas de cor, de classe, de sexo e de idade diferentes (ver tabela I),

TABELA I

Distribuição da amostra segundo a classe, a cor da pele e o gênero

Cor da pele	Classe A		Classe B		Classe C		Total
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Branco	5	5	7	7	4	4	32
Mulato			10	10	6	6	32
Negros			10	10	6	6	32
Total	5	5	27	27	16	16	96

pedindo que designassem os sujeitos que possuísem tal ou qual qualidade no grau mais alto, num grau médio e num grau mais inferior. As qualidades escolhidas eram em número

de seis: riqueza, beleza, inteligência, piedade, honestidade, aptidão para o trabalho. A tabela II dá a distribuição das respostas por grupo de pessoas interrogadas:

TABELA II.

Valores apresentados segundo escala de qualidades

	Brancos	Mulatos	Negros
O mais inteligente	77	62	53
Menos inteligente	68	93	31
O menos inteligente	47	37	108
O mais bonito	107	75	10
Menos bonito	64	98	30
O menos bonito	21	19	152
O mais rico	118	46	33
Menos rico	44	96	52
O menos rico	35	50	107
O mais piedoso	82	62	48
Menos piedoso	64	74	54
O menos piedoso	46	56	90
O mais honesto	80	70	42
Menos honesto	64	74	54
O menos honesto	46	56	90
O mais trabalhador	12	63	117
Menos trabalhador	49	96	47
O menos trabalhador	131	33	28

Nota: Os números em negrito indicam como, dentro de cada categoria, os diversos tipos físicos são classificados mais freqüentemente.

Os mulatos são classificados invariavelmente, no seu maior número dentro da categoria intermediária. Os Brancos são sempre classificados pela maioria na categoria superior e o Negros na inferior, salvo no que concerne à categoria "aptidão para o trabalho", na qual as posições se invertem. A Tabela III mostra como se estabelece a classificação para o conjunto das seis qualidades consideradas. Pelas razões expostas acima, os coeficientes ficam invertidos no que diz respeito à "aptidão para o trabalho".

TABELA III

Categorias	Brancos	Mulatos	Negros
Primeira	590	348	214
Segunda	346	537	269
Terceira	216	267	669

Os resultados deste teste ilustram outro aspecto importante das relações raciais. A posição respectiva de cada tipo racial na escala de valores aparece como a mesma, qualquer que seja o grupo racial interrogado. A Tabela IV mostra a distribuição das respostas fornecidas por cada grupo separadamente:

TABELA IV

	C	A	T	E	G	O	R	I	A	S
--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

	Segundo os brancos			Segundo os mulatos			Segundo os	negros	
	Branco	Mulatos	Negros	Branco	Mulatos	Negros	Branco	Mulatos	Negros
Primeira	209	104	71	196	122	66	186	122	76
Segunda	115	164	105	108	194	82	122	179	83
Terceira	60	116	208	80	68	236	76	83	225

Cada grupo apresenta certa tendência (que é ligeiramente mais marcada entre os negros) de se julgar mais favoravelmente que os julgam os outros grupos, mas a diferença não é tão grande a ponto de modificar a classificação definitiva.

Apesar do teste ter sido aplicado sobre pessoas de raça, classe e de sexo diferente, nós podemos concluir de seus resultados que os estereótipos raciais são admitidos por todos e é notável que os negros partilham das opiniões desfavoráveis professadas pelos outros sobre si. Nós entendemos que está distante a possibilidade dos negros se revoltarem contra as calúnias de que são objeto. Se alguma discordância não aparece nos resultados do teste, não é porque os negros se considerem como irremediavelmente inferiores aos brancos ou como capazes de ascender na hierarquia social. A explicação é diferente. Ela tem duas razões:

Em principio, o negro admite com o branco que, se ele jamais ascende a uma posição mais importante não será por causa e sim em consequência de sua condição racial. Por todos os grupos raciais, a raça constitui um dos critérios de valor individual. O negro tenta sempre minimizar os inconvenientes atrelados a sua condição de negro, enquanto que o branco se esforça por reforçar e fazer crescer. Para o Branco, o negro não tem valor nem dignidade, porque é negro. E o negro se esforça por adquirir valor e dignidade, apesar de ser negro. Porém um e outro estão convencidos de que é melhor ser branco do que ser negro.

A segunda razão teve às complexidades da identificação racial – subjetiva e objetiva no caso dos testes. Nós tocamos aqui num aspecto essencial das relações entre as raças. Para os efeitos do nosso teste, nós dividimos os sujeitos em três grandes categorias e supusemos que os mesmos estariam de acordo com elas, segundo os tipos raciais correspondentes. Este método está defeituoso, porque considera as características raciais como objetivas e negligencia a influência perturbadora do fator social e psicológico. Sobre os trinta e dois indivíduos considerados pela pesquisa como fisicamente pertencentes ao tipo negro, como efetivamente julgá-los conformados ao tipo racial a ponto de se identificar com eles? Entre numerosos “negros” classificados por nós como tais, alguns riam-se às gargalhadas diante de fotografias de negros. “Este é um homem ou um animal?” pergunta um deles. “Que horror! Como seus lábios são grossos!” exclama um outro. A sociedade admite que entre o tipo branco puro e o tipo negro puro não existe solução de continuidade, mas, ao contrário, toda uma série de formas raciais intermediárias. Cada um se esforça de escapar da humilhação de pertencer à categoria inferior realçando qualquer particularidade física ou qualquer superioridade social num domínio onde contam os critérios raciais.

O grande número de tipos intermediários é uma vantagem para aqueles que não têm nenhuma pressa em se identificar ao tipo inferior. O negro de Minas Velhas se faz passar, não por branco, mas por qualquer outro tipo que não seja um negro: ele é um moreno

escuro, um chulo, um caboclo, etc. Ao contrário, ele inventará outras categorias. É assim que um negociante negro, chamado Antonio, muito instruído para a região, relativamente próspero e interessado em fazer política, se recusa absolutamente a ser um preto, ainda que incontestavelmente ele faça parte deste tipo físico. Ele inventou para si mesmo o original título de "roxinho", e disse, referindo-se a seu filho, - "aquele menino lá embaixo, ligeiramente roxinho..." Cada um vai buscar seus meios de evitar uma identificação total com o tipo socialmente inferior. O negro dirá a respeito: "Meus cabelos não são totalmente crespos"; ou "meus lábios não são tão grossos". Ou "minha pele não é totalmente negra" e ajuntará em seguida: Eu pareço com a pessoa desta foto, mas eu não sou sem dúvida tão pobre - ou tão ignorante - quanto ele. Eu não sou nunca como ele".

A recusa de se identificar com a categoria inferior é encontrada em todos os sistemas fundados sobre a hierarquia. Um observador mais minucioso ao observar de fora não estaria de acordo com os interessados sobre o lugar que eles ocupam na escala social.

Em Minas Velhas, o escalão mais baixo é ocupado não pelo Preto, mas sobre o odiado Negro. Os negros de Minas velhas não aceitam que os chamem de negros. Este termo é reservado àqueles que são negros não apenas do ponto de vista racial, mas também do ponto de vista social, o que representa uma combinação infamante e praticamente não encontrada. O negociante de que falamos acha necessário não ser considerado um preto: é a prova da importância de sua posição social. Os negros de classe média elevada concordariam que eles são pretos, mas julgam necessário não serem negros. Como disse uma "branqueada": "Eu sou preta, mas não sou negra, e eu receberia como convém o primeiro insolente que pretenda o contrário. Um negro faz o mal, não tem moralidade, nem educação. Um preto tem a pele escura e os cabelos cacheados, mas não vale menos que o outro."

Nossa tabela das qualidades raciais fez aparecer outro fenômeno importante: os três tipos raciais figuram dentro de todas as categorias, embora em proporções diferentes. O negro é representado no interior das duas categorias extremas, tanto como os brancos ou os mulatos. Se existe uma hierarquia evidente, não existe uma separação brutal. Em Minas Velhas, contrariamente ao que se passa em outros lugares (como nos Estados Unidos e na África do Sul, por exemplo), a mesma escala de valores se aplica aos negros e aos brancos. O Negro e o Branco são comparáveis, mesmo se o primeiro é sempre inferior. Não nos encontramos face a uma alternativa. Um indivíduo não é branco ou negro (e neste último caso não comparável ao branco) ele é mais ou menos próximo a um branco, ou mais ou menos próximo de um negro.

Esta constatação parece incompatível com o que sabemos dos estereótipos relativos aos negros. Sob a sua forma extrema, tal como eles se manifestam nas ladainhas, a atitude ofensiva dos brancos parece interditar qualquer possibilidade de comparação, pois o negro aparece como um ser a parte, semelhante a uma coruja, ou um chipanzé, não tendo nada a ver com Deus. Na realidade, se o negro pode alcançar a categoria superior, o branco não o considera mais como pertencente a uma raça inferior. Nem um só branco colocou o negro abaixo do branco por encontrar as qualidades consideradas. Em outros termos, se é possível que um branco considere um negro como superior a um branco em um ponto de vista considerado, o caso não se produz jamais enquanto ele faz o julgamento do conjunto da aparência?. As respostas ao teste representam um compromisso entre o ideal e a realidade. Para o branco, o ideal seria estabelecer entre negros e brancos uma separação absoluta. Na realidade, esta separação não existe senão em certos pontos limitados. Nosso quadro reflete às vezes o sonho de supremacia universal do branco, que busca se mostrar constantemente

superior ao negro, e a consciência que ele tem de um estado de coisas em que o negro é às vezes mais rico, mais honesto, mais inteligente, mais piedoso, etc, que ele. Ancorado em suas opiniões, o branco nega sempre que o negro possa suplantar sua inferioridade racial face a alguma superioridade de uma outra ordem. Mas, mesmo nas ladainhas se encontra alusões a negros ricos e instruídos.

VI

O comportamento efetivo e o comportamento ideal do branco face ao negro diferem consideravelmente.

Um certo branco de Minas Velhas, de nome José Domingos, hábil artesão na sua juventude, ao longo dos últimos vinte anos foi perdendo a sua visão. Depois de 10 anos, não pôde mais trabalhar. No momento atual, ele vive de organizar rifas, espécies de loterias onde o Grande Prêmio é constituído por um caneca de petróleo (uma lata de querosene) ou uma peça de tecido. José se esforça para abordar os comerciantes para que eles lhes vendam petróleo pelo preço em grosso: depois, ele vai de casa em casa para vender os bilhetes. Por sua aparência em geral, - roupas, modo de andar, modo de falar, e por seu abjeto servilismo que usa face aos superiores, José é em tudo um mendigo. E, no entanto, ele faz a declaração seguinte: "Um preto pode ser um doutor (ou seja, exercer uma profissão liberal qualquer) e ter uma posição social, mas ele não deixa de ser um negro" . Numa discussão, ele pode dizer - você é um negro, para ter a última palavra. Ele conclui esta exposição de seus sentimentos declamando uma quadrinha:

"O negro, mesmo se ele é um doutor
Deve ser sempre tuteado,
Porque os seres mais menosprezados no mundo
São o negro, o sapo e a coruja".

Vejamos como José se comporta face a um negro que tem uma *posição*. Quando se dirige para o senhor Waldemar, o vereador, longe de empregar o *tu* reservado aos inferiores, José recorre invariavelmente à fórmula "o *senhor*", mais cerimoniosa que o *você* habitual. Uma semana depois de recolher a declaração reproduzida acima, nós escutamos o senhor José dar o tratamento de *senhor* a Antonio, aquele que se declarou *roxinho*, e desenvolver esforços desesperados para vender um bilhete de rifa para ele. Nenhum desses dois negros é um *doutor*; aliás, neste momento, não existia nenhum *doutor negro* em Minas Velhas. Um belo dia aparece um doutor negro. É um engenheiro do Estado, que vem realizar estudos para a implantação de uma pequena hidroelétrica na pequena cidade. Todos farão esforços desesperados para lhe vender alguma coisa; José, depois de lhe contar toda a sua triste história, suplica: " O doutor, Vossa Excelência" podia me comprar um bilhete da rifa?".

Nós podíamos citar muitos outros exemplos desta contradição entre o comportamento ideal e o comportamento efetivo face-a- face com os negros. O Negro é dito como possuidor de um cheiro que ninguém poderia suportar; no entanto, não vimos ninguém deixando de usar uma roupa que tenha sido dada por um deles. Se diz que se lhe damos um pé, o negro quer a mão também; no entanto, ninguém deixa de apertar a mão a um negro por ser negro. Segundo os estereótipos, o negro é um esposo e um pai desumano, e seu lar um inferno. As moças brancas são prevenidas de que casar com um negro é renunciar a toda dignidade pessoal, mas a composição mesmo da população demonstra que estes conselhos não são seguidos à letra.

O que se pode pensar, então, desses estereótipos infamantes? Existe um vácuo entre a concepção que um branco tem do negro e seu comportamento efetivo face a ele? Estes estereótipos jogam um papel nas relações raciais? Nos respondemos categoricamente: sim.

Mas, para compreender exatamente este papel, nos é necessário abordar nossa idéia de que os termos negro e branco podem designar, para outros que não são antropólogos, grupos físicos simplesmente determinados e fáceis de identificar. É certo que o estereótipo ideal é aquele de um grupo onde todos os seus membros têm características físicas bem definidas, mas na vida concreta este grupo não existe. De fato, as características físicas não são suficientes para classificar um indivíduo. Toda classificação de um negro enquanto negro e de um branco enquanto branco não pode ser senão teórica. Em Minas Velhas, a única classificação real é de ordem social. Toda outra classificação não é senão incompleta e limitada em sua aplicação. A raça não é senão um dos critérios utilizados para classificar o indivíduo e, por consequência, para determinar o comportamento dos outros com referência a ele.

Em Minas Velhas, os principais critérios utilizados para determinar a classe social – além da raça – são a riqueza, a instrução e a profissão,. Como a raça, cada um desses fatores é mensurável. Em função de valores distintos, mas interdependentes. Graças ao emprego combinado dos quatro sistemas de avaliação é possível fixar o lugar de um indivíduo na hierarquia social. Por outro lado, o valor de cada um dos sistemas pode ser modificado ou compensado por qualquer dos outros três. Em outros termos, a riqueza, a profissão e a instrução podem, em certa medida, servir para determinar a raça. Isto porque não existe, em Minas Velhas, grupo social que seja identificável apenas por meio de caracteres físicos.

O fato de que a raça possa ser modificada pela intervenção de fatores sociais não é tão surpreendente como parece à primeira vista. Numa sociedade hierarquizada, onde o valor social é social e é determinado somando-se um certo número de critérios, todos estes critérios não são necessariamente aplicados a cada um de acordo com o mesmo rigor.

Em toda sociedade, a posição, a qualidade, o valor de cada um se mede pela soma de uma série de critérios. Sabe-se que a importância atribuída a cada característica particular varia em função da apreciação global. Um defeito, adquirido ou inato, pode ser não apenas minimizado – ou até apagado – ou ainda de qualquer maneira modificado. Tomemos um exemplo: a beleza é importante para uma mulher. Em face a uma igualdade em todos os outros fatores, uma mulher jovem bonita tem vantagem sobre uma jovem mulher feia. Mas, se a mulher feia é mais rica, melhor dotada ou privilegiada sob qualquer outro ponto de vista, ela vai sub-classificar sua rival. Se será benevolente com a sua feiúra ou se lhe serão atribuídos valores tais como ser “interessante”, “original”, ter “caráter”. A maior parte dos julgamentos de valor que deveriam ter em conta elementos complexos, admitem uma forma de compensação: uma qualidade eminente atenua ou disfarça um defeito. Se, dentro do conjunto, as qualidades que importam, se tem a tendência a minimizar os defeitos, e vice versa.

É preciso ter em conta esse fato essencial para compreender bem a situação racial no Brasil. As relações entre as raças em Minas Velhas, como em grande parte do Brasil, se caracterizam pelo fato de que indivíduos inferiores pelo tipo físico acedem às vezes em situações como as vistas. Um dos membros (vereador) da Câmara do município é um negro – o Senhor Waldemar. Ele é proprietário de um importante domínio, como também do único bar da cidade e sua riqueza lhe permite não mais trabalhar. Waldemar é tratado com respeito tanto pelos brancos como pelos negros.

Um de seus filhos casou-se recentemente com uma moça branca; a elite da cidade assistiu a este casamento e os representantes de algumas das melhores famílias vieram felicitar em casa o pai do noivo. Sem nenhuma dúvida, Waldemar ocupa na sociedade local uma posição mais elevada que a da maior parte dos brancos, apesar de, pelas razões que nós expusemos, ele não faça parte da classe superior. Existem alguns outros exemplos de negros beneficiados, em certa comunidade rural, por um prestígio semelhante. Mas estes casos são raros e, mesmo que eles se multipliquem, a atitude face ao negro enquanto negro – e não enquanto negro rico ou negro instruído – não será em nada modificada. Não temos nenhuma dúvida de que na hierarquia dos tipos físicos, o negro ocupe a posição inferior. Ele só pode se elevar a todos os pontos de vista apesar de sua raça e não em razão de sua raça.

Citamos sempre o ditado: “ O dinheiro branqueia”, que tem curso em Minas Velhas como em outras partes do Brasil. Mas este ditado tem como corolário implícito: “uma pele branca vale ouro”. E “ É necessário dinheiro para esquecer que se é negro”. Qualquer que seja o nome de seus pretendentes, uma moça milionária mas feia não fará da feiura uma virtude social. Do mesmo modo, se um negro ascende às vezes em função, isto não demonstra que a raça não seja um dos critérios essenciais da posição social. Na Seção que se segue, nós nos dedicaremos a precisar a importância relativa do critério racial e os outros critérios na determinação da posição social em Minas Velhas.

VII –

O critério de classe mais importante é a riqueza. A vila de Minas Velhas conta com aproximadamente 1.500 habitantes. Certas famílias daí chegam a ser 600 vezes mais ricas que certas outras; em média, os rendimentos variam na proporção de 1 a 10 de desvantagem. As casas contam de uma a vinte peças; em algumas delas, as paredes ameaçam ruir, um piso de terra batida, sem cozinha, sem vidros nas janelas, sem móveis dignos deste nome; nas outras, uma decoração rebuscada, piso e forro de madeira, uma bela cozinha, janelas, quantidades de cadeiras, bancos e mesas e uma cama por pessoa. Algumas mulheres têm apenas um ou dois vestidos, uma só vestimenta de baixo e não tem sapatos. Outras têm dúzias de vestidos, muitos pares de sapatos e sandálias. Acontece o mesmo com respeito ao guarda-roupa masculino. A estas diferenças de riqueza correspondem importantes diferenças de comportamento: Os homens mais ricos não trabalham; as mulheres que têm empregadas domésticas não cozinham, não lavam e não passam, não cosem e não têm que buscar água. Somente as famílias ricas comem carne fresca, pão, leite, frutas e conservas. Os homens ricos têm tempo para fazer política, dinheiro para campanhas eleitorais e exercer funções públicas roupas para freqüentar regularmente à igreja. Eles viajam, conhecem a vida nos grandes centros, enviam seus filhos ao colégio ou à universidade. As mulheres ricas têm toaletes que lhes permite ir passear, pela manhã ir à missa, e ter um papel importante nas assembléias paroquiais. Tudo o que a opinião pública considera importante é facilmente acessível aos ricos e não aos pobres. Ninguém em Minas Velhas imagina que existam coisas que os ricos não possam ter. O dinheiro pode tudo.

Entretanto, apesar da riqueza permitir elevar um homem mais alto que qualquer outra vantagem, não pode sozinho levá-lo ao ápice da pirâmide social. A instrução também confere um prestígio considerável. Quanto mais tempo se passa na escola, mais isto é considerado. A principal vantagem da instrução é permitir um conhecimento perfeito da língua. O homem

instruído se esforça para falar como se escreve. E a língua portuguesa escrita difere profundamente da gíria comum. A busca de múltiplos sinônimos, o emprego habitual do subjuntivo e de tempos compostos, o senso de eufonia “classificam” um homem. O conhecimento de palavras não-habituais e de formas gramaticais complicadas confere automaticamente certa aparência de distinção e força o respeito dos ignorantes, ricos ou pobres. O simples fato de ler e escrever coloca um homem acima do comum; no campo, se procura um homem não apenas para que ele decifre as letras, mas também para que ele dê conselhos práticos.

Do mesmo modo, existe uma hierarquia das profissões. Os trabalhadores que usam força física – trabalhadores agrícolas, transportadores de água (aguadeiros), açougueiros, etc. estão abaixo na escala social. Os artesãos, cujo trabalho exige certos conhecimentos técnicos, se colocam ligeiramente acima. Depois, vêm os comerciantes e os viajantes comerciais, que têm que fazer certo esforço intelectual e um mínimo de trabalho físico. Em um nível superior se encontram aqueles que exercem funções de autoridade: os agricultores e os donos das oficinas que controlam o trabalho de seus operários, assim como os donos de importantes instrumentos de trabalho: caminhões, moinhos, etc. No degrau seguinte se encontram os profissionais liberais, médicos, homens das leis (advogados, juizes, promotores), dentistas, de quem depende o destino e o bem estar dos outros. Por fim, no alto da pirâmide, se acham aqueles que detém sobre o plano legal e sobre o plano profissional: o prefeito, os vereadores, os dirigentes políticos. No que diz respeito à mulheres, o escalão inferior é ocupado por aquelas que fornecem trabalho puramente físico: trabalhadoras agrícolas, aguadeiras, lavadeiras, açougueiras, prostitutas. Vêm em seguida aquelas que desenvolvem uma atividade artesanal: costureiras, etc. Depois, aquelas que desenvolvem trabalhos domésticos que elas mesmas controlam. Em seguida, vêm as professoras e aquelas que desenvolvem atividades semelhantes. Em regra geral, os critérios do sucesso social são a ausência do trabalho físico, a presença do trabalho intelectual e a autoridade.

Certos fatores secundários, como o nascimento, entram igualmente em jogo. A posição social é mais ou menos hereditária., mas somente à medida em que os fatores que determinam esta posição são eles mesmos hereditários: os herdeiros de um homem rico serão ricos também, um filho de camponês será camponês, os filhos de pais brancos serão brancos na maioria dos casos. Mas descender de uma família que goza de prestígio social depois de muitas gerações não têm sobre um “novo rico” senão uma ligeira vantagem. Em Minas Velhas, alguns membros de famílias brancas das mais antigas ficam incluídos na classe inferior. A conduta ou a moralidade entra também em conta, mas para determinar a posição no seio da classe e não a classe por ela mesma.

A pesquisa sobre os níveis de vida em Minas Velhas foi realizada a partir da profissão do chefe de família – a repartição por profissões está em conformidade com a situação da população urbana. Baseando-se unicamente sobre a riqueza e a profissão, é fácil identificar uma classe superior³⁶ e uma classe inferior³⁷. A classe superior compreende pessoas que têm propriedades ou rendas importantes e que exercem funções públicas ou de autoridade; a classe inferior, os indigentes, os domésticos, indivíduos sem renda fixa: aguadeiros, lavadeiras, açougueiros, pedreiros, prostitutas, mendigos, etc.

³⁶ Famílias que possuem uma fortuna avaliada acima de Cr\$50.000, 00 cruzeiros, (moeda vigente no Brasil na década de 50, n.t.) e de receita mensal superior a Cr\$1.500,00 cruzeiros.

³⁷ Famílias que não possuíam fortuna e nem receita correspondente ao salário mínimo necessário à sobrevivência (calculado em 400 cruzeiros por mês para uma família não camponesa)

Com uma ou duas exceções, os grupos são facilmente identificados. Quanto às outras pessoas que estão à margem dessas duas classes, contentamo-nos a classificá-las em um grupo intermediário. Vejam como as pessoas se distribuíram: Grupo A, **11 casos**; grupo B, **65 casos**; grupo C, **24 casos**. Esta divisão é representativa da estrutura social da cidade de Minas Velhas. Os grupos A e C constituem as “classes” no sentido sócio-econômico do termo. O grupo B, o mais numeroso, será estudado mais longamente, por este momento, é suficiente considerá-lo como uma categoria intermediária. Os grupos A e C são não somente facilmente definíveis em função da renda, como separados por um abismo. Um membro do grupo A, com seu belo terno e sua gravata, seu guarda-chuva e seu impermeável, seu corpo mal nutrido, sua casa espaçosa, seu aparelho de rádio, sua experiência de vida nas grandes cidades, suas importantes funções e sua autoridade sobre os outros, não somente se distingue a milhas de distância dos membros dos grupos B e C, como se comporta diferentemente, em ações e em palavras, face aos membros do seu grupo e dos outros grupos. Ele não será encontrado jamais entre (na casa) os membros do grupo C e raramente entre (na casa) os do grupo B. Suas relações com os membros do grupo C são apenas aquelas mantidas entre senhores e seus servidores. As mulheres pertencentes a estes dois grupos não se freqüentam, não assistem às mesmas cerimônias religiosas, quer se tratem de casamentos, funerais ou batismos. O grupo A detém direta ou indiretamente a totalidade do poder político e econômico; seus membros exercem quase todas as funções de autoridade; são eles que trabalham menos, que ganham mais dinheiro e que têm mais lazer. O grupo C pode ser considerado como formando a categoria dos serviçais, mesmo que seus membros não sejam sempre serviçais dos membros do grupo A. Reduzidos ao mínimo vital, eles se consideram como colocados à margem da sociedade. Vestidos de roupas velhas, andrajosas, não podem sequer ir à igreja; seus filhos não podem ir à escola. Se participam das festas religiosas, é em segundo plano. Não participam das procissões. Não tendo cadeiras, eles não podem receber. Eles somente sobrevivem utilizando toda a sua renda para comer e renunciando a despesas consideradas indispensáveis pelos outros membros da sociedade.

Depois de analisar o papel da riqueza e da profissão na determinação da posição social, vamos estudar agora outros dois fatores definidos por nós: a instrução e a raça. Existiriam, entre as famílias que estudamos, indivíduos – quer dizer, chefes de família – que, do ponto de vista da instrução ou da raça, se classificam mais alto ou mais baixo que os lugares ou níveis dos grupos aos quais deveriam pertencer? Para responder a esta questão, na ausência de dados mensuráveis, foi necessário considerar os fatos: ver se existem indivíduos que, detendo condições econômicas e profissionais suficientes para fazer parte de um grupo, se vejam excluídos deles. Em se tratando do grupo A, existia um só caso deste gênero: o caso do senhor Waldemar, o vereador negro, que se encontra excluído daquele grupo, apesar de sua riqueza e de sua situação política.

Os melhores amigos de Waldemar fazem parte do grupo B. Com os membros do grupo A, suas relações são cordiais, mas jamais íntimas. Ele adota por iniciativa própria uma atitude de humildade. Nas recepções e nos bailes da alta sociedade, ele fica num canto (fica afastado); quando o convidam a sentar-se na mesa com os outros convidados, ele recusa sempre e participa da festa (come e bebe) em pé sempre. Ninguém insiste muito. A condescendência com a sua presença, tendo em vista a condição de vereador, repousam sobre a convenção tácita de que não abuse – ele saberá sempre ficar em seu lugar. Apesar de ser sempre convidado à maioria das reuniões mundanas, ele não ousa visitar os membros da classe superior nem os recebe em sua casa. Por ocasião do casamento de sua filha, Waldemar deu um baile. Alguns representantes da elite o vieram felicitar. Durante um

momento, eles ficaram sentados com um ar “pomposo”; depois, eles despedem-se antes que a recepção começasse. Ainda que seja estimado, Waldemar não é tratado como igual por aqueles que têm uma condição econômica comparável à sua, porque ele é um negro. Ou, por outro lado, porque não é tão rico ou instruído a ponto de compensar o fato de ser um Negro. Se ele fosse o homem mais rico da cidade – o que está longe de ser o caso – ou se ele tivesse um diploma universitário, ele seria seguramente melhor considerado.

Isto acontece praticamente do mesmo modo no segundo e terceiro grupos. Nem a raça nem a instrução têm uma importância tal que justifiquem por si só a passagem de um grupo econômico-profissional a outro; Talvez um ou dois negros colocados no limite inferior do grupo B poderiam ser redistribuído para o grupo C. . Um homem que possui uma renda estável, que pode comprar mesas, cadeiras, uma cama, um sofá, uma calça de boa qualidade, é socialmente superior ao homem que não o pode, mesmo que o primeiro seja negro e o segundo branco. Do mesmo modo, o fato de ser branco não é suficiente para justificar a passagem ao grupo superior. Se pode afirmar com certeza que a raça e a instrução não intervêm para determinar a classe social senão em um pequeno número de casos-limite. Na nossa classificação (necessariamente simplificada), sobre os casos examinados, duas modificações apenas se impuseram pela raça. A transferência de um negro da Classe A para a classe B, e a de outro negro da classe B para a classe C. Nenhuma modificação se impôs de fato pela educação.

O fato da raça não determinar nenhuma modificação importante para a posição social, de tal modo como ela é determinada pelos critérios “econômico-profissionais” não nos satisfizeram, senão imperfeitamente, no que se refere a importância relativa dos critérios raciais. Nós podemos concluir do que precede que os critérios econômicos são mais importantes que os critérios raciais para a determinação da condição social, mas é a única conclusão autorizada pela metodologia utilizada por nós. De fato, os quatro critérios são estreitamente ligados, qualquer que seja aquele visto no primeiro lugar. Em outros termos, havendo dividido os indivíduos considerados em três grupos econômicos, nós dividimos também em três grupos de acordo com a profissão, a instrução e a raça. A tabela V mostra a que ponto os três grupos coincidem, qualquer que seja o ponto de vista do qual se analise.

TABELA V - Distribuição da Riqueza, Instrução e Profissão, segundo os grupos raciais em Minas Velhas, Bahia.

CARACTERÍSTICAS	BRANCOS	MULATOS	NEGROS
RIQUEZA (em Cr\$)			
Renda média mensal	961	648	445
Fortuna média	23.858	9.670	7.814
INSTRUÇÃO			
Conhec. De Leitura e Escrita	86%	73%	53%
Frequência à escola (anos)	3,3	2	1,4
Classes suíves	2,5	0,87	0,7
PROFISSÃO			
ProfLiberais e func. administra.	19%	10%	3%
Funcionários Comerciantes	22%	13%	7%
Artesãos	37%	43%	45%
Trabalhador agríc./ domésticos	22%	34%	45%

Fonte: levantamento de campo

Na tabela V, a raça figura na coordenada; a instrução, a profissão e a riqueza, na abscissa. A correlação³⁸ dos quatro fatores explica porque uma classificação baseada apenas nos critérios econômicos e profissionais sofre poucas modificações quando se faz intervir a raça e a instrução. A tabela VI, abaixo, indica a composição racial dos três grupos.

TABELA VI

GRUPOS	BRANCO		MULATO		NEGRO		TOTAL	
	Num.	%	Num.	%	Num.	%	N.	%
Grupo A	9	20	1	4	0	0	10	10
Grupo B	31	69	14	61	18	60	63	63
Grupo C	5	11	8	35	12	40	25	25
TOTAL	45	100	23	100	30	%	100*	100*

*Dois caboclos não figuram nessas tabelas. A classificação foi estabelecida a partir da identificação do chefe da família em cem casos.

A Tabela VI mostra porque é inútil tentar medir a importância relativa dos critérios raciais com outros, com base nos casos de alguns negros que estão classificados mais alto que os brancos. De fato, após esta classificação preliminar, 11% apenas dos brancos estão em posição de se deixar sub-classificar pelos negros, e 60% apenas dos negros estão em posição de suplantar aos Brancos. O ditado "o dinheiro branqueia" é verdadeiro, mas só se aplica raramente. Certo, um negro de Minas Velhas que possuísse uma enorme fortuna seria doutor em medicina e se encontraria à frente da Seção local União Democrática Nacional e poderia pertencer ao grupo A; mas isto, de fato, aconteceria? No que diz respeito a Minas Velhas, isto aconteceria uma ou duas vezes em uma vida.

A característica mais importante da estrutura social é a clivagem que se produz no interior do grupo B. Pode-se ver que este grupo é formado por pessoas que não podem ser enquadradas nem no grupo A nem no grupo C. Para estabelecer o limite inferior nós adotamos o critério racial, transferindo assim para o grupo C um negro que constituía um caso limite. Toda classificação exige, de fato, uma delimitação dos grupos mais estrita do que aquela que existe na realidade. A intervenção do critério racial não modifica a classificação tripartite senão num caso limite no que diz respeito ao grupo A e alguns poucos casos limítrofes no que diz respeito aos grupos B e C.

No conjunto, os três grupos seguem sendo os mesmos se nós fazemos intervir os quatro critérios que definimos. Consideraremos doravante não mais os limites, mas a estrutura interna do grupo B. O princípio da hierarquia guarda seu valor no interior de cada classe. O grupo B sendo bem mais numeroso permite verificar e encontrar uma série de camadas sociais superpostas. De fato, é no interior deste grupo econômico que se situa o corte que divide em duas a sociedade de Minas Velhas. De fato, é no interior deste grupo B que os

³⁸ Se nós supusermos em princípio que as atitudes dos três grupos raciais são as mesmas, as razões desta correlação são manifestas: o rico herda do rico, o dinheiro abre acesso à instrução e a instrução permite a orientação a profissões bem valorizadas.

termos Branco e Negro cessam de designar um tipo físico para designar uma categoria social. Em Minas Velhas, a primeira destas categorias está designada pelas expressões “os brancos” ou “os ricos” e a segunda pelas expressões “os pretos” (negros) ou “os pobres”. Qualquer detalhe concernentes à vida da pequena vila buscarão responder a esta distinção.

O edifício mais importante e o meio de entretenimento da rua principal, chamada “Rua do Clube” é o imóvel do Clube Social – centro recreativo tradicional da cidade. Segundo um título que lhe foi outorgado pelo Estado da Bahia, o Clube é uma “instituição beneficente, educativa e recreativa”. Para ter a denominação de benfeitores, os dirigentes do Clube se dedicam a estabelecer no papel projetos complicados para a divisão de fundos inexistentes; com relação à educação, eles reuniram uma biblioteca de alguns 500 livros e brochuras, a maior parte em língua estrangeira, que dormem nas estantes. Mas no plano recreativo o clube joga um papel essencial. Uma peça está dedicada ao Bilhar, jogo ao qual os membros mais jovens se dedicam todas as tardes. Joga-se xadrez e os jogos de sociedade (baralho, etc) em uma outra sala, que abriga também um aparelho de rádio e uma coleção de jornais de Salvador. Em geral, se jogam cartas numa sala situada aos fundos. Por fim, a sala mais ampla é destinada aos bailes que o Clube organiza freqüentemente e que são considerados os acontecimentos mundanos mais marcantes de Minas Velhas. O presidente do Clube, também o coletor de impostos do Estado, vos assegurará que qualquer um pode aderir ao Clube. De fato, as mensalidades são muito insignificantes, e apesar disto o clube não conta senão com um pequeno número de sócios. As adesões são limitadas pelo uso de um princípio de seleção muito eficaz e apenas dissimulado. Certo, todo mundo pode aderir ao Clube; mas para freqüentá-lo é preciso usar paletó e gravata. Além disto, se todos podem entrar no salão de baile, as mocinhas, conforme um dos princípios essenciais da vida social em Minas Velhas, não aceitam a qualquer um para dançar. Ao longo de muitos bailes aos quais assistimos no Clube, nós vimos apenas um negro, o filho de Waldemar, nas pistas de dança, dançando sempre com uma de suas cunhadas brancas. Todos os outros dançarinos eram brancos ou mulatos.

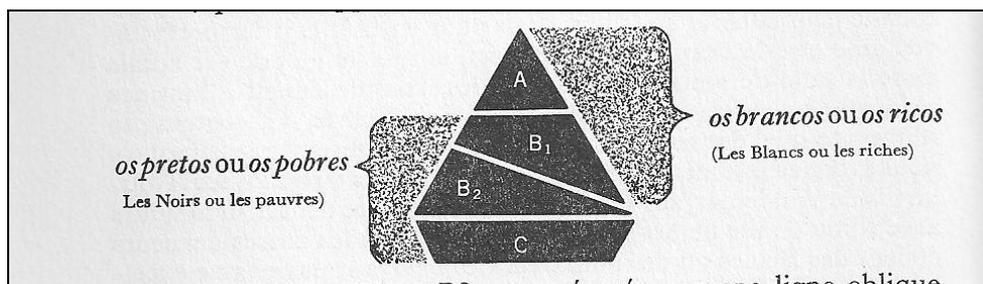
Estes bailes forneciam uma excelente ocasião de “marcar as distâncias”, como cada um aí “entrega”, os que são admitidos ao Clube e os que não são. Os que não vão ficam na rua, todos em frente à janela aberta do salão, a olhar os passos dos pares com um ar um pouco melancólico, até o final do baile. Às vezes, os espectadores são mais numerosos que os dançarinos. A luz que vem do salão mostra que os de fora são na maioria negros, mas também muitos mulatos, de pele apenas ligeiramente mais escura que os dançarinos e mesmo alguns brancos. Se perguntarmos a um membro do clube quem são aqueles que estão do lado de fora, ele responderá indistintamente que “são os pobres” ou que “são os pretos”. Quanto aos dançarinos, são designados por três expressões intercambiáveis: *os brancos, os ricos, e gente da alta.*

Não é necessário ficar surpreso com o fato de que, sempre, as duas raças estando representadas nos dois grupos, o primeiro seja designada de Brancos e o segundo de Negros. Isto não significa que a população de Minas Velhas não seja capaz de distinguir um Negro de um Branco, mas que os membros do Clube são sempre Brancos. Os que não o são possuem uma fortuna ou qualquer outro elemento de prestígio de modo a compensar sua “deficiência” racial. Do lado de fora, o grupo em frente à janela é composto de Negros: aqueles que sofrem de uma falta de riqueza, ou de qualquer outro elemento de prestígio, que desequilibra sua “superioridade” racial.

Assim, os brancos podem se subdividir em: 1. Brancos ricos; 2. Brancos com boa situação; 3. Brancos pobres; 4. Mulatos ricos; 5. Mulatos com boa situação; 6. Negros ricos.

E os Negros: 1. Brancos indigentes; 2. mulatos indigentes; 3. mulatos pobres; 4. negros indigentes; 5. negros pobres; 6. negros com boa situação. Em média, 90% dos negros, 50% dos mulatos e 10% dos brancos são excluídos dos bailes do Clube. Portanto, Grupo A – Brancos Ricos; Grupo B – Grupo intermediário; e Grupo C – Pretos Pobres.

FIGURA 1



As pessoas "com boa situação" se classificam na metade superior do grupo B e os pobres na metade inferior do grupo B. É, portanto, evidente que o grupo B se compõe de fato de duas classes distintas, que chamaremos de B1 e B2. (Ver figura acima). Nesta figura, B1 e B2 são separados por uma linha oblíqua, o que significa que certos membros da classe B1 ocupam, do ponto de vista da riqueza, da profissão e da instrução, uma posição mais elevada que certos membros da classe B2. Queremos com isto tentar precisar a verdadeira importância da raça enquanto critério social. O fator racial, se é menos determinante que o fator econômico, tem de todo modo o efeito de dividir em dois o grupo intermediário e de criar quatro classes que não existiriam sem sua intervenção.

Esta análise aprofundada da estrutura social foi indispensável para o entendimento de uma situação racial excepcionalmente complexa. É evidentemente impossível responder às questões: "Existem discriminações raciais"? E "Existem preconceitos raciais"?, antes de precisar as categorias raciais admitidas na sociedade que nós estudamos. Doravante, nós empregaremos neste estudo as expressões brancos-ricos e pretos-pobres para designar as raças³⁹ que nós havíamos definido do ponto de vista social. A existência de dois grandes grupos raciais somente demonstra a ausência de estereótipos relativos aos mulatos enquanto tais.

VIII.

O carnaval representa o ponto alto da estação mundana de Minas Velhas. O centro tradicional das festas é o Clube Social, que organiza três bailes costumeiramente muito animados nas três noites consecutivas, numa atmosfera saturada de perfumes inebriantes. Em outros tempos, os dançarinos percorriam as ruas em farândolas (cordões ou blocos) para exibir seus trajes, suas fantasias. Se numerosos brancos freqüentam há muito tempo as festas do Clube, os pretos-pobres de Minas Velhas não participam delas nunca.

³⁹ Esta expressão é evidentemente inexata, porque ela designa classes sociais ao mesmo tempo que grupos raciais. Nós os empregaremos na falta de uma expressão melhor e em razão da correlação estreita que existe entre "superior" e "Branco" e "inferior" e "negro de outra parte."

Depois de alguns anos, os pretos-pobres se mostraram cada vez mais desapontados por não poder divertir-se ao mesmo tempo que os brancos-ricos, neste período onde a alegria deve ser universal. Um pequeno grupo de aventureiros políticos brancos-ricos, adversários da facção no poder, desejando apropriar-se deste estado de espírito para criar uma força política nova, lança a idéia de um carnaval para os pretos-pobres. Este projeto, - obra de demagogos cínicos, quase todos membros do Clube Social - recebeu um acolhimento entusiástico da parte dos pretos pobres, onde a maior parte ignorava o que estava abaixo do caso. Sem portanto perceber a intenção da cúpula. Como disse um dos autores do projeto: "Eles (os pretos pobres) vão pensar daqui a 20 anos, mas são muito bestas para tomar uma iniciativa". A idéia, uma vez lançada, tomou vida própria.. Entretanto, um carnaval reservado aos pretos-pobres parecia insuficiente: aqueles que não pertenciam ao Clube iriam se divertir apenas uma vez por ano. Na primavera de 1948, uma reunião pública foi convocada para discutir a criação de um Clube rival ao Clube social. Os dísticos do novo organismo deveriam ser "de natureza caritativa, recreativa e educativa". Criado sob o título oficial de Sociedade dos Pobres, o Clube é comumente chamado Sociedade dos Pretos. Ele se ocupou de preparar o carnaval e de construir um imóvel. Com grande indignação dos brancos-ricos, escolheram como lugar um terreno bem próximo ao Clube Social. O dinheiro necessário foi rapidamente levantado pelos sócios dos pretos pobres, encantados com o caso. Mas, depois do carnaval, as atividades da Sociedade dos Pobres e os trabalhos de construção diminuíram de velocidade: os dirigentes do novo Clube não tinham experiência e os brancos-ricos lhes opunham uma resistência dura a seus projetos. Contudo, três carnavais seguidos foram organizados pelos pretos-pobres. Se o novo Clube disponha ou não de um imóvel para si, pouco importa do nosso ponto de vista. A gravidade da divisão social à qual ele deve sua origem aparece nos extratos abaixo extraídos das discussões da primeira reunião da Sociedade:

[A palavra está com o orador - orador oficial⁴⁰]

O Orador: - Caros concidadãos e amigos, a Sociedade dos Pobres, que lindo nome! Que título simpático! Felizes são os humildes, diz o Evangelho. Esta Sociedade é verdadeiramente formada pelos pobres e para os pobres. Mas, entendamos bem, os pobres, por seu trabalho honesto e fecundo, representam uma força e uma riqueza que o egoísmo dos ricos não poderá jamais destruir...

Que sublime ideal, aquele que inspirou os fundadores da Sociedade dos Pobres! Examinemos mais de perto: o lema "de ordem educativo", quer dizer, que a Sociedade se encarregará de difundir a instrução, o aprender a ler e escrever de seus membros, de modo que eles saibam ao menos assinar seus nomes⁴¹. O lema " de ordem recreativa", quer dizer que a Sociedade se propõe propiciar a seus membros momentos de lazer, onde eles possam esquecer os problemas da vida cotidiana nos jogos, nas danças e nos sambas que nós amamos igualmente. O lema " de ordem caritativa" quer dizer que nossa Sociedade constituirá um Fundo ... para ajudar aos necessitados, membros ou não da Sociedade... Logo que conheçam nossos objetivos os poderes públicos não poderão fazer mais do que oferecer seu apoio....

.....
É assim, entre aclamações entusiásticas daqueles que não se entristecem mais de sua humilde condição, após entender que o direito de possuir um Clube não é privilégio dos ricos, que foi fundada a Sociedade dos pobres."

⁴⁰ Este orador era o dirigente local do Partido dos Trabalhadores Brasileiro (P.T.B). Em 1950 , este partido foi vitorioso nas eleições gerais, mas chegou em Minas Velhas apenas o eco disto.

⁴¹ Aqui a política mostra sua orelha: se os membros da Sociedade souberem ler e escrever, eles poderão votar nas próximas eleições.

De todo modo, o carnaval dos pretos-pobres não significa apenas um modo de se distrair. Os preparativos do carnaval duram dois meses e mais. Cada ano, é necessário lançar novas canções, e organizar numerosos ensaios para ensinar as letras a todos que vão participar do *cordão*. Os ensaios dos pretos-pobres são organizados com a intenção de “fazer melhor” do que os brancos-ricos, de preparar bailes mais brilhantes e mais animados que eles. Durante a festa propriamente dita, os pretos-pobres saem da sala do baile, que eles alugam para a ocasião, e vão desfilam em frente ao Clube Social. Nesta ocasião, os que fazem parte do cordão procuram vestir as melhores fantasias, cantam, dançam e se mostram os mais brilhantes e festivos que é possível.

Tais competições públicas acontecem desde muito antes da criação do carnaval dos pretos-pobres, de fato, desde o início do século XX pelo menos duas vezes ao ano. Primeiro, nas Festas de Reis, que tiveram na origem um caráter religioso, mas que hoje são essencialmente laicas. Na origem, ela comemorava a viagem dos Reis Magos para a gruta de Belém. Ela dá lugar a uma procissão de moças que desfilam lentamente à luz de tochas pelas ruas da cidade. Todas as jovens vestem roupas iguais; elas avançam lentamente em duas filas, dançando e cantando com o acompanhamento de castanholas e outros instrumentos musicais e se dirigem para uma casa, escolhida previamente, onde um baile é organizado para fechar a noite. A cada ano, as roupas e as músicas ilustram um tema diferente. Em Minas Velhas, todas as jovens participam da festa, sejam pretas-pobres ou brancas-ricas. No entanto, duas festas diferentes são organizadas simultaneamente: um e outro grupo - aquele a quem tocou a iniciativa - organiza a cerimônia. A organização das roupas e o desenvolvimento da procissão são regras para que haja uma grande festa, para que o Reis das pretas seja melhor organizado que o Reis das brancas.

Outro objeto de rivalidade é a orquestra municipal. Entre 1910 e 1940. Minas Velhas possuía duas filarmônicas; uma dependia do Clube Social e a outra ligada à confraria religiosa do Rosário. (Irmandade do Rosário), hoje desaparecida, também chamada Irmandade dos Negros. Assim que a Igreja do Rosário que estava em ruínas, foi demolida, a irmandade se desagregou e sua orquestra foi dissolvida, deixando a do Clube dona do território. Mas em 1922, os músicos pretos-pobres se reagrupam para fundar a “Lyra dos artistas”. Assiste-se agora a uma intensa rivalidade entre os dois grupos, cada um procurando eclipsar o outro pelo brilho de seus uniformes e de seus instrumentos. O Clube Social acabou por contratar, para formar futuros músicos, um professor de música, mas com a morte dele, a organização periclitou e, no momento atual, a Lyra triunfa incontestemente.

A Irmandade do Rosário por si só representa uma interessante manifestação do cisma racial. Ela coexistiu com uma irmandade “branca”; seus dirigentes eram brancos, mas a massa de seus membros era formada por negros. Numa disputa que estourou entre o tesoureiro e o bedel (secretário?), o sacristão da igreja tomou partido pelo último. A querela tinha razões políticas, raciais e sociais - como foi mais tarde o caso da Sociedade dos Pobres. Enquanto ela se instalava, a água se infiltrou no teto da igreja que acabou por afundar, colocando todos de acordo.

A festa de S. Sebastião oferece à rivalidade racial uma outra ocasião de se manifestar. Durante 75 anos, sua organização está confiada à mesma família negra, que deu a S. Sebastião o primeiro lugar no oratório familiar. Pouco a pouco, a festa passou a ser chamada de “festa dos pretos”, apesar de que os brancos-ricos assistem à missa do dia e participam da quermesse que constitui sempre o ponto alto deste tipo de festa. A presença de um

grande número de branco nas vendas do ano anterior inspirou a um dos organizadores negros a seguinte reflexão: "Eles, [os brancos-ricos] não nos convidam a sua festas, mas nas nossas eles estão como se estivessem em suas casas".

Reconhecemos, entretanto, que as cerimônias e as manifestações que permitem às diferenças de classe e de raça se exprimirem de modo muito marcado são pouco freqüentes. O comportamento das diversas classes não é muito distinto na essência, e as reações emotivas só são raras em casos raros onde o fator racial joga um papel preponderante. Existem em Minas Velhas profundas distâncias nos espaços onde brancos e pretos se encontram. Nenhuma tensão é possível entre o grupo A e o grupo C ou entre o grupo B e grupo C, onde as duas categorias econômicas e raciais são bem representadas. É precisamente porque estas diferenças entre os grupos são muito fortes que não é possível nenhuma tensão. Não se pode, sem distorcer os fatos, pretender que a situação que descrevemos se caracterize como uma "luta de classes" provocada por motivos econômicos. Os grupos B e C não têm de nenhuma forma o sentimento de serem oprimidos; todos os habitantes de Minas Velhas estão convencidos da justiça e da legitimidade das distinções sociais.

Naquela comunidade rural negra [Baixa do Gambá] nenhuma idéia é mais enraizada do que a da superioridade das elites. As manifestações que poderiam fazer crer na existência de um estado de tensão entre classes são raras porque não é o princípio da hierarquia que é contestado, mas a maneira pela qual este princípio é interpretado num determinado escalão da hierarquia – mas precisamente na fronteira entre os grupos B1 e B2. Neste nível particular o fator econômico não entra na linha de consideração; na verdade, o grupo B se constitui, do ponto de vista estritamente econômico, uma categoria única. As tensões provêm precisamente da ausência de diferenças fundamentais entre as partes interessadas. Os negros do grupo B2 não buscam destruir ou rebaixar a seu nível, o grupo B1: eles querem penetrar aí. E eles são excluídos não por razões econômicas, mas por razões raciais. O objeto do debate é a importância relativa do critério racial: onde os Brancos têm uma tendência a exagerá-lo e os Negros a minimizá-lo. Também não podemos considerar as discriminações raciais como a contra-face negligenciável das distinções sociais. Alguns brancos enxergam duas classes onde os negros só vêem uma. Ao recusar dançar com os negros no Clube Social e nas recepções mundanas as moças brancas resolveram a questão. Os negros que são instruídos, que têm dinheiro, que se vestem corretamente, entretanto, não podem participar da vida da classe social da qual eles sentem participar. Eles são o objeto de uma discriminação e eles a sofrem. É neste sentido, limitado, mas extremamente importante, que existem em Minas Velhas verdadeiras tensões raciais.

É o negro que ascendeu que se irrita mais e que se arrisca mais em se revoltar contra a barreira racial que o separa do homem branco. Artesão como tantos outros, ele assegura no seu pequeno atelier familiar uma produção medíocre, no meio de uma tecnologia muito primitiva que ignora a máquina. Suas ferramentas são as mesmas que as dos outros; eles fabricam os mesmos produtos e, apesar disto, alguns de seus companheiros são admitidos nos bailes do Clube Social e eles são excluídos. Sebastiana é negra, ela trabalha o ferro com habilidade, possui uma forja e fabrica grades (estribos) que são muito procuradas. Sebastiana tem a reputação de não poupar as críticas aos brancos-ricos; ela é a organizadora do "Reis dos Pretos". "Se diz que eu me julgo superior aos brancos, - nos diz ela - mas isto não é assim. Eu ganho minha vida. Eu conheço minha profissão. Eu tenho meu trabalho como eles têm o deles, Eu sou tão hábil quanto eles. Porque eles seriam melhores do que eu?" Seis meses depois dessas declarações, e como para a confirmar,

Sebastiana casou-se com um Branco. Esse homem não tem profissão nem renda fixa e Sebastiana lhe ensinou o ofício de ferreiro. Ela não tinha nada contra os Brancos em geral, mas apenas contra aqueles que se pretendem superiores a ela.

A atitude de Sebastiana apresenta um contraste marcado com os negros da classe C Estes raramente têm ocasião de provar da influência do fator racial. É assim que José, um pobre arrendatário negro, nos declarou: “ Os brancos de Minas Velhas nos tratam bem. Eles não nos chamam de “antas” ou “negros”. Dona Autélia [esposa do mais rico proprietário fundiário da cidade] encomendou um vestido a minha mulher. É uma grande dama”.

Pode-se encontrar as tensões raciais por toda parte em que, mantidas a igualdade em todas as outras coisas daqueles em ascensão, o negro é tratado de um modo incompatível com a importância relativa que ele atribui ao fator racial; dito de outra forma, estas tensões se farão freqüentes na categoria intermediária. É pouco provável, em troca, que se faça presente na classe A, que conta com muito poucos negros, e na classe inferior, onde existem muito poucos brancos.

Assinalamos todavia um caso , eminentemente significativo, de tensão racial na classe inferior. Em 1940, a prefeitura de Minas Velhas foi estimulada, com o apoio do governo estadual e do governo federal, a criar escolas nas comunidades rurais isoladas. As escolas foram efetivamente criadas em todos os principais distritos, à exceção de Baixa do Gambá, comunidade de arrendatários negros situado a cerca de 15 quilômetros da cidade. Aparentemente, estas comunidades isoladas consideravam uma escola como um luxo inacessível – e veja que aparentemente eles tinham direito a ela. Os habitantes de Baixa do Gambá puseram-se a reclamar em grandes gritos um direito que se lhes estaria sendo recusado pela única razão de que eles eram negros. O senhor Waldemar se fez o defensor desta causa. O extrato abaixo de um discurso pronunciado por ele na Câmara de Vereadores ilustra bem seus sentimentos:

Senhor Presidente, eu pedi a palavra para prestar contas a esta Câmara da visita que eu fiz à nova escola municipal de Baixa do Gambá. Eu não sei porque esta assembléia se mostrou desfavorável a meu projeto de criação de uma escola em Baixa do Gambá... E verdade que este projeto acabou por ser aprovado depois de muita discussão... Mas a questão não ficou regulada por enquanto. Outras dificuldades, mais graves ainda, se apresentaram logo que se colocou em funcionamento a escola. Pode ser que se isto se deva ao fato de não se haver encontrado imediatamente uma professora. Mas, na minha visão, a única razão destas dificuldades é que o distrito é povoado por negros. E, portanto, os negros têm, eles também, o direito de aprender a ler e a escrever, porque, senhor presidente, os negros são, eles também, criaturas de Deus...

No momento que a escola enfim abra as suas portas, nós vemos bem que os negros de Baixa do Gambá têm verdadeiramente o desejo de aprender a ler e a escrever. A escola permitirá, para o futuro, trazer ao nosso mercado produtos mais importantes que a madeira e a palha, porque a instrução abre ao povo o caminho do progresso. Os dados de freqüência à escola provam bem que apesar de sua lamentável situação econômica, os negros de Baixa do Gambá aspiram a todas as boas coisas deste mundo...

Os brancos têm geralmente tendência de atribuir ao negro um nível inferior à àquele que ele se atribui a si mesmo. Mas a situação é modificada na prática pela intervenção determinante do fator econômico. Todavia, mesmo na classe inferior – como o mostra o exemplo da escola de Baixa Grande – se vê por vezes manifestarem-se sintomas alarmantes. A hierarquia social em Minas Velhas é como uma cortina espessa que abafa os sons; no entanto, se o mesmo é

destapado, inquietantes rumores de protesto se fazem ouvir. Os germes de um mal-estar racial subsistem abafados pelo edifício social? Nós nos esforçaremos para responder a esta pergunta no próximo item deste texto. Para isto, vamos inicialmente recapitular as características principais das relações entre as raças em Minas Velhas:

1. O comportamento real não responde senão parcialmente à idéia que se pode ter frente aos estereótipos raciais e o valor teórico das características raciais.
2. A raça joga um papel menos importante que a riqueza na determinação da posição social.
3. A raça, a fortuna, a profissão e a instrução constituem critérios tão pouco diferentes que a maioria dos negros se encontrariam na base inferior da sociedade mesmo se não se tomar em conta as diferenças raciais.
4. Todavia, ao interior do importante setor intermediário da sociedade, a raça permite distinguir dois grupos dentro de uma categoria econômica única.
5. Esta distinção é contestada pelos negros e mulatos, que, tomados critérios outros que não o critério racial, deviam ocupar um nível igual ou superior àquele que ocupam de fato.
6. Os negros começaram a replicar (reproduzir) certas manifestações das quais são excluídos.
7. Atualmente, tais reproduções são em pequeno número e relativamente pouco importantes; mas elas constituem sem nenhuma dúvida, a expressão concreta de uma tensão racial.
8. Em todo tempo, tensões raciais se produzem igualmente no interior da classe intermediária, mas as manifestações às quais elas dão lugar são puramente verbais e sem caráter de violência.

IX

Não é possível subestimar a possibilidade de ver as tensões raciais se **intensificarem e se generalizarem em Minas Velhas**. Mesmo se alguma verdadeira discriminação racial não se manifesta no comportamento real, a existência de estereótipos tão odiosos como aqueles que nós citamos deveria denotar a existência de um antagonismo "racial" na sociedade considerada. Mas nós vimos por outro lado que a atitude prática e a atitude teórica são bem possíveis de se redefinirem, se à definição física de negro, se agregar a definição de "negro-pobre". O negro pobre, membro de um grupo social definido, é efetivamente tratado como inferior e não é possível crer que esta atitude corresponda, na maioria dos casos, a uma simples diferença de classe.

Minas Velhas, caracterizada pela predominância da indústria familiar e da classe de artesãos, não é exatamente uma vila brasileira típica. Mas este fato mesmo talvez permita desvelar as primeiras manifestações de um estado de coisas que pode se generalizar no Brasil agrícola. Do ponto de vista das relações entre raças e entre classes, o desenvolvimento do artesanato familiar tem como conseqüência o fazer coexistir, no interior de um mesmo grupo econômico, os brancos, de uma parte, e um número excepcionalmente elevado de negros e de mulatos, de outro lado. Os brancos gozam, ainda, no conjunto, de um nível de vida incontestavelmente mais elevado; mas um número considerável de negros, o que não é regra no Brasil, podem rivalizar com eles. A correlação normal entre o fator racial e o fator econômico se encontra em grande medida falseada; o Branco constata que um grande número de negros ocupa um nível superior àquele que eles deveriam, segundo julga, ocupar, e se esforça por restabelecer um equilíbrio conforme aquilo que definem os estereótipos. Os

negros não são absolutamente excluídos das situações onde eles se encontram iguais ou superiores a certos brancos; mas eles podem ser aí admitidos sem grande risco para os brancos senão em número estritamente limitado.

Este número ou contingente é determinado em função da distância - indefinida mas não infinita - que separa o comportamento teórico do comportamento real. Com efeito, quanto mais os brancos admitam negros na classe "brancos ricos", mais lhes é difícil se conformar por sua vez com o desprezo absoluto exigido pelos estereótipos e pelo princípio que diz que "o dinheiro branqueia". Cada vez mais os negros branqueados pelo dinheiro são numerosos e é necessário mais dinheiro para se branquear. À medida em que se cruza a diferença entre a hierarquia social sub-representada por brancos e a verdadeira hierarquia social, a importância relativa da raça enquanto critério social tende a aumentar.

De mais a mais Negros se vêm recusar - pela simples razão de que são negros - , o lugar que lhes seria devido na hierarquia social. O despeito e a hostilidade assim criados se traduzem pela aparição de instituições que são cópia daquelas dos brancos e rivalizam com elas (dois clubes, duas filarmônicas, duas irmandades, duas festas de reis). Apesar de que, no momento, é pequeno o número de instituições assim copiadas, esta tendência é inegável. De fato, se se deixa aprofundar o fosso entre brancos-ricos e pretos-pobres, não é impossível que a maior parte das instituições comecem a existir em dois exemplares e que a comunidade se cinda em duas, dando lugar ao nascimento do sistema de castas.

De toda evidência, uma elevação importante do nível de vida média no futuro próximo deverá **agravar** o perigo. Uma tal elevação produzirá obrigatoriamente uma redução considerável do número imenso de indivíduos iletrados, indigentes, ou sem renda fixa, que formam o grupo sócio-econômico inferior; e cerca de 90% são mestiços. No Brasil, a ação das autoridades e a evolução histórica das regiões subdesenvolvidas têm o efeito de reduzir, lenta mas seguramente, os efetivos das classes inferiores e de crescer o número dos indivíduos da classe intermediária. Este progresso, seja deliberado ou não, é, sobretudo, o progresso de uma minoria racial que há 65 anos apenas se encontrava ainda na escravidão. À medida que as frações desfavorecidas da população beneficiadas pela educação para todos e pelo crescimento dos salários em geral, da categoria de serviços domésticos, se poderá chegar a ver a distinção entre as classes sociais inferior e superior se fazer tendo em conta, tudo, menos o critério profissional. É seguramente possível que o crescimento do número de indivíduos com possibilidade de ascender a uma situação *desejada* na hierarquia social corresponda igualmente ao crescimento das tensões raciais.